

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

MARIANA CAMPOS CAPRA

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DAS JOGADORAS DE FUTEBOL BRASILEIRAS

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

MARIANA CAMPOS CAPRA

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DAS JOGADORAS DE FUTEBOL BRASILEIRAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Antônio Carlos Hohlfeldt

Porto Alegre

2024

MARIANA CAMPOS CAPRA

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DAS JOGADORAS DE FUTEBOL BRASILEIRAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ___ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Cristiane Finger Costa

Prof^a. Dr^a. Sandra de Fátima Batista de Deus

FICHA CATALOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

Não poderia concluir esta dissertação sem agradecer aos meus pais, Sílvia e Luiz Antônio, e ao meu irmão, Filipe, por terem me dado forças e incentivo para que eu pudesse finalizar este trabalho. Superar os desafios impostos pela mudança para São Paulo não foi uma tarefa fácil, mas, com certeza, só se tornou possível com o apoio recebido pela minha família. Sou imensamente grata pelo privilégio que é tê-los ao meu lado.

Ao meu orientador, Antônio Hohlfeldt, agradeço por não ter me deixado desistir e tampouco deixado de acreditar no potencial deste trabalho. Não seria possível concluir esse trabalho sem o incentivo, a compreensão e os puxões de orelha, necessários, recebidos.

À professora Cristiane Finger, coordenadora do PPGCOM na época em que ingressei, agradeço por ter acreditado na aluna que fui durante a graduação e sido fundamental pra que eu pudesse ingressar no Mestrado. Ainda, meu muito obrigada pelas considerações durante a banca de qualificação e por ter acompanhado a evolução deste trabalho até a defesa final, agradecimento que estendo, também, à professora Sandra de Deus.

Ao professor Juremir Machado, coordenador do PPGCOM quando concluo esta etapa, e ao Radler, agradeço pela compreensão e suporte quando foi necessário o trancamento do curso.

À Famecos, que sempre foi minha casa, sou grata por todos os momentos que vivi nesse lugar incrível e é de imensa felicidade concluir mais uma etapa da minha trajetória acadêmica nesse ambiente que me fez quem sou hoje.

Ainda, agradeço aos amigos que suportaram comigo esse processo, sem soltar a minha mão nos momentos de maior dificuldade ou ausência.

RESUMO

Este estudo busca responder de que maneira a mídia é responsável pela construção da imagem das jogadoras de futebol feminino por meio das transmissões de partidas de campeonatos oficiais pela televisão. São analisadas as transmissões das finais de 2021 do Brasileirão e Libertadores feminina, que ocorreram em 26 de setembro e 21 de novembro, respectivamente. Essas são as primeiras edições após a ascensão rápida da modalidade ocasionada em 2019 e já com o retorno do público após o período de pandemia. As principais temáticas abordadas são as identidades e o futebol feminino, a partir de Mills (2014) e Silva (2020), transmissões de rádio e televisão no futebol masculino e feminino, por meio de Coelho (2004) e Poletto *et al* (2015), e a história dos campeonatos femininos de maior relevância no Brasil. São utilizadas as pesquisas bibliográfica e documental, para a contextualização teórica, e o protocolo metodológico da Análise de Conteúdo, para a análise das transmissões. Os resultados obtidos apontam a necessidade da mídia de observar e tratar as atletas como profissionais, adotando uma visão crítica para quebrar os padrões de gênero que configuram a sociedade brasileira atual.

Palavras-chave: Identidade. Futebol feminino. Libertadores. Brasileirão. ESPN. SporTV.

ABSTRACT

This study seeks to answer how the media is responsible for building the image of female soccer players through broadcasts of official championship matches on television. The broadcasts of the 2021 Brasileirão and women's Libertadores finals, which took place on September 26 and November 21, respectively, are analyzed. These are the first editions after the rapid rise of the sport in 2019 and with the public returning after the pandemic period. The main themes covered are identities and women's soccer, based on Mills (2014) and Silva (2020), radio and television broadcasts on men's and women's soccer, through Coelho (2004) and Poletto et al (2015), and the history of the most relevant women's championships in Brazil. Bibliographic and documentary research is used for theoretical contextualization, and the Content Analysis methodological protocol is used to analyze transmissions. The results obtained point to the need for the media to observe and treat athletes as professionals, adopting a critical view to break the gender patterns that shape current Brazilian society.

Key-words: Identity. Women's soccer. Libertadores. Brasileirão. ESPN. SporTV.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Total de casos anual.....	20
Gráfico 2 – Discriminação e preconceito nos esportes	21
Quadro 1 – Intolerância no futebol	21
Gráfico 4 – Ocorrências de partidas de futebol com mulheres no Brasil entre 1915 e 1941	25
Figura 1 – Narração em diagonal.....	52
Figura 2 – Audiência do Campeonato Feminino Brasileiro no Twitter.....	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 IDENTIDADES E FUTEBOL FEMININO	11
2.1 BRASIL, PAÍS DO FUTEBOL.....	11
2.1.1 A Intolerância no País do Futebol	17
2.2 A MULHER NO FUTEBOL BRASILEIRO.....	22
2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE E NO FUTEBOL.....	32
2.4 IDENTIDADE.....	40
2.4.1 A Disputa pela Identidade Feminina no Subcampo do Futebol.....	45
3 ESPORTE E MÍDIA	50
3.1 TRANSMISSÕES DE RÁDIO E TELEVISÃO NO FUTEBOL.....	50
3.2 TRANSMISSÕES DE FUTEBOL FEMININO NO BRASIL	58
3.3 CAMPEONATO BRASILEIRO FEMININO A1.....	66
3.4 LIBERTADORES FEMININA.....	69
4 ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS DAS FINAIS DO BRASILEIRO E LIBERTADORES	73
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	73
4.2 ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES	76
4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata da construção da identidade das jogadoras de futebol no Brasil, a partir da análise das transmissões das finais femininas do Brasileirão e da Libertadores de 2021, realizadas pelos canais SporTV e ESPN, respectivamente. Abordando a imagem do Brasil como país do futebol, a maneira como ocorre a construção das identidades, o papel das mulheres no esporte e a história das transmissões no esporte feminino, este trabalho busca entender como se dá a construção da imagem das atletas pela mídia, durante as transmissões das partidas de maior relevância no cenário nacional.

Um esclarecimento inicial se faz necessário: o emprego das expressões *futebol feminino*, como geralmente é denominado pela mídia, e *futebol de mulheres* possui o mesmo significado, ou seja, ambas representam a mesma coisa. Na totalidade deste trabalho, entretanto, opta-se pelo uso da expressão *futebol feminino*.

Este estudo é relevante para a área de comunicação e para o jornalismo, uma vez que trata do modo como a mídia contribui para o processo de formação e propagação de identidades de atletas do futebol feminino. Além disso, aborda uma modalidade que ainda apresenta baixa representatividade no cenário acadêmico, colaborando para a visibilidade do esporte praticado por mulheres.

Busca-se aqui estabelecer qual é o papel e de que maneira se dá a influência da mídia na construção das identidades das jogadoras de futebol feminino no Brasil, levando em consideração a alcunha de *país do futebol*, a partir das finais da Libertadores e do Brasileirão, as duas principais competições do calendário dos clubes femininos brasileiros. A presente dissertação tem como objetivo analisar as transmissões de televisão dos eventos citados realizadas pelos canais fechados ESPN e SporTV, em 2021, e discutir como os veículos constroem a identidade das atletas. Busca, também, conceituar *identidade* e *gênero*, estabelecendo uma relação entre as identidades *individuais* e de *nação*, com a relação entre os brasileiros e o futebol. Procura, enfim, revisitar a história do futebol feminino no Brasil, o surgimento das transmissões esportivas e sua evolução nas modalidades masculina e feminina.

A dissertação está organizada em cinco capítulos, incluindo nestes a “Introdução” e as “Considerações finais”. No segundo capítulo, “Identidades e futebol feminino”, para abordar o Brasil como *país do futebol*, são utilizados como principais autores DaMatta (1994), Guterman (2009), Helal e Cabo (2014) e Mills (2014). Para

compreender o surgimento da mulher no futebol brasileiro, emprega-se, majoritariamente, Silva (2020) e Souza Júnior e Reis (2018). Conceitos de *gênero* e *identidade* são abordados através das obras de Castells (1999) e Scott (2017), entre outros. Nesse mesmo capítulo, é tratada a questão da intolerância, no país do futebol, permitindo olhar para esse fenômeno social para além de uma visão romantizada, a partir da compreensão de que o Brasil é atravessado pelo racismo, pela lgbtfobia, pela xenofobia e pela misoginia. A partir de Bourdieu (1989; 1997; 2012; 2019) e de outros autores, trata-se de destacar as disputas que se verificam no interior do subcampo futebol, em especial na realidade brasileira, a partir do ingresso das mulheres nesse universo.

No terceiro capítulo, “Esporte e mídia”, é estabelecida a relação entre mídia e esporte, por meio das transmissões de rádio e televisão, tanto do futebol masculino quanto do feminino, abordando a maneira como o esporte pauta a mídia, ao mesmo tempo que se adapta às necessidades desta, baseando-se, principalmente, nos autores Coelho (2004) e Poletto *et al* (2015). Aborda-se, ainda, o surgimento e o desenvolvimento do Brasileirão e da Libertadores feminina.

No quarto capítulo, “Análise das transmissões esportivas das finais do Brasileiro e Libertadores”, é realizada a discussão sobre os objetos de estudo da presente dissertação. Para a construção da análise, são utilizadas as pesquisas bibliográfica e documental, a partir das ideias de Stumpf (2005), Moreira (2005) e Gil (2008). Utiliza-se, ainda, o protocolo metodológico da Análise de Conteúdo, com base em Chizzotti (2014) e Bardin (2016).

Os jogos escolhidos como objetos desta análise se justificam, uma vez que são os mais importantes da categoria, por se tratarem de conquistas de título, dentro do cenário do futebol feminino brasileiro de hoje, que tem como principais competições, em seu calendário anual, o Brasileiro e a Libertadores. Essas são as primeiras edições após a expansão da modalidade, em 2019, e com o retorno do público às arquibancadas, após a pandemia de covid-19.

Os resultados obtidos na análise verificam que se estabelece um espaço de disputa na formação da identidade das mulheres jogadoras de futebol. Ora aparecem os preconceitos que sempre estiveram lado a lado com o esporte brasileiro, ora surgem novas narrativas que apontam que o futebol é, igualmente, das mulheres. O papel dos profissionais de mídia, tal qual as diferenças de gênero destes, também é

observado e pode-se aferir que o lugar de homens e de mulheres é distinto na formação dessas identidades.

Conclui-se que é necessário que a mídia enxergue as atletas como profissionais, com um olhar mais amplo do que representam para a modalidade e para o Brasil. Uma visão crítica é indispensável para quebrar os padrões de gênero que se estabeleceram no passado e perduram até hoje na sociedade brasileira, principalmente no esporte.

2 IDENTIDADES E FUTEBOL FEMININO

2.1 BRASIL, PAÍS DO FUTEBOL

O futebol surgiu na Inglaterra, no século XIX. À época, era regido por regras distintas, conforme o local de realização dos jogos. Em outubro de 1863, ocorreu uma reunião com representantes dos clubes da área de Londres, com o objetivo de criar uma associação e estabelecer um código de regras únicas para a prática do esporte. Foi nesse encontro que surgiu a Football Association, a Associação Inglesa de Futebol. O novo esporte, com suas normas recém-estabelecidas, foi chamado, então, de *association football* e as equipes passaram a se multiplicar nos anos seguintes, com a primeira edição da Taça da Inglaterra sendo disputada em 1872 (MILLS, 2014).

Em maio de 1880, foi fundado, no Brasil, por um grupo de britânicos, o clube social esportivo São Paulo Athletic Club (SPAC) que, futuramente, tornar-se-ia o Clube Atlético São Paulo. O objetivo era dispor de um local para a realização de seus eventos sociais e para a prática de esportes ao ar livre. Dentre os ingleses envolvidos no princípio do SPAC, estavam Peter Miller e Percy Lupton, tios de Charles Miller (MILLS, 2014)¹.

Em julho de 1884, Charles Miller, de família inglesa, mas nascido no Brasil, foi à Inglaterra para estudar, uma vez que o país sul-americano não possuía escolas bilíngues e a família desejava que sua formação fosse feita em inglês. Já na Europa, aproximou-se do futebol e passou a atuar na equipe da escola e, como convidado, em diversos times amadores do Reino Unido. O jovem teve destaque por onde passou, acadêmica e desportivamente, na organização e prática do futebol (MILLS, 2014).

Pouco mais de dez anos depois de sua partida, em outubro de 1894, Miller retornou ao Brasil, trazendo na mala itens que mudariam a história do esporte brasileiro, sendo eles um livro de regras da Association Football, camisas das equipes da Banister Court School e St. Mary's, que defendeu durante sua estada na Inglaterra, duas bolas de futebol de capotão, feitas de couro curtido e de bexiga de boi, um par de chuteiras e uma bomba para encher as bolas (MILLS, 2014).

No fim do mesmo ano em que retornou ao seu país de origem, Miller se associou ao SPAC, encontrando um clube voltado ao críquete. Outros esportes que estavam na moda, naquela época, eram o turfe, a ginástica, o ciclismo, o golfe e o

¹ A questão da intolerância que permeia a chegada e desenvolvimento do futebol no Brasil, com temas como elitismo, racismo, lgbtphobia, xenofobia e misoginia, será tratada em subcapítulo a seguir.

remo. Todas as modalidades citadas eram consideradas individualistas por ele, que desejava difundir o futebol que tanto praticara na Inglaterra, agregando amizade e exercício físico, além de espírito coletivo (MILLS, 2014).

Em 1894, o futebol ainda não era conhecido no Brasil, cerca de 31 anos após sua regulamentação na Inglaterra, apesar dos contatos frequentes entre os países e do alastramento do esporte por toda a Europa. Na Argentina, país vizinho, a modalidade passou a ser praticada em 1882, com a fundação da Buenos Aires English School. Miller, então, tomou a si a missão de difundir o esporte entre os conterrâneos e passou a reunir os amigos e colegas de trabalho para apresentar e ensinar o jogo, sempre aos sábados, dia reservado para o descanso laboral, ou, como estes preferiam, para a prática esportiva (MILLS, 2014).

O primeiro jogo de futebol conhecido no Brasil foi organizado por Miller e ocorreu em abril de 1895, na Várzea do Carmo, em São Paulo. A partida respeitou as mesmas regras estabelecidas em Londres, pela reunião da Associação Britânica de Futebol, em 1863, e, salvo algumas modificações, como a regra do impedimento, as diretrizes do esporte permanecem as mesmas até os dias atuais. A reunião despertou a curiosidade dos moradores da região do Bom Retiro, que passaram a se interessar pelo futebol. Em pouco tempo, o esporte passou a ser difundido de maneira informal entre os grupos de amigos, e a bola, antes jogada com as mãos, passou a ser chutada com os pés. Nas ruas, bolas de pano, de papel ou de meia já eram suficientes para popularizar o futebol nos terrenos baldios e pátios de colégios (MILLS, 2014).

Em dezembro de 1901, em reunião realizada na sede do Sport Club Internacional, em São Paulo, foi fundada a Liga Paulista de Futebol, por iniciativa de Antônio Casimiro da Costa. A liga encontrou seu sustento na cobrança de ingresso para as partidas, em um valor de dois contos de réis. O primeiro campeonato de futebol a ocorrer no Brasil contou com cinco equipes: São Paulo Athletic Club, Associação Atlética Mackenzie College, Sport Club Germânia, Sport Club Internacional e Clube Athletico Paulistano, sendo disputado em maio de 1902, no campo do Parque Antarctica (MILLS, 2014).

O futebol, esporte inventado pelos ingleses, chegou ao Brasil por meio de um bem documentado processo de difusão cultural, sendo introduzido no país sob o signo do novo, da modernidade. Mais do que um simples jogo, consistia em um esporte que se destinava a redimir e a modernizar o corpo, pelo exercício físico e pela competição, permitindo a esse corpo alcançar a saúde necessária à sua sobrevivência, em um

universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização (DAMATTA, 1994).

É nos anos 1930 que o esporte passa a se profissionalizar, evento que coloca o futebol como uma maneira de progredir socioeconomicamente para as classes com menos poder aquisitivo (FRANZINI *apud* MOSTARO; AMARO; HELAL, 2014). Os meios de comunicação foram fundamentais para a ampla disseminação do esporte em solo brasileiro. A rádio esportiva criou os heróis nacionais; e a mídia, de maneira geral, deu sequência ao reconhecimento, colaborando para a construção da identidade do futebol brasileiro como uma prática patriótica e grandiosa, em que a Seleção Brasileira passa a representar a nação e o futebol e, de modo mais abrangente, torna-se símbolo da brasilidade (GUTERMAN, 2009).

Conforme DaMatta (1994), ao ser introduzido em nosso país, o futebol não possuía a dimensão que hoje alcança, de esporte das massas, representando, ao contrário, uma atividade típica da elite; ou seja, dos jovens filhos de industriais, que haviam ido à Inglaterra, a estudos ou a negócios, e que se apaixonaram pela modalidade. Essa paixão, no caso, remetia aos valores reivindicados por esse esporte, contemplando, ao mesmo tempo, a competição e o chamado *fair-play* ou espírito esportivo, em um jogo que permitia disciplinar os corpos e afagar os corações, conquistando obediência às suas regras.

A implantação do chamado *esporte bretão* em terras brasileiras, nos primeiros anos da vida republicana, inseria-se em um movimento modernizador, provocando reações divergentes. Assim, de um lado, o escritor Lima Barreto via, no futebol, a capacidade de despertar paixões, mas, também, uma violência incontida, além de deixar em patamar de igualdade homens e mulheres, seja no campo, seja na arquibancada, pois se desfaziam da compostura necessária e dos velhos pudores. De outro lado, Olavo Bilac, igualmente escritor e defensor da modernização, apontava o futebol como um bom exemplo do uso do corpo, que deveria se colocar a serviço da pátria e do futuro (DAMATTA, 1994).

O que essa narrativa demonstra é que a introdução do futebol produziu, na época, um conflito entre os valores tradicionais da sociedade brasileira. Dessa forma, em uma sociedade habituada a jogar, mas não a competir, e, mais do que isso, assentada sobre favores, hierarquias, apadrinhamentos, fortemente influenciada por um ranço escravocrata, não haveria como a reação ao futebol não produzir tamanha ambiguidade (DAMATTA, 1994).

Para superar essa questão, permitindo que o esporte em questão passasse a ser apreciado pelos brasileiros, foi necessário que essa sociedade, dominada por valores tradicionais, aprendesse a separar as regras dos homens e do jogo, ou seja, da partida de futebol. Fazia-se necessário compreender que, em uma modalidade que dava ênfase ao desempenho, havia, democraticamente, ganhadores e perdedores, sem que isso produzisse, nos envolvidos, qualquer dano a seus nomes ou a sua honra (DAMATTA, 1994). Sendo assim, é possível identificar o futebol no Brasil como um modificador de nossa sociedade, muito além de ser apenas um esporte:

É também uma máquina de socialização de pessoas, um sistema altamente complexo de comunicação de valores essenciais e um domínio onde se tem a garantia da continuidade e da permanência cultural e ideológica enquanto grupo inclusivo (DAMATTA, 1982, p. 54-60).

Para DaMatta (1994, p. 10-17), o futebol foi o primeiro professor de democracia e de igualdade no Brasil, pois foi assistindo a jogos de futebol, nos quais “o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado”, que se construiu o aprendizado de respeito às leis.

A realidade brasileira apresenta ampla abundância em sua diversidade, inviabilizando um modelo único pelo qual se possa ver o país. Qualquer tentativa de se pensar em um padrão definitivo do que é ser brasileiro tende a ser enganosa, pois são muitas as singularidades da nação, e os fatores que compõem uma cultura tão farta são mutáveis e apresentam infinitas sinergias possíveis (RIBEIRO, 1994). Por isso mesmo, as identidades existem como uma maneira de compreender a realidade, mas não como a realidade em si mesma.

Uma das representações mais difundidas do Brasil e da identidade brasileira faz referência ao futebol. Comumente intitulado de *país do futebol*, há um sentimento de representação e pertencimento dos brasileiros quando falam em Seleção Brasileira de Futebol ou nos clubes nacionais. Gebara (2006, p. 104) defende que “os esportes e as equipes podem representar identidades locais, regionais, nacionais, étnicas tanto quanto político-ideológicas”.

No Brasil, o futebol se transformou em paixão nacional, assumindo o papel de principal esporte no coração dos brasileiros, desbancando outros mais antigos e tradicionais, como o hipismo, por exemplo. Mills (2014, p. 14) afirma que Charles Miller, “ao trazer para São Paulo duas bolas de futebol, jamais imaginou as

transformações que iria causar, transformando o *association football* em uma paixão nacional e o Brasil no País do Futebol”.

Para Helal e Cabo (2014), a carga simbólica de certos eventos, como os jogos de futebol, por exemplo, quando se fala de Brasil, tem sólida conexão com a construção da memória e da identidade desse povo. O futebol é tudo o que o estabelece como esporte, para Giulianotti (2010, p. 8, *apud* DANTAS, 2014, p. 56), “fornece uma espécie de mapa cultural, uma representação metafórica, que melhora nossa compreensão daquela sociedade”.

Guterman (2009, p. 9) defende que “o futebol é o maior fenômeno social do Brasil”. O esporte não só representa a identidade nacional brasileira, como também ressignifica os desejos da maioria da população do país. Essa relação é tão antiga e duradoura que se assentou, sendo possível constatar a conexão entre futebol e identidade nacional como algo intrínseco, elucidado, tanto pela antropologia quanto pela história (GUTERMAN, 2009). O autor entende que, por ser uma construção histórica, o futebol, se observado corretamente, consegue explicar o Brasil.

O futebol, introduzido no Brasil como atividade de elite, ultrapassou, em muito, essa condição, para transformar-se, ao lado do carnaval e da religiosidade popular, em uma das fontes principais da identidade social. Assim, neste país, aquelas fontes, secundárias em outros territórios, em especial na Europa e na América do Norte, aqui se revestem da condição de principais, ao passo que, nesses países, as fontes principais de identidade são aquelas relacionadas à ordem social, tais como as leis, a Constituição, o sistema universitário, a ordem financeira etc. (DAMATTA, 1982).

No caso brasileiro, “foi o futebol que permitiu uma visão mais positiva e generosa de nós mesmos, em um plano realmente nacional e popular, como nenhum livro, filme, peça teatral, lei ou religião jamais realizaram” (DAMATTA, 2012, *e-book* não paginado). O autor (1982, p. 54-60) defende que a identidade nacional é múltipla, quando se fala de Brasil:

De um lado ela é dada num nível social pelas instituições populares mencionadas antes. Mas de outro ela continua reproduzindo (ainda que com dificuldades) os modelos norte-americanos e europeus ao nível da *nação* e do *governo*, onde tais paradigmas são obviamente vigentes.

A profundidade dessa relação, que se traduz na colocação do futebol como uma das fontes principais da identidade nacional, ao mesmo tempo que permite

reconhecer o Brasil como o *país do futebol*, faz com se esqueça que esse esporte foi inventado na Inglaterra. Assim, acredita-se que, a exemplo do samba, da feijoada e da saudade, esse esporte é um *produto* genuinamente brasileiro (DAMATTA, 1994).

Ribeiro (2002) também reconhece o papel fundamental do futebol para a construção da identidade brasileira, dado que se tornou uma *paixão nacional* e compõe, de maneira significativa, o mosaico cultural brasileiro. O futebol se associa a outros símbolos característicos da nação, como o samba e o carnaval, e se estabelece como propriedade cultural do Brasil.

A expressão *país do futebol* pode carregar mais de um significado, de acordo com diferentes interpretações. De maneira positiva, representa o tamanho do amor que os brasileiros sentem pelo futebol, a identificação de todas as camadas sociais com esse esporte, além de o fato de outros países não serem capazes de jogar futebol do mesmo modo como se pratica aqui (HELAL; CABO, 2014a). Observando pelo lado negativo, “este não seria um *país sério*, já que as leis e suas penas não seriam cumpridas, principalmente para os membros da elite política e econômica” (HELAL; CABO, 2014, p. 7).

A paixão nacional se unifica na torcida pela Seleção Brasileira de Futebol, mas está presente também regionalmente, por meio das equipes estaduais, pelos times de várzea e pela prática do futebol como lazer, juntando os amigos e formando trio com a cerveja e o churrasco. O rótulo de *país do futebol* ocorre devido ao fato de que o Brasil atingiu o feito necessário para que esse esporte seja considerado representante da cultura nacional: a prática do esporte por indivíduos de todas as camadas sociais (SANTOS *apud* HELAL; CABO, 2014).

A modalidade é facilmente encontrada fazendo parte do dia a dia dos brasileiros, seja nos campos de terra, em grandes estádios ou transmitida pela televisão, e até quem não costuma acompanhar os jogos se une aos fãs na torcida pela Seleção Brasileira, durante grandes eventos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. A prática desse esporte não necessita de muitos recursos financeiros, e a facilidade para a sua concretização o popularizou. O futebol dá sentido à vida dos brasileiros, estando presente em todas as camadas da sociedade, sendo amado, praticado e acompanhado por todas as classes sociais (TOLEDO, 2015), adotado como símbolo da identidade nacional.

A difusão dessa, como das demais simbologias que atualmente constituem a identidade brasileira, foi e segue sendo realizada por intermédio dos meios de

comunicação massivos, que possuem papel essencial na propagação dos ideais de identidade nacional. Além da prática do esporte no cotidiano dos brasileiros, “a imprensa, o rádio, e o cinema permitiram que cidadãos das mais diversas regiões do país se identificassem através de uma vivência cotidiana de nação” (DRUMMOND, 2008, p. 53, *apud* HELAL; CABO, 2014, p. 32).

Com a globalização, o futebol se popularizou, não só no Brasil, como nos demais continentes ao redor do globo, tornando-se um esporte universal. Com isso, as nações passaram a competir pela hegemonia dentro dos gramados, dirigindo atenções para as respectivas seleções nacionais. O Brasil começou a manifestar uma fixação em possuir e ostentar *o melhor futebol do mundo*, como forma de afirmação da identidade nacional (GUTERMAN, 2009).

A identidade está sempre em construção, transcendendo os limites históricos e passando por transformações ao longo das épocas. Para os brasileiros, o futebol trabalha como um estimulante no processo de produção de identidade (GEBARA, 2006). Franzini (2020) propõe que o papel do futebol seja pensado como elemento congregador da identidade nacional brasileira e levanta uma pergunta de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho: “qual o lugar da mulher dentro do país do futebol?” (FRANZINI, 2020, *e-book* não paginado). É necessário refletir sobre o espaço dado às pessoas do sexo feminino no contexto esportivo no Brasil para que seja possível compreender o tardio desenvolvimento do futebol feminino em nosso país. O autor discorre:

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino. Como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da *ordem*, ou da *lógica*, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas (FRANZINI, 2020, *e-book* não paginado, grifos do autor).

2.1.1 A intolerância no país do futebol

Conceber o Brasil como o *país do futebol* e compreender que essa prática esportiva foi incorporada à identidade cultural brasileira não significa ignorar, para além de uma versão romantizada, que ainda hoje esse fenômeno social seja

atravessado pelo racismo, pela lgbtfobia, pela xenofobia e pela misoginia, embora o racismo seja a face mais visível da intolerância que, muitas vezes, aflora nesse meio.

O futebol chegou ao Brasil como um esporte da elite branca (HORA, 2022), tanto que, concebido como uma atividade amadora, era vedado aos negros, uma vez que viver do esporte correspondia a corromper a sua prática (CONCEIÇÃO, 2023), consagrando-se a ideia do *fair-play* e do cavalheirismo, considerados valores nobres, exclusivos da elite branca (GRANDELLE, 2013).

Isso deu ensejo, em algumas cidades, a que os negros criassem as suas próprias ligas. Em Pelotas e em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foram concebidas, respectivamente, as ligas José do Patrocínio e Porto Alegrense, mais conhecida por seu nome pejorativo, Liga da Canela Preta (GRANDELLE, 2013), sendo esta fundada em 1910, a fim de abrigar, em sua maioria, times formados por jogadores negros (CARVALHO, sem data).

Em São Paulo, entre os anos 1920 e 1930, chegaram a existir 12 equipes disputando o campeonato informal (GRANDELLE, 2013):

Algumas equipes eram extintas, mas logo depois outras eram criadas — lembra Petrônio Domingues, professor do Departamento de História da Universidade Federal do Sergipe (UFS) e pesquisador da trajetória dos times de futebol de negros em São Paulo. — O futebol é um exemplo da barreira enfrentada pelo negro para ser inserido na sociedade depois da libertação dos escravos (GRANDELLE, 2013).

A primazia na aceitação de negros, em times de futebol, é disputada entre os clubes Bangu e Ponte Preta (LEAL, 2013), embora se deva considerar que foi o Vasco da Gama o clube que efetivamente impulsionou essa integração ao conquistar, em 1923, com um time composto por negros, operários e suburbanos, o campeonato carioca (STEIN, 2013).

Essa situação acabou por gerar uma divisão naquele campeonato, tendo os clubes aristocráticos, Flamengo, Fluminense, Botafogo e América, fundado a Associação Metropolitana de Esportes Athléticos (AMEA), que acusava o Vasco de incentivar o profissionalismo ao integrar jogadores de classes inferiores, pagando-lhes prêmios pelos resultados positivos. Assim, exigia que o Vasco demitisse 12 jogadores pobres, em sua maioria negros, o que foi recusado pelo clube (STEIN, 2013).

Foi o profissionalismo, contudo, que permitiu, no Brasil, a integração ao futebol daqueles que eram excluídos em razão da cor de sua pele. Assim, “o sucesso

daqueles primeiros negros do Vasco ajudou a impulsionar o profissionalismo. Que, por sua vez, abriu espaço em todos os clubes para negros, mulatos, pobres” (STEIN, 2013).

A inserção do negro no futebol, contudo, não significa dizer que o racismo deixou de existir nesse meio, até mesmo porque ele segue presente na sociedade brasileira e, conseqüentemente, em suas instituições. Como explica Almeida:

[...] as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de uma socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista (ALMEIDA, 2021, p. 47).

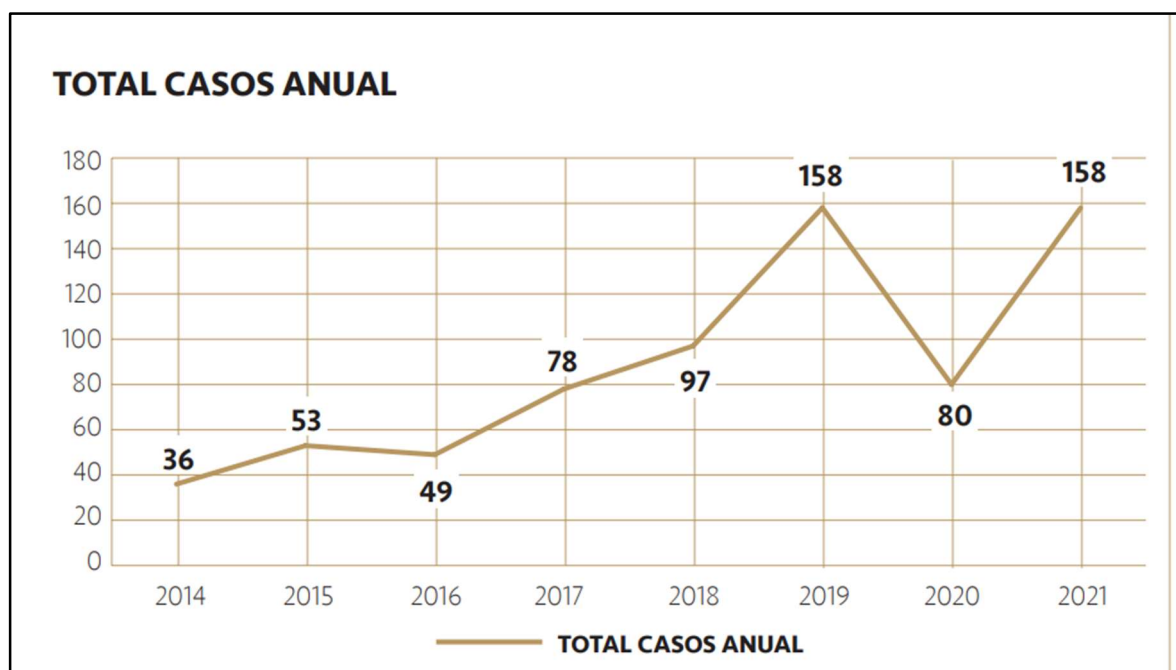
A partir das constatações feitas pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, é possível afirmar que os casos de racismo, nos espaços do futebol, acabaram por desmentir o antigo mito da democracia racial, que encontrava nesse esporte um falso exemplo de convivência harmoniosa entre as diversas raças em nosso país:

A intolerância que se manifesta nesse meio, não mais restrita aos estádios de futebol, abarcando outras formas além do racismo, é destacada pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol:

A intolerância demonstrada de diversas formas não está mais restrita aos estádios e à Internet, como visualizado ano a ano em nossos Relatórios. As denúncias envolvem ocorrências em programas esportivos, telejornais de rádio e televisão, sedes administrativas de entidades, veículos de transporte público, locais sociais e de lazer, entre outros. A luta por espaços das chamadas minorias (negros, mulheres, comunidade LGBTQIA+, entre outros) tem seu reflexo no futebol, seja no aumento dos incidentes ou no crescimento das denúncias (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2021, p. 19).

No gráfico abaixo, é possível observar como essa intolerância avançou, em relação aos eventos esportivos, ao longo dos anos:

Gráfico 1 – Total de casos anual

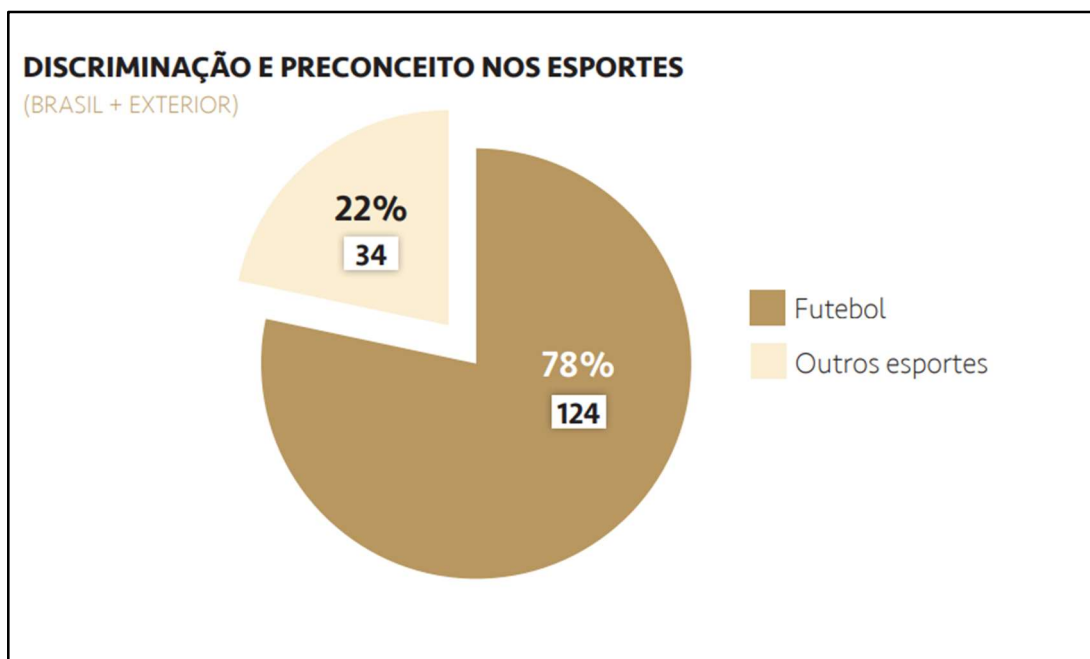


Fonte: Observatório da Discriminação racial no Futebol (2021, p. 19).

O crescimento dos casos de intolerância, no período, que pode ser atribuído a diversas variantes, indica tanto o recrudescimento destes quanto a maior visibilidade que a eles tem sido dada. Cabe apontar, ainda, que o próprio relatório atribui a redução ocorrida, em 2020, aos reflexos da pandemia de covid-19, que acarretou o fechamento dos estádios, o que explica uma redução para 80 casos; enquanto o ano de 2021 repetiu o mesmo número verificado em 2019 (158 casos).

No gráfico abaixo, é possível constatar que, considerado o Brasil e o exterior, o futebol acaba por responder pela significativa maioria dos casos de intolerância registrados no ano de 2021:

Gráfico 2 – Discriminação e preconceito nos esportes



Fonte: Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2021, p. 19).

O quadro abaixo identifica como a intolerância distribuiu-se, no futebol, no Brasil, no ano de 2021:

Quadro 1 – Intolerância no futebol

Divisão de casos no futebol brasileiro		
Racial	64	58,71%
LGBTfobia	24	22,01%
Machismo	15	13,76
Xenofobia	06	5,50%
Total	109	100%

Fonte: Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2021, adaptado pela autora).

A partir desses dados, desenha-se um retrato da intolerância no futebol brasileiro, sem que se desconsidere a possibilidade de que esses dados, justamente por conta daquilo que permanece invisível, seja porque “o que acontece no campo, fica no campo” (regra não escrita do futebol), seja porque a intolerância, em suas diferentes modalidades, nem sempre é denunciada, uma realidade que não difere daquela que ocorre na sociedade brasileira, de modo que, no país do futebol, a

intolerância também entra em campo, frequenta as arquibancadas e avança para outros espaços.

2.2 A MULHER NO FUTEBOL BRASILEIRO

Como visto, o futebol foi um esporte criado por homens e para os homens, sendo também um reflexo da sociedade e do papel que esta impunha às mulheres. Por isso, é importante observar como se deu o início e o desenvolvimento da prática da modalidade pelas pessoas do sexo feminino no mundo e, mais especificamente, no Brasil.

No mundo, foi a Primeira Guerra Mundial que abriu a brecha para a participação das mulheres no futebol. Com algumas isoladas exceções, até 1914 a prática do futebol foi exclusividade dos homens. A guerra fez com que as mulheres inglesas, de classe popular, fossem trabalhar em fábricas de munição. Com o contexto da emancipação feminina, o futebol foi também apropriado por elas (FRANCO JÚNIOR, 2007). Murray (2000) defende que a euforia pelo futebol aumentou nos anos pós-guerra, uma vez que as mulheres passaram a trabalhar em funções antes destinadas exclusivamente ao sexo oposto.

O primeiro registro de uma partida de futebol feminino data de março de 1895, no Norte de Londres, com um público de oito mil pessoas. O jogo foi realizado entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra (MURRAY, 2000). O esporte encontrou resistência em relação à sua prática pelas mulheres, com base no argumento de que o corpo feminino não condizia com a disputa do futebol, uma vez que ocorria uma ruptura dos papéis sociais impostos às mulheres (NEWSHAM *apud* SOUZA JÚNIOR; REIS, 2018).

O crescimento do futebol feminino e a consistente presença de público em seus jogos incomodaram a Football Association, que passou a buscar maneiras de interferir na realização das partidas. Médicos e demais profissionais de saúde foram procurados para legitimar o boicote, mediante depoimentos sobre os riscos que a prática apresentava à saúde das mulheres. Em outubro de 1921, a instituição publicou um documento no qual constavam argumentos de ordem médica e financeira, fazendo referência aos corpos frágeis e à fraude na gestão das rendas das partidas, para impor uma barreira consistente no desenvolvimento e na continuidade do futebol feminino (SOUZA JÚNIOR; REIS, 2018).

Não obstante, equipes de futebol feminino se multiplicaram, não apenas no Reino Unido, como também nos países vizinhos. O público das partidas se transformou em multidões, rendas significativas eram arrecadadas. Era um indício concreto do potencial que o futebol feminino poderia atingir no futuro, se não fosse impedido de ser praticado (SOUZA JÚNIOR; REIS, 2018).

Em solo verde e amarelo, é preciso retornar aos anos 1920, época da qual datam os primeiros registros do futebol feminino no Brasil, ainda que tímidos. Naquela década e na seguinte, o futebol praticado por mulheres era considerado um show, sendo parte dos espetáculos circenses. Até a década de 1940, o esporte praticado por mulheres era encontrado apenas nas periferias, não existindo ligas ou clubes e, muito menos, uma seleção nacional. A mentalidade da época considerava a prática do futebol inadequada para as mulheres, definindo o esporte como masculino e violento (A HISTÓRIA..., 2019).

Em junho de 1921, enfrentaram-se, em São Paulo, no campo do Tremembé F.C., as Senhoritas Tremembenses e as Senhoritas Cantareirenses. O jogo em questão foi o primeiro de que se tem registro, marcando a estreia do futebol feminino em campos do Brasil (MOURA, 2003). Confrontando ainda mais o preconceito, em 1931, o Brazil Football Club, do Rio de Janeiro, organizou um jogo de futebol feminino como partida preliminar ao jogo da equipe masculina do clube, mas o evento, pela falta de experiência das jogadoras, transformou-se em algo cômico e caricaturado para os espectadores (MOURÃO; MOREL *apud* SOUZA JÚNIOR; REIS, 2018).

Em 1940, o interesse das moradoras do subúrbio pela modalidade despertou a curiosidade da população em geral e fez com que o futebol feminino ganhasse destaque na imprensa carioca. A partir disso, passaram a surgir médicos encorajando a prática do esporte feminino e matérias assumindo tom de incentivo (MOURA, 2003).

Nesse caso, como explica Silva (2020), esses jogos ocorriam nos subúrbios do Rio de Janeiro, em regiões bastante afastadas do centro, em bairros como Engenho de Dentro e Realengo, sendo disputados por mulheres que integravam as camadas sociais marginalizadas, em clubes amadores situados nesses distritos.

A oportunidade de participação dessas mulheres, oriundas da periferia do Rio de Janeiro, em 1940, em jogo preliminar à partida que antecedeu a disputa de futebol masculino entre São Paulo e Flamengo, na inauguração do Estádio do Pacaembu, acabou por chamar a atenção para o futebol feminino (SILVA, 2020). Era a primeira vez em que as mulheres se propunham a jogar em um grande estádio e a desafiar os

juízos daqueles que diziam que praticar um esporte as fazia menores. A visibilidade que poderia fomentar o interesse de outras mulheres pela prática do futebol acabou atraindo ainda mais juízos, gerando revolta na opinião pública e servindo de combustível para a proibição que viria no ano seguinte (A HISTÓRIA..., 2019).

Chega-se, então, a 1941, com a primeira tentativa institucionalizada de barrar o futebol feminino no Brasil. Naquele ano, foi criado o Conselho Nacional de Desportos, sob a alçada do Ministério da Educação. O órgão, que buscava regulamentar a prática esportiva no país, discutia, de maneira rasa, a profissionalização do futebol masculino. A modalidade feminina também acabou ganhando espaço na pauta, mas com teor negativo. A partir disso, foi emitido o Decreto-Lei 3.199, artigo 54, que determinava que as mulheres não deveriam praticar esportes não adequados à sua natureza. Sem ser citado nominalmente, o futebol se enquadrava nessa proibição (A HISTÓRIA..., 2019).

A historiadora Aira Bonfim, em entrevista concedida a Bruno Rodrigues (2021), indica que a proibição do futebol feminino no Brasil está vinculada à circunstância de que “as mulheres ganhavam cada vez mais visibilidade em uma sociedade que negava a elas outros espaços que não o do lar” (RODRIGUES, 2021).

O futebol feminino, no fim da década de 1930, encontrava o seu epicentro nos subúrbios do Rio de Janeiro, que possuía pelo menos 15 equipes formadas por mulheres, destacando-se o Primavera Atlético Clube. Um anúncio publicado por esse clube, para a seleção de jogadoras, entre 15 e 25 anos, desencadeou a reação de um leitor, chamado José Fuzeira, que escreveu uma carta de teor preconceituoso, endereçada ao então Presidente Getúlio Vargas, que veio a ser publicada no Diário da Noite (RODRIGUES, 2021). A carta abordava o seguinte assunto:

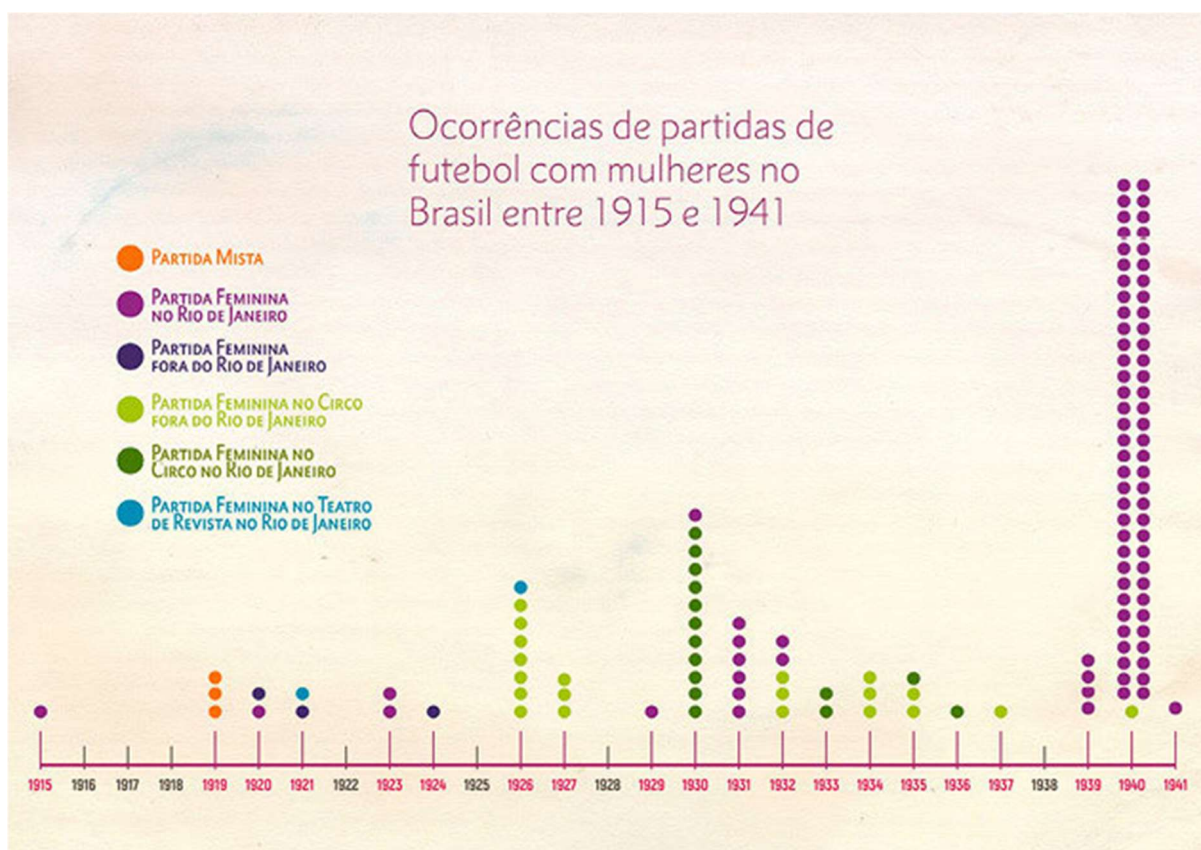
Dentro de um ano é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol, ou seja, 200 núcleos destruidores da saúde de 2200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes, pois desde que já se chegou à insensatez inqualificável de organizar-se pugnas de futebol *com um grupo de cegos* a correrem, às tontas, atrás de uma bola cintada de guizos, não será de admirar que o movimento feminino a que nos estamos reportando seja o ponto de partida para, no decorrer do tempo, as filhas de Eva se exibirem, também, em assaltos de luta livre e em juntas da *nobre arte* cuja *nobreza* consiste em dois contendores se esmurrarem até ficarem babando sangue (RODRIGUES, 2022).

Como Aira Bonfim explicou a Rodrigues (2021), em reportagem, a proibição ao futebol feminino não surgiu do nada, mas, sim, da visibilidade que as jogadoras do subúrbio do Rio estavam conquistando, ou seja, “elas passam a aparecer demais, na opinião dos homens da época. Recebiam convites para saírem do Brasil, ocupavam espaço no jornal”.

O decreto-lei, para além da proibição imposta, acabou por instituir as bases de organização dos desportos em todo o país, inclusive mediante a criação de um órgão responsável por essa atividade. Verificou-se, assim, um processo de institucionalização das atividades esportivas no país, com a exclusão parcial das mulheres desse processo (SILVA, 2020).

Silva (2020), a partir de infográfico elaborado por Bonfim, refere que os jogos entre mulheres somente passaram a ter certa visibilidade, na imprensa, a partir de 1940.

Gráfico 3 – Ocorrências de partidas de futebol com mulheres no Brasil entre 1915 e 1941



Fonte: Bonfim (apud Silva, 2020, e-book não paginado).

O Estádio do Pacaembu não foi apenas o palco da partida que provocou a proibição do futebol feminino no país, mas, também, o cenário do momento que pode ser considerado um marco do processo de resistência à legislação proibicionista, considerando-se a manutenção do Decreto-Lei n. 3.199, mesmo após o fim do Estado Novo. Em 1959, realizou-se, no tradicional estádio, um jogo, organizado pela Casa do Ator de São Paulo, importante espaço de espetáculos do município, em que se enfrentaram as vedetes do Rio de Janeiro e de São Paulo (SILVA, 2020).

O jogo, que tinha como finalidade beneficente a construção do Hospital dos Atores de São Paulo, acarretou uma disputa judicial entre a Casa do Ator e a CBD, que acabou sendo vencida por aquela. A autorização judicial, entretanto, considerou que se tratava de um espetáculo de lazer, sem qualquer compromisso com o resultado, esvaziada, assim, de seu significado competitivo, ainda voltado ao público masculino heterossexual (SILVA, 2020).

De fato, o público não fora atraído ao estádio para torcer por seus times, mas, sim, pelos corpos femininos em exposição, reafirmando o local (ou seja, o estádio de futebol) como espaço de expressão da masculinidade heterossexual, assumindo, nesse evento, um aspecto diferente do usual, ou seja, o desejo pelos corpos expostos em campo. Além disso, o fato de as jogadoras não estarem habituadas a praticar futebol, apresentando um espetáculo de baixa qualidade, reforçaria ainda mais a ideia de que não deveriam desempenhá-lo, senão como mero entretenimento (SILVA, 2020).

Já no governo militar, em 1965, o decreto-lei foi republicado, após circularem novas notícias da prática do esporte por mulheres, de maneira clandestina, e, dessa vez, de maneira mais detalhada, incluía especificamente o futebol. Pulamos, então, para 1979, trinta e oito anos depois da primeira proibição da prática de futebol feminino no Brasil. Foi no fim da década de 1970 que ocorreu a revogação da lei que proibia as mulheres de jogarem futebol. Esse foi o primeiro passo para abrir caminho para o que viria a seguir, mas ainda restavam muitos desafios, já que a modalidade ainda não era regulamentada, nem recebia o auxílio das federações e confederação brasileira (A HISTÓRIA..., 2019).

A prática do futebol feminino, como show ou espetáculo, a partir da brecha originada pela decisão favorável à Casa do Ator, abriu caminho para que outras partidas fossem disputadas por mulheres, tanto que, em novembro daquele ano, realizou-se, a partir de justificativa semelhante, em Campinas, um jogo entre Ponte

Preta e Guarani, uma das poucas disputas femininas entre equipes que possuíam times masculinos (SILVA, 2020).

O caminho aberto pelas vedetes repercutiu, também, no ano de 1982, ocasião em que, na luta pela regulamentação da participação feminina no esporte, o evento promovido pela então vereadora Ruth Escobar, o “Festival de Mulheres nas Artes”, proporcionou a realização de um jogo entre as seleções femininas de São Paulo e do Rio de Janeiro (SILVA, 2020).

Foi a partir desse acontecimento que a capitã da seleção do Rio de Janeiro, Roseli Cordeiro Filardo, conhecida como “Rose do Rio”, tornou-se um ícone na luta pela regulamentação da modalidade. O futebol feminino, como categoria de espetáculo, persistiu ao longo de longo período, o que pode ser resumido pela afirmação de Rose do Rio no sentido de que, “como jogadora ninguém poderia se apresentar em estádio nenhum. Nós éramos vistas como vedetes, não como atletas. Ninguém respeitava a gente como atleta” (SILVA, 2020, *e-book* não paginado).

A regulamentação ocorreu em 1983, permitindo a criação de competições e calendários, a utilização de estádios para a prática da modalidade e o ensino do futebol feminino nas escolas. Surgem os primeiros clubes profissionais de mulheres no Brasil. Em 1988, a FIFA realizou o Women's Invitational Tournament, na China, uma espécie experimental de mundial. A Seleção Brasileira foi montada com a base dos times mais fortes no cenário nacional, e as atletas não tiveram nenhuma atenção especial, viajando com a sobra do material esportivo usado pela seleção masculina. Nos pênaltis, o Brasil conquistou o bronze (A HISTÓRIA..., 2019).

Já nos anos 1990, a Confederação Brasileira de Futebol assumiu oficialmente a seleção feminina, porém ainda com um tratamento amador. A primeira Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino ocorreu em 1991, e o time nacional teve como base as mesmas atletas que disputaram o torneio experimental. O país foi eliminado logo na primeira fase, comprovando o que já se sabia: faltava consideração por parte da CBF. Os Jogos de Atlanta, em 1996, marcaram a estreia do futebol feminino em Jogos Olímpicos. O Brasil ficou na quarta colocação, e sua delegação já contava com as primeiras grandes referências do esporte: Sissi e Pretinha. Nesse caminho tão árduo, faltava ainda uma medalha para coroar o esforço daquelas que entregaram suas forças e suas crenças por acreditarem que o futebol feminino era para todas. O merecido momento chegou em 1999, com o bronze na Copa do Mundo dos Estados Unidos (A HISTÓRIA..., 2019).

Ainda assim, no início do século XXI, a presença feminina, dentro das quatro linhas, no Brasil, mostrava-se bastante reduzida. Conforme dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o país tinha em torno de 400 mil jogadoras, número pouco expressivo em comparação com o futebol masculino e infinitamente menor que as 12 milhões de atletas em atividade nos Estados Unidos (FRANZINI, 2020, *e-book* não paginado).

Dos altos e baixos, da estrada cheia de pedras e de tantas mulheres que permitiram que as futuras gerações pudessem sonhar com maior liberdade para fazer o que amam, chega-se a quem é, hoje, o maior nome do futebol feminino brasileiro. Marta ganhou destaque no cenário nacional em 2003, quando disputou sua primeira Copa do Mundo. Símbolo de igualdade, a insubstituível camisa 10 da Seleção Brasileira viria a conquistar seis Bolas de Ouro; a primeira delas em 2006, sendo a maior vencedora mulher da premiação. Fora de campo, um ídolo que inspirou milhares de meninas e mulheres a seguirem seus sonhos (A HISTÓRIA..., 2019).

Em 2004, já com o trio Marta, Formiga e Cristiane e, ainda, com a presença de Pretinha, o Brasil conquistava, na Grécia, uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos. A geração, que até hoje brilha nos gramados do Brasil e do mundo, trouxe esperanças de um futuro melhor. Mas apesar de tantos sonhos, ainda era preciso manter o pé no chão e encarar a dura realidade do futebol feminino brasileiro. Até então, não existia nenhuma competição nacional consolidada, impedindo o crescimento da modalidade (A HISTÓRIA..., 2019).

Em 2007, houve o primeiro registro de um estádio lotado para ver a seleção feminina. Lideradas por Marta, as *guerreiras do Brasil* disputaram, no Maracanã, a final do Pan do Rio de Janeiro e garantiram o lugar mais alto do pódio. Nota-se, até aqui, um movimento da FIFA de fomentar o futebol feminino mundial, organizando competições como a Copa do Mundo e incluindo a modalidade entre as várias disputadas nos Jogos Olímpicos. Agora, é preciso olhar para o que ocorria dentro do Brasil naquele período, em um nível micro, pois envolvia muitas outras mulheres, além daquelas para as quais os holofotes estavam apontados, por vestirem a amarelinha (A HISTÓRIA..., 2019).

A primeira edição da Libertadores feminina ocorreu em 2009, disputada entre dez equipes, uma de cada país membro da CONMEBOL, tendo a equipe do Santos como campeã. O time, das hoje conhecidas como “Sereias da Vila”, contava com Marta e Cristiane em seu elenco. Já o Campeonato Brasileiro feminino surgiu

oficialmente em 2013, tendo passado por adaptações, em seu formato de disputa, durante os anos e contando, hoje, com 16 equipes. As vencedoras da primeira edição faziam parte do Centro Olímpico, time que já não existe mais na categoria profissional (A HISTÓRIA..., 2019).

Com um calendário ainda instável, impossibilitando a manutenção das atletas treinando em alto nível durante todo o ano, em 2014 a CBF criou a seleção permanente, ajudando a desenvolver as atletas que faziam parte da equipe nacional, durante os períodos sem jogos pelos seus clubes (A HISTÓRIA..., 2019).

O início de uma caminhada a passos largos rumo à valorização do futebol feminino nacional ocorreu com uma decisão tomada pela CONMEBOL, acatada também pela CBF. Em novo estatuto, aprovado em 13 de setembro de 2016, foi determinado que, em nível latino-americano, todos os clubes que quisessem participar da edição masculina da Copa Libertadores da América ou Copa Sul-Americana teriam de manter ou se associar a quem mantivesse uma equipe de mulheres, tendo também ao menos uma equipe de base, a partir da edição de 2019. Em nível nacional, a medida adotada pela CBF obrigou todos os clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, também a partir de 2019, a terem uma equipe feminina adulta e uma de base, que disputasse ao menos um campeonato oficial.

Alguns clubes se anteciparam e, ainda em 2017, anunciaram o retorno ou a criação de suas equipes femininas. Aproveitando a menor competitividade, as equipes utilizaram os dois anos de vantagem para construir seus caminhos até a elite do futebol feminino nacional e a consolidação de seus departamentos. Em 2019, iniciou-se uma nova fase do futebol feminino nacional, com os clubes de tradição no futebol masculino cumprindo a obrigatoriedade de formarem times femininos (GLOBOESPORTE.COM, 2019).

A Copa do Mundo Feminina, realizada na França, no período de 7 de junho a 7 de julho de 2019, foi um marco muito importante para a consolidação do futebol feminino no país. Na competição, Marta marcou dois gols pelo Brasil e chegou à marca de dezessete gols em Copas do Mundo, superando a marca de Klose e se tornando a maior goleadora em mundiais, além de ser a primeira, entre homens e mulheres, a marcar em cinco edições diferentes do torneio. A campeã foi a seleção estadunidense, tendo também a melhor jogadora eleita pela FIFA, Megan Rapinoe.

Em 2019, pela primeira vez, a TV Globo anunciou a transmissão das partidas da Seleção Brasileira feminina em uma Copa do Mundo e deu um passo de extrema

importância para o crescimento da visibilidade da modalidade. O Brasil perdeu para a França nas oitavas de final, sendo eliminado da competição precocemente; porém, segundo atletas e profissionais da modalidade, essa edição marcou uma grande virada para o futebol feminino nacional, que passou a atrair maior interesse da mídia brasileira. Para Juliana Cabral, ex-zagueira e capitã da seleção, no Mundial de 2003, em entrevista para a versão brasileira do El País, em junho de 2019, “a exposição em televisão aberta é um ponto de virada importante. Contribuiu para mudar a visão das empresas sobre a modalidade” (A COPA..., 2019).

Conforme Capelo (2019), em matéria publicada no site do Globo Esporte após a realização do evento, mais de 108 milhões de pessoas foram impactadas pelas partidas, mais do que o dobro em relação à edição anterior. Além disso, a Copa do Mundo de futebol feminino de 2019 bateu recorde de audiência no Brasil, segundo números do Kantar Ibope Media. A audiência é um fator de extrema importância para a estruturação do mercado do futebol feminino, pois gera argumentos para a negociação de patrocínios para clubes, campeonatos e federações.

Na final da Copa Feminina de 2019, com placar de 2 a 0 para as estadunidenses, sobre as holandesas, e com transmissão da Globo e do SporTV, segundo a FIFA, o Brasil registrou audiência de 19,9 milhões de pessoas. O número é maior que a audiência no país campeão e referência na modalidade, os Estados Unidos, que alcançaram 15,2 milhões de pessoas.

O jogo com o maior número de telespectadores de todas as edições da Copa do Mundo de futebol feminino também foi registrado em 2019. A marca foi alcançada nas oitavas de final, em partida entre o Brasil e a França, com 59 milhões de espectadores em todo o mundo. Em solo brasileiro, foram 35 milhões de pessoas acompanhando a derrota brasileira por 2 a 1, na prorrogação.

Além da cobertura completa dos jogos da Seleção Brasileira, outra novidade marcou a Copa do Mundo de 2019. Pela primeira vez, as guerreiras do Brasil tiveram um uniforme especialmente desenhado para elas. A responsável foi a fornecedora de material esportivo Nike, também encarregada da produção das peças do time masculino.

A partir daquele momento, o futebol feminino entrou em uma linha crescente de desenvolvimento, e a luta por visibilidade e espaço ganhou novos aliados. A modalidade vem atraindo uma legião de fãs e, conseqüentemente, também a atenção da mídia e de patrocinadores. Assim, as transmissões das partidas que, em um

passado recente, eram feitas pelos próprios clubes; em 2019, passaram a ter seus direitos de transmissão vendidos, como também canais externos transmitindo as partidas em tempo real.

Vale acrescentar que, desde 2019, o Brasileirão Feminino recebe um aporte financeiro do Fundo de Legado da Copa de 2014. Os valores repassados pela FIFA foram de extrema importância para elevar o patamar da competição. Além da Série A-1, o suporte também custeou parte da organização da Série A-2 e do Brasileiro Feminino Sub-18 (ASSESSORIA CBF, 2021c).

Em 2020, na reta final da disputa do Brasileirão feminino, o VAR, tecnologia de árbitro de vídeo, foi usado pela primeira vez durante uma competição feminina nacional, sendo a CBF a primeira confederação a levar o recurso a um de seus torneios femininos, segundo dados da FIFA, marco da modalidade em solo brasileiro, entrando para a história e se tornando exemplo ao futebol feminino mundial (ASSESSORIA CBF, 2021a).

Em 2022, a CBF criou uma nova competição para o calendário do futebol feminino brasileiro, a Supercopa do Brasil. A disputa, que ocorreu entre os dias 4 e 13 de fevereiro, em formato de *mata-mata*, reuniu oito grandes equipes de diferentes estados e teve o Corinthians como primeiro campeão.

Até aqui, observa-se a atuação das mulheres e o desenvolvimento do futebol feminino dentro das quatro linhas, por meio de suas personagens principais: as jogadoras. Todavia, também devem ser consideradas as atoras sociais de menor visibilidade no espaço do futebol feminino, tais como as treinadoras e as árbitras que, embora não sejam aquelas que entrem diretamente na disputa que se estabelece no campo de jogo, ainda assim estão inseridas nesse mesmo contexto, enfrentando as mesmas resistências e preconceitos ao desenvolvimento de suas atividades, em um mundo marcadamente masculino.

Uma questão a considerar, quando se fala na contratação de treinadoras, é quanto à existência de uma barreira externa ao desenvolvimento profissional destas, denominada *princípio da similitude*, segundo o qual homens contratam homens e mulheres contratam mulheres, razão pela qual, enquanto houver poucas mulheres ocupando cargos de liderança nesse espaço, poucas mulheres serão contratadas. A isso se acresce “a ideia de que a masculinidade é pré-requisito para o treinamento e está intimamente ligada à liderança esportiva, desenvolvendo-se, por fim, a ideia de

que treinar atletas é tarefa para homens, e não para mulheres” (MOURÃO; NOVAIS, 2020, *e-book* não paginado).

Em relação à arbitragem, lembrando que o árbitro é a autoridade máxima do futebol, é necessário reconhecer-se tratar de atividade que também acabou sendo atingida pela proibição ao futebol feminino no Brasil, embora proibição e invisibilidade não signifiquem que essa atividade, ainda assim, não tenha sido exercida na clandestinidade (MONTEIRO; HARTMANN; KESSLER, 2020).

A insuficiência de registros históricos acerca de árbitras de futebol não impede o reconhecimento da brasileira Léa Campos como a primeira árbitra de futebol no mundo, situação que veio a ser reconhecida pela FIFA, entidade máxima do futebol mundial, que concedeu a Léa o apito de ouro (MONTEIRO; HARTMANN; KESSLER, 2020).

Em um contexto de repressão ao futebol feminino, Léa foi a primeira mulher a realizar, em 1967, sob a justificativa de que não podia continuar sendo presa todos os sábados, o curso de arbitragem da Federação Mineira de Futebol, que teve a duração de oito meses, abrangendo uma parte teórica e outra de aptidão física. Embora aprovada, Léa não viu seu nome constar na lista de formandos, o que foi vedado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Somente em 1971, após a intervenção do presidente da época, Emílio Garrastazu Médici, é que veio a ser reconhecida como árbitra, sendo diplomada como tal. Dessa forma, “Léa Campos resistiu, superou interdições, brilhou em tempos de ditadura militar e consolidou o seu protagonismo no esporte brasileiro” (MONTEIRO; HARTMANN; KESSLER, 2020, *e-book* não paginado).

2.3 GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE E NO FUTEBOL

As palavras, tanto quanto as ideias e as coisas que elas pretendem significar, possuem uma história própria, tornando a pretensão daqueles que se propõem a codificar expressões uma causa perdida, pois “nem os professores de Oxford nem a Academia francesa têm sido plenamente capazes de represar, de aprisionar e fixar o significado, de uma forma que seja independente do jogo da invenção e da imaginação humanas” (SCOTT, 2017, 71). Apesar disso, necessita-se, ainda assim, trabalhar com conceitos, o que somente se pode realizar mediante uma renúncia a qualquer

pretensão totalizante, ou seja, de cercar, por todos os lados, uma palavra ou ideia, a fim de se alcançar um conceito perfeito e acabado.

Um conceito popularmente controverso, na sociedade em geral, é o de *gênero*, dada a sua vinculação, por essa perspectiva, às referências biológicas de sexo. Para as ciências sociais, no entanto, essa questão é encarada como resolvida. Assim, “representando o aspecto social das relações entre os sexos, gênero é um conceito que se distingue do conceito biológico de sexo” (WALBY, 2019, p. 332).

A utilização da categoria *gênero*, para pensar o futebol e, mais especificamente, o futebol feminino, dada a sua natureza inter-relacional, permite a introdução de novas perspectivas, por traduzir-se, a exemplo do que ocorre com as categorias de *raça* e *sexualidade*, na utilização de um enfoque interdisciplinar, acarretando a inclusão de noções de *poder*, *corpo* e *sociabilidade* (PISANI, 2020):

As categorias de *gênero*, *raça*, *sexualidade* e *classe* surgem a partir de convenções sociais e culturais que operam, regulam e conformam vidas, corpos, desejos, afetos e experiências. Ao compreendermos os mecanismos de exclusão, inclusão, valorização ou desvalorização de tais categorias, poderemos, também, delinear os caminhos pelos quais algumas subjetividades são mais ou menos oprimidas que outras (PISANI, 2020, e-book não paginado, grifos do autor).

Foi nos anos 1980 que os movimentos feministas e de mulheres, visando a reforçar a ideia de que as diferenças verificadas nos comportamentos de homens e mulheres independem do sexo, enquanto questão biológica, passaram a empregar a palavra *gênero* no lugar de *sexo*. A compreensão, assim, é de que o comportamento dos homens e mulheres é determinado pelo gênero, enquanto manifestação cultural, e não em razão do sexo (PEDRO, 2005).

Pinsky (2009) salienta que o termo *gênero*, colocado no lugar da palavra *sexo*, expressão que remetia ao aspecto biológico, passou a ser utilizado para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais, representando, nesse contexto, a construção social das diferenças sexuais, para corresponder às classificações sociais de *masculino* e de *feminino*.

O emprego da palavra *gênero*, em um sentido mais literal, ou seja, gramatical, expressa uma forma de se referir à organização social da relação entre os sexos. No caso, essa referência à gramática importa na utilização de regras formais resultantes da atribuição do masculino ou feminino, permitindo empregar um sistema socialmente consensual de diferenciação em vez de uma descrição objetiva de traços inerentes

(SCOTT, 2017). De tal forma, como explica Pedro (2005), ao se perguntar, em português, pelo gênero de uma palavra, a resposta será *masculino* ou *feminino*, inexistindo, em nossa língua, diferentemente do que ocorre no latim, o *neutro*. Para Walby (2019):

[...] o gênero constrói e se expressa em muitas áreas da vida social. Inclui a cultura, a ideologia e as práticas discursivas, mas não se restringe a elas. A divisão do trabalho por gênero, no lar e no trabalho assalariado, a organização do estado, a sexualidade, a estruturação da violência e muitos outros aspectos da organização social contribuem para a construção das relações de gênero (WALBY, 2019, p. 332).

As relações de gênero vão assumir diferentes formas, variando em diferentes sociedades, períodos históricos, grupos étnicos, classes sociais e gerações. Um traço em comum, contudo, é a diferenciação entre homens e mulheres, associando-se a diferença de gêneros à desigualdade de gênero, ou seja, com os homens exercendo o poder sobre as mulheres (WALBY, 2019, p. 332-335).

Adotada uma perspectiva histórica, Scott (2017) sustenta não apenas a presença de um desafio teórico, que conduza à necessidade de estabelecer uma análise que não se restrinja apenas à relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas que avance, também, sobre o exame da conexão entre a história passada e a prática histórica do presente. De acordo com Pedro (2005):

[...] o uso da palavra *gênero*, como já dissemos, tem uma história que é tributária de movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas. Tem uma trajetória que acompanha a luta por direitos civis, direitos humanos, enfim, igualdade e respeito (PEDRO, 2005, p.78, grifos do autor).

Para Scott (2017), os historiadores, em sua grande maioria, ao discutirem essa questão, ficam presos às referências oriundas das ciências sociais, fundamentando seus entendimentos, assim, em formulações tradicionalmente estabelecidas por esse campo e que têm por suporte explicações causais universais. Nesse caso, há a tendência em produzir generalizações redutivas ou demasiadamente simplistas, que se colocam em oposição, não apenas ao que a História, enquanto disciplina, entende sobre a complexidade do processo de causação social, como igualmente, para com os compromissos feministas que levem à mudança.

Assim, em uma utilização mais singela, *gênero* pode ser considerado sinônimo de mulher, operando-se, assim, em livros e artigos sobre a história das mulheres, a substituição, em seus títulos, da palavra *mulher* por *gênero*, objetivando, nesse caso, sugerir a erudição e a seriedade do trabalho, dada a utilização do gênero com uma conotação mais objetiva e neutra. Nesse caso, a utilização desse termo acaba por se dissociar de qualquer ideia de desigualdade ou poder (SCOTT, 2017).

Gênero também pode ser utilizado para sugerir que o estudo sobre as mulheres implica, necessariamente, o estudo sobre os homens, induzindo à conclusão de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, rejeitando, assim, qualquer ideia de esferas separadas. Essa compreensão acaba por perpetuar o mito de que a experiência de um sexo tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 2017).

Um uso mais recente, atribuído à palavra *gênero*, dotado da finalidade de enfatizar o caráter fundamentalmente social das diferenciações fundadas no sexo, tem a sua aparição inicial creditada às feministas americanas. Isso indica uma rejeição ao determinismo biológico contido, implicitamente, nos termos *sexo* ou *diferença sexual*. A palavra *gênero*, concebida como “o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade”, é que vai permitir, arredando, uma visão demasiado estreita e separada, a introdução de uma noção relacional em nosso vocabulário analítico (SCOTT, 2017, p. 72).

Tratam-se, nesse caso, de construções culturais, o que se traduz pela ideia de *papéis*, ou seja, de identidades subjetivas atribuídas aos homens e às mulheres, cuja utilidade é a de permitir distinguir a prática sexual dos papéis sexuais conferidos aos homens e às mulheres. Essa teoria peca, entretanto, ao nada dizer sobre as razões pelas quais essas relações são construídas de dada maneira, como funcionam e como mudam, carecendo, portanto, de poder analítico suficiente (SCOTT, 2017).

Conforme Pinsky (2009):

[...] como uma categoria de análise, *gênero* por si só não pressupõe ou descreve nada além do fato de que percepções das diferenças sexuais são capazes de nortear relações sociais. Não traz em si um conteúdo. Não se refere a um objeto específico. Não define de antemão condições, identidades e relações. Portanto, estudar gênero demanda pesquisa. A vantagem da categoria de gênero é justamente permitir, e mais, exigir que o estudo e a análise sejam feitos sem definições preestabelecidas com relação aos significados ligados às diferenças sexuais. Essas definições devem ser buscadas em cada contexto. A questão central a ser respondida pelos pesquisadores parte do *como*: como, em situações concretas e específicas,

as diferenças sexuais são invocadas e perpassam a construção das relações sociais? (PINSKY, 2009, p.164).

Scott (2017), traçando sua própria definição de gênero, indica duas proposições e diversos subconjuntos. Essas proposições, entre as quais se estabelece uma conexão integral, ditam que o gênero “(1) é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 2017, p. 86).

Esse conceito, para a autora, se complementa, no que diz respeito à primeira proposição – corresponder a um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos – por quatro elementos inter-relacionados (SCOTT, 2017). O primeiro corresponde aos símbolos culturalmente disponíveis, capazes de evocar representações simbólicas, muitas vezes contraditórias (SCOTT, 2017). Conforme Pinsky (2009, p. 165), essas múltiplas representações, de que são exemplos Eva e Maria, inocência e corrupção, virtude e desonra, “devem ser pesquisad[a]s em suas modalidades e nos contextos específicos em que são invocad[a]s”.

O segundo tem relação com os conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, os quais buscam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas, em conceitos expostos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, e que vão adotar a forma típica de uma oposição binária fixa, “que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino” (SCOTT, 2017, p. 86).

Para Pinsky (2009, p. 165), nesse caso, tratam-se de conceitos normativos que evidenciam as interpretações e os significados dos símbolos, que remetem a “afirmações dominantes dependentes da rejeição ou repressão de possibilidades alternativas. Aqui, o desafio das pesquisas seria revelar o debate por trás da aparência de uma permanência eterna na representação binária e hierárquica de gênero”.

O terceiro toca uma concepção de política e uma referência às instituições e à organização social, permitindo contemplar, não apenas o parentesco, mas, em especial nas sociedades complexas, o mercado de trabalho e a educação (SCOTT, 2017), pois o gênero vai além do parentesco, sendo construído, também, na economia e na política (PINSKY, 2009).

O quarto condiz com a identidade subjetiva (SCOTT, 2017), ou seja, os modos pelos quais as identidades de gênero são constituídas, nas mais diversas esferas

(educacionais, políticas, familiares etc.); vale dizer, nas organizações e representações sociais contextualizadas (PINSKY, 2009). Para Pisani (2020):

[...] podemos afirmar que a categoria *gênero* é uma categoria de disputa política e social. Ela pode indicar e desvelar uma infinidade de relações de poder, logo nos ajuda a questionar as desigualdades geradas a partir de diferenças socialmente construídas. Aliás, reconhecer as diferenças entre os sujeitos e seus corpos – e não hierarquizá-las em processos de desigualdade – é reconhecer que mulheres e homens são igualmente capazes de desenvolver todas as atividades laborais e cognitivas do mundo cotidiano, seja no mercado de trabalho, nos estudos, nos momentos de lazer, nas práticas esportivas (profissionais ou não) (PISANI, 2020, *e-book* não paginado).

Na concepção de Butler:

O *gênero* é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor (BUTLER, 2018, *e-book* não paginado).

Assim, Butler, Camargo e Kessler (2017, p. 194, grifos no original) destacam que o “*gênero não é uma essência ou verdade psicológica como há muito se pensou, mas uma prática discursiva e corporal performativa por meio da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político*”.

Conforme Butler:

[...] se alguém é uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da *pessoa* transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de *gênero* das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2018, *e-book* não paginado).

A divisão binária de gênero no esporte afirma-se sobre as categorias *masculina* e *feminina*, desprezando a alteridade formada por outros corpos (CAMARGO; KESSLER, 2017). Dessa forma, em uma arena propícia à construção de gênero, a masculinidade ocupa, no esporte moderno, uma posição privilegiada, carregando

“uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 247).

O esporte, assim, acaba por reproduzir aquilo que Butler qualifica como “um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (BUTLER, 2018, *e-book* não paginado).

O ingresso das mulheres no *mundo masculino* dos esportes, contudo, não foi algo que ocorreu de forma tranquila; muito pelo contrário, considerados como práticas masculinas, ou seja, como atividades viris nas quais era exigível a demonstração de força e, também, como um espaço público de socialização masculina (MOREIRA; PRADO; CAVALEIRO; 2019, p. 529), não se firmaram sem resistência e reação da masculinidade normativa.

Para Camargo e Kessler:

[...] via de regra, o mundo (masculino) dos esportes lida, na superficialidade, com os limites do binário *masculino/feminino* e despreza a alteridade apresentada por corpos outros. De um lado, deixa às mulheres atletas a difícil tarefa de se destacarem em meio às *práticas viris* e, de outro, realoca corpos *malformados*, *amputados* e corpos em *transição de gênero* (como também corpos hormonizados) em subcategorias, com status inferior e deslegitimados perante o ambiente instituído da virilidade, da eficácia e da heteronormatividade (CAMARGO; KESSLER, 2017, p. 193).

Nesse universo, o que foge ao *mainstream*, ou seja, àquilo que é socialmente estipulado com base em padrões biológicos como convencional, acaba por causar desassossego. Tanto é assim que as revelações sobre sexualidade e práticas sexuais de atletas do mundo profissional do esporte têm causado incômodos na opinião pública, em especial no que diz respeito à homossexualidade no meio esportivo (Camargo, 2018).

Segundo Camargo:

[...] como uma instituição segregadora de gêneros, mantenedora do binarismo masculino/feminino a partir da lógica heteronormativa, o esporte agrega, em geral, indivíduos com esse tipo de discurso e de postura, das modalidades individuais às coletivas, onde as divergências no tocante à sexualidade são omitidas e as semelhanças com o padrão heterossexual são exasperadamente buscadas e desejadas (CAMARGO, 2018, p. 5).

Os discursos praticados nesse campo, ancorados no argumento de masculinização do corpo feminino, como forma de negar às mulheres a prática de atividades esportivas reconhecidas socialmente como masculinas, traduz, na

realidade, uma estratégia regulatória (MOREIRA, PRADO; CAVALEIRO; 2019), uma tentativa de controle sobre o corpo feminino.

Para Camargo:

[...] a sexualidade é um dispositivo histórico de poder que marca as modernas sociedades ocidentais, conforme pressupostos foucaultianos, e é justamente o poder que nos convida a enunciar nossa sexualidade por meio das diversas instituições e saberes, como peça essencial de uma estratégia de controle do indivíduo, característica destas mesmas sociedades. E o esporte é um exímio executor desse controle, tanto por meio de suas prerrogativas de *igualdade de chances* (que institui e legitima o binarismo de gênero), quanto pelos mecanismos de regulação de ingestão de drogas e outras substâncias (autocontrole), que têm por função dizer quais “corpos masculinos” e quais “corpos femininos” podem competir (CAMARGO, 2018, p. 14).

Diferente não ocorre no futebol, no qual, associado aos gêneros, as construções relativas à masculinidade se fazem presentes mediante discursos que objetivam obstaculizar a presença das mulheres, assim como qualquer expressão que remeta à diversidade sexual.

Em uma pesquisa de caráter exploratório, Moreira, Prado e Cavaleiro (2019) acabam por identificar a existência de estratégias normativas que buscam demarcar a prática do futebol como inadequada às mulheres, em narrativas com o escopo de desqualificá-las.

Além disso, atitudes homofóbicas acabam por ser naturalizadas em estádios de futebol, manifestando-se através dos cânticos das torcidas, o que, no contexto simbólico do futebol, acaba por limitar eventuais ações daqueles que postulem a identificação com determinados grupos, muito embora existam movimentos nas redes sociais em sentido contrário, ou seja, defendendo a tolerância de gênero nos estádios (BANDEIRA; SEFFNER, 2013).

A depreciação da homossexualidade, aliás, também se manifesta através das próprias jogadoras, as quais, independentemente de serem lésbicas ou bissexuais, acabam por acionar mecanismos que as afastem dessa identificação, ou que aproximem o futebol feminino da lesbianidade; muito embora, em sentido oposto, também haja jogadoras que não se importem com os olhares negativos ou insinuantes relativos à sua sexualidade, pelo simples fato de praticarem futebol (MOREIRA, PRADO; CAVALEIRO; 2019).

De acordo com Moreira, Prado e Cavaleiro:

[...] é nesse jogo de negação, aceitação, acomodações, negociações e subversões que se constituem as subjetividades e expressões de gênero e sexualidade de nossas entrevistadas. Em alguns momentos, suas atitudes indicam transgressões e questionamentos aos padrões que afirmam a impossibilidade de *se sentir* ou de *se considerar* mulher em uma prática esportiva, historicamente direcionada aos homens. Em outros, as práticas reguladoras do gênero legitimam determinados modelos de masculinidades, feminilidades e expressões de sexualidade como ideais, incluindo o rechaço da possibilidade de que, eventualmente, possam ser identificadas com o desejo lesbiano. Tais discursos parecem prescrever um modelo de conduta que possibilita com que mulheres possam *até ser* jogadoras de futebol, desde que heterossexuais! Formas não menos intensa de discriminação dirigida às mulheres atletas que não atendem a esse slogan (MOREIRA, PRADO; CAVALEIRO; 2019, p. 541-542).

Assim, é possível conceber o futebol “como espaço social generificado e generificante que institui modos de produção de corpos/subjetividades acionados pelos dispositivos de gênero e sexualidade” (MOREIRA, PRADO; CAVALEIRO; 2019, p. 541-542), necessitando passar por uma reinvenção em relação às temáticas de gênero e identidade (CAMARGO, 2018, p. 14), o que indica que ainda há um longo e tortuoso caminho a percorrer nesse tema até que possam ser superadas as narrativas masculinas culturalmente construídas a partir de uma divisão binária de gênero.

2.4 IDENTIDADE

Voltando o olhar à questão da *identidade*, deve-se considerar que o homem é o único, dentre os seres vivos, que necessita fazer a si mesmo, construir-se, questionando-se, constantemente, acerca do sentido de sua vida. Deve, a exemplo dos demais seres vivos, lutar pela vida, mas isso somente lhe é possível se possui uma identidade, ou seja, se sabe quem é. No exemplo de Damatta, “um cavalo é cavalo no Brasil ou na Cochinchina”. Os seres humanos, no entanto, são maleáveis, vivendo em dada sociedade e em dado tempo, não possuindo, assim, “um centro rígido” ou “um caroço”, necessitando de valores que os definam e orientem (DAMATTA, 2012, *e-book* não paginado).

Identidade é um agregado de traços singulares que define e caracteriza pessoas ou sociedades. São esses traços, de certa forma únicos, que diferenciam comunidades e indivíduos diante dos demais. Conforme Woodward (2009, p. 8), as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”.

Conforme Castells (1999), toda e qualquer identidade é uma construção. O real questionamento é, então, compreender os fatores relevantes na sua concepção: "a principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem, e para que isso acontece" (CASTELLS, 1999, p. 23).

São muitos os fatores envolvidos na construção da identidade, sendo influenciados pelos atributos próprios de cada sociedade: sua localização geográfica, sua etnia e religião dominante, sua língua nativa. Para Castells (1999, p. 23), a construção da identidade vale-se, ainda, "da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder". Woodward (2009) denomina esses fatores de *símbolos* e afirma que a identidade é marcada por meio deles. Dessa maneira, a construção da identidade seria, tanto simbólica, fruto das características da sociedade e de sua história, quanto social, resultado da ação dos indivíduos e grupos sociais.

Stuart Hall (2011) trabalha a partir de três concepções distintas de *identidade*: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O *sujeito do iluminismo* "estava baseado numa concepção de pessoa humana, como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação". Esse sujeito era provido de um núcleo interior que adquiria ao nascer e que, embora com ele se desenvolvesse, permanecia essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo. Fala-se, nesse caso, de uma "concepção muito 'individualista' do sujeito e de sua identidade", sujeito este, usualmente, representado pela figura masculina (HALL, 2011, p. 10-11).

A crescente complexidade do mundo moderno, bem como a compreensão de que o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas, sim, construído na relação com outras pessoas, com as quais compartilhava valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura do mundo em que vivia, abriu espaço à noção do *homem sociológico*. Essa concepção não renuncia à ideia de que o sujeito possui um núcleo interior – o eu real –, mas reconhece que ele é formado e modificado a partir de um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos fornecem (HALL, 2011).

De acordo com Hall (2011):

[...] a identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o *interior* e o *exterior* – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a *nós próprios* nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os *parte de nós*, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou para usar uma metáfora médica, *sutura*), o sujeito à estrutura. Estabiliza, tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2011, p. 12, grifos do autor).

Todos os homens possuem uma identidade, que é recebida dos diversos grupos em que vivem, enquanto “cada sociedade busca fora e, sobretudo, dentro de si mesma (na sua fantasia, nos seus mitos e ritos, crenças e valores) as fontes de sua identidade” (DAMATTA, 2012, *e-book* não paginado). Assim, a *identidade*, pela perspectiva dos atores sociais, pode ser compreendida como o processo de construção de significado, que tem por suporte um atributo cultural ou um conjunto de atributos culturais que estão inter-relacionados e que acabarão por prevalecer em relação a outras fontes de significado (CASTELLS, 2018).

Os materiais, em sua totalidade, usados como matéria-prima para a construção da identidade, são remodelados e têm seu significado reorganizado na medida em que “são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades” (CASTELLS, 1999, p. 23). A reestruturação desses significados se dá, segundo Castells (1999), devido a predisposições da sociedade e a concepções culturais radicadas no sistema social e no entendimento da coletividade sobre tempo e espaço. Isto é, a construção da identidade decorre da combinação de diversos fatores; sendo um deles distinto, o resultado é capaz de apresentar modificações. Na medida em que a sociedade se modifica, a identidade se transforma para acompanhar as novas tendências desta. O processo está estritamente associado ao contexto social em que essa identidade se constrói e, segundo Woodward (2009), a redescoberta do passado faz parte do processo de construção da identidade.

A identidade possibilita traçar uma diferença entre o *nós* e os *outros* e também é a maneira pela qual uma pessoa ou sociedade se vê perante o todo. Laraia (2002, p. 67) afirma que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. A ideia de identidade está concatenada a algo próprio de um determinado grupo ou indivíduo, sendo algo interiorizado e integralmente relacionado às vivências e memórias de uma determinada sociedade. De acordo com

Castells (1999, p. 22), “entende-se por *identidade* a fonte de significado e experiência de um povo”.

Para Silva (2009), a identidade resulta da cultura e da sociedade, não sendo possível compreendê-la fora do sistema de significação no qual adquire seu sentido. Ainda conforme o autor, a diferenciação é o processo primordial na produção de uma identidade; todavia, há uma série de outros procedimentos que simbolizam essa diferenciação, tais como: incluir ou excluir, demarcar fronteiras, classificar e normalizar.

Foi a denominada *crise de identidade*, inserida em um processo mais amplo de mudanças, deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e, conseqüentemente, abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma certa estabilidade no mundo social, o que abriu espaço ao surgimento do *sujeito pós-moderno*. Assim, as velhas identidades entraram em declínio, abrindo espaço ao surgimento de novas identidades (HALL, 2011). Para o autor:

[...] o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais *lá fora* e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as *necessidades* objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2011, p. 12-13, grifos do autor).

A identidade atribuída às mulheres, fruto de uma visão de gênero ancorada em uma concepção biológica, foi de feminilidade, beleza e, acima de tudo, de uma mulher apta a gerar filhos e cuidar do lar. Essa concepção acabou por colocar-se, inicialmente, como uma barreira à participação destas no futebol. Goellner, referindo-se ao esforço de inserção das mulheres no futebol na década de 1940, afirma que (2005):

[...] mesmo que incipiente, a participação das mulheres no futebol representava uma transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina que tinha na imagem da mãe grande aceitabilidade. Lembremos que neste tempo o corpo feminino é visto como um bem social a alojar a esperança de uma prole sadia (GOELLNER, 2005, p. 146).

A explicação para a pouca visibilidade conferida às mulheres, no futebol brasileiro, decorre, para além da ausência de patrocínio, de duas questões que podem ser facilmente identificáveis em vários espaços sociais, uma vez que andam juntas: a masculinização que o futebol traria à mulher e a representação de feminilidade, que vai associar, de forma linear e imperativa, mulher, feminilidade e beleza (GOELLNER, 2005).

A inserção das mulheres no futebol correspondeu, assim, a uma atitude transgressora, uma vez que estas fizeram valer, em um universo marcadamente masculino, suas aspirações, desejos e necessidades. Contudo, por outro lado, é necessário considerar que, em dadas situações, “essa inserção esteve atrelada a afirmação de uma representação hegemônica de feminilidade *medida*, como se pode esperar, pela aparência dos corpos das jogadoras” (GOELLNER, 2005, p. 147). Para Goellner (2005):

[...] não é de estranhar as razões pelas quais o futebol passou a ser visto (e, muitas vezes, ainda é) como prejudicial ao desenvolvimento do corpo e do comportamento femininos. Para além dos imaginados danos físicos que esse esporte poderia causar, o receio de que pudesse masculinizar as praticantes direciona-se, não apenas para as modificações de seu caráter, mas, sobretudo, para a sua aparência. Afinal, julgava-se/ julga-se o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. Os argumentos que sustentam esses discursos estão ancorados em uma representação essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e, estas os define. Pressupõe, portanto, a existência de uma certa essência masculina e/ou feminina considerada natural e imutável. A esta concepção opõe-se uma outra, que afirma ser o gênero uma construção social e, por assim ser, admite, para cada pólo da unidade binária (masculino/feminino), diferenças significativas (GOELLNER, 2005, p. 148).

A mídia, principalmente a esportiva, apresenta relevante papel na construção das identidades. Isso se dá porque os veículos de comunicação atuam como selecionadores de informações, conseqüentemente ressaltando certos pontos em detrimento de outros e servindo como filtro da informação que chega às pessoas. Conforme a narrativa utilizada e a página ou editoria onde consta a informação, a mídia aplica seu olhar subjetivo sobre o acontecimento (SOUTO *apud* HELAL; CABO, 2014). Sendo assim, é através da mídia que características que definem países e indivíduos são validadas e disseminadas.

O jornalismo, por si só, já apresenta determinante influência na construção das relações e dos sentidos provocados no público pelo tema abordado em suas matérias, mas, quando se trata do jornalismo esportivo, que lida diretamente com a emoção,

esse papel é agravado (MARQUES; ROCCO JÚNIOR, 2014). Desse modo, conforme coloca Rangel (2012), o seguimento esportivo, apesar de estar inserido em um contexto maior do jornalismo, possui um universo particular. Isso se dá porque, ao lidar diretamente com a paixão do público, estabelece sólida ligação com a publicidade, insere-se na vida dos atletas e concede a estes o caráter de heróis, humanizando a imagem do profissional de futebol ao trazer a público aspectos de suas vidas privadas e, além disso, acaba por realizar julgamentos e avaliações sobre os fatos relatados pelas reportagens. Outra característica particular do jornalismo esportivo diz respeito às especulações, uma vez que são permitidas, fato não aceito em outras áreas do jornalismo (RANGEL, 2012).

2.4.1 A disputa pela identidade feminina no subcampo do futebol

O esporte corresponde a um fenômeno social carregado de significados, consistindo “num campo de disputas pelo controle das significações. Terreno fértil para muitas questões que afetam a participação e presença das mulheres na vida social” (MOREIRA; PRADO; CAVALEIRO, 2019, p. 525). Assim, o campo do esporte e, mais especificamente, o subcampo do futebol, traduzem uma relação de poder na qual se fazem presentes uma violência simbólica e uma dominação masculina, conceitos que são encontrados no ferramental de Pierre Bourdieu (1989, 1997, 2012 e 2019). Essas questões estão inseridas na peculiar metodologia construída por Bourdieu para a compreensão do mundo social e não prescindem de uma contextualização.

O *social*, em Bourdieu, ao contrário de corresponder a uma totalidade integrada por funções sistêmicas, é constituído por um conjunto de microcosmos relativamente autônomos, ou seja, por diferentes campos ou microcosmos, “espaços de relações objetivas onde se desenvolvem uma lógica e necessidades específicas, bem como interesses e disputas irredutíveis ao funcionamento de outros campos” (MARTINS, 2022, p. 250). Jourdain e Naulin explicam que:

[...] segundo Pierre Bourdieu, o espaço social é constituído de uma pluralidade de campos sociais como o campo artístico, o campo econômico, o campo jornalístico, o campo político, o campo religioso, o campo escolar ou ainda o campo esportivo. A Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu consiste em colocar em evidência a similaridade de estruturas, e, portanto, de

funcionamento entre estes diferentes níveis da vida social (JOURDAIN E NAULIN, 2017, p. 145).

Dessa forma, o mundo social (campo do poder), é composto por diversos campos, os quais podem ser subdivididos em diversos subcampos. Assim, por exemplo, o campo da arte abrange os subcampos da literatura, pintura, fotografia etc. (THOMSON, 2018). Conforme Thomson:

[...] cada subcampo, apesar de seguir a lógica geral do seu campo, também tinha suas próprias lógicas, regras e regularidades internas, e mover-se do campo mais amplo para um subcampo poderia muito bem exigir um *genuíno salto qualitativo* tanto para os agentes quanto para aqueles que buscam investigá-lo e compreendê-lo (THOMSON, 2018).

A ideia de *campo*, presente como um traço marcante no ferramental de Bourdieu, não pode, contudo, ser considerada isoladamente, situando-se, em sua metodologia, ao lado de outras duas ferramentas igualmente importantes, o *capital*² e o *habitus*³, formando um trio interdependente e construído em conjunto (THOMSON, 2018).

Um dos recursos, portanto, utilizados por Bourdieu para a compreensão do social é a ideia de campo, apresentada por meio de diferentes metáforas, sendo, uma delas, justamente a de um campo de futebol, ou seja, o espaço delimitado destinado a um jogo no qual os jogadores têm posições definidas (THOMSON, 2018).

Conforme Thiry-Cherques:

Por definição, o campo tem propriedades universais, isto é, presentes em todos os campos, e características próprias. As propriedades de um campo, além do *habitus* específico, são a estrutura, a *doxa*, ou a opinião consensual, as leis que o regem e que regulam a luta pela dominação do campo (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 36).

² A ideia de *capital*, em Bourdieu, traduz, para além de um sentido econômico, igualmente um conjunto de bens culturais, sociais, simbólicos, capital este que é necessário não apenas para ingressar em determinado campo, mas também para nele conservar ou conquistar posições em um jogo que coloca em disputa os interesses de conservação e de subversão da ordem dominante no campo (THIRY-CHERQUES, 2006).

³ O *habitus*, segundo Bourdieu (1989, p. 61), corresponde a um “conhecimento adquirido”, “uma disposição incorporada, quase postural” (BOURDIEU, 1989, p. 61), ou, como explica (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33, grifos no original), “o *habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada”.

Cada um desses campos pauta-se por uma lógica própria de funcionamento e de estruturação, neles estabelecendo-se disputas e hierarquias internas, estruturando as relações entre os atores em seu interior (MARTINS, 2018). Como explica o sociólogo francês, “em todo campo haverá uma luta, cujas formas específicas devem ser sempre procuradas, entre o novo concorrente, que tenta eliminar os obstáculos do direito de entrada, e o dominante, que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência” (BOURDIEU, 2021, p. 109).

Sob o título “Como podemos ser desportistas”, conferência posteriormente reproduzida em livro, Bourdieu questiona acerca da existência de um campo esportivo e a partir de quando, precisamente, se formou esse campo (BOURDIEU, 2019). Esse campo, na concepção do autor, acaba por englobar um corpo de especialistas que vivem direta ou indiretamente do esporte, formando um sistema que abarca agentes e instituições que se confrontam, em um campo de concorrência relacionado ao esporte, dotado de uma lógica própria e de práticas sociais totalmente particulares (BOURDIEU, 2019).

A existência de um campo esportivo ou desportivo, como se pretenda nominar, adotada a compreensão de Bourdieu, vai também contemplar uma lógica muito peculiar: o subcampo do futebol, notadamente porque nele está presente, além de um forte profissionalismo, uma lógica mercantil vinculada ao espetáculo em que se transformou. Nesse ponto, muito ligado à própria história da evolução do futebol feminino no Brasil, contemplada a sua proibição e a significação como um esporte exclusivamente masculino, inclui-se o reconhecimento de que o campo esportivo e, mais do que qualquer outro, o subcampo do futebol, “está inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo” (BOURDIEU, 2019, p. 172).

A disputa no interior desse subcampo (do futebol), no universo brasileiro, embora traduza uma evolução, dado que anteriormente sequer era permitido às mulheres nele ingressar como jogadoras, pois não detinham, por força de uma proibição legal (como referido no item 2.2), o capital necessário para tanto, ainda segue permeado pela lógica de uma dominação masculina.

Essa lógica, que corresponde a um trabalho de construção simbólica, fundada em uma naturalização de uma construção social, remete a uma visão androcêntrica dos corpos masculino e feminino, abrangendo seus usos e suas funções, de modo que “legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica

que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2012, p. 33).

Segundo Bourdieu:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas iminentes a todos os hábitos: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas (BOURDIEU, 2012, p. 45).

Nesse espaço de disputa entre os agentes, em relações assimétricas que se estabelecem entre detentores de capitais desiguais (MARTINS, 2022), é que se faz presente uma dominação, considerada legítima no interior de cada campo, sendo, “em geral, não-evidente, não-explicita, mas sutil e violenta” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 37). Essa dominação, no caso, é exercida mediante uma violência simbólica, não-física, mas real e que, muitas vezes, apresenta-se como gentil (SCHUBERT, 2018):

Escreve Bourdieu:

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. Se ela pode agir como um macaco mecânico, isto é, com um gasto extremamente pequeno de energia, ela só o consegue porque desencadeia disposições que o trabalho de inculcação e de incorporação realizou naqueles ou naquelas que, em virtude desse trabalho, se veem por elas capturados (BOURDIEU, 2012, p. 45).

Essas predisposições estão colocadas, evidentemente, sob a forma de uma violência simbólica, em mecanismos que insistem em reproduzir, mesmo que imperceptivelmente, a crença de que o futebol não é um esporte para mulheres, o que se apresenta como uma característica própria desse subcampo no Brasil, o que corresponde a uma variável nacional capaz de interferir na lógica desse subcampo (BOURDIEU, 2019).

Isso é traduzido, nesse subcampo tão peculiar, por uma disputa “entre o novo concorrente, que tenta eliminar os obstáculos do direito de entrada, e o dominante, que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência” (BOURDIEU, 2019, p. 109), o que, em um espaço que reproduz anos de dominação masculina, coloca como dominantes os atores masculinos e, como desafiantes, as atoras femininas.

Se há um universo social no qual a dominação masculina transparece, esse espaço é o subcampo do futebol, no qual há uma acentuada assimetria econômica e simbólica, evidenciada não apenas pelas diferenças salariais entre os atores principais desse espetáculo⁴, mas, também, pelo investimento dos clubes⁵ e pela cobertura midiática dispensada⁶, fatores que separam homens e mulheres. É como se fosse necessário às mulheres, na disputa no interior desse campo, em uma expressão comum ao futebol, “matar um leão a cada dia”.

É necessário, no ambiente do futebol, romper com as relações de poder que ainda hoje pretendem identificar e aprisionar a identidade feminina em concepções que remetem a um passado de espetacularização. É preciso subverter a lógica que permite olhar para as jogadoras, técnicas e árbitras como objeto, e não a partir de suas habilidades.

Dessa forma, no país do futebol, em que tal atividade está discursivamente incorporada à identidade nacional, é necessário que esta corresponda, não apenas a um lugar a ser conquistado pelas mulheres, mas que também seja ressignificado quanto a alguns dos sentidos que a ele estão vinculados, a fim de se afirmar como um espaço que igualmente é seu. Em outras palavras, “um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdades” (GOELLNER, 2005, p. 148).

⁴ Sobre diferenças salariais consultar reportagem de O Globo (MARTA..., 2023).

⁵ Como regra geral, os clubes brasileiros somente passaram a investir na modalidade feminina em face da obrigatoriedade estabelecida pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol)

⁶ De acordo com “o relatório do Projeto Global de Monitoramento de Mídia, apoiado pela Unesco, somente 4% do conteúdo esportivo na mídia são dedicados aos esportes com participação feminina” (CAMPOS, 2018).

3 ESPORTE E MÍDIA

3.1 TRANSMISSÕES DE RÁDIO E TELEVISÃO NO FUTEBOL

Antes do ingresso especificamente no universo do futebol feminino, é preciso observar alguns marcos importantes quanto ao surgimento das transmissões esportivas no Brasil e da relação da mídia com o esporte.

A primeira nota sobre futebol, no Brasil, foi publicada no jornal O Comércio, de São Paulo, em 17 de outubro de 1901, anunciando uma partida de futebol. O resultado foi divulgado três dias depois. O futebol começou sua popularização em solo brasileiro em 1924, quando o Vasco da Gama foi campeão carioca, pela primeira vez com um time que apostava no talento dos negros. Em 1925, o futebol já era o esporte nacional. O Brasil havia sido bicampeão sul-americano, na hoje Copa América, em 1919 e 1922, e faltavam apenas cinco anos para a primeira Copa do Mundo (COELHO, 2004).

Nos anos 1910, em São Paulo, o futebol ainda não contava com o apelo popular, mas, mesmo assim, já era possível reconhecer a relevância dos veículos de comunicação no esporte, através dos escritos do jornal Fanfulla, que contava com páginas dedicadas ao conteúdo esportivo. O periódico tinha como público principal os italianos, em terras paulistas, e foi o motivador do surgimento do Palestra Itália, hoje conhecido como Sociedade Esportiva Palmeiras (COELHO, 2004). No começo do século XX, no Rio de Janeiro, conforme aponta Coelho (2004), os periódicos passaram a reservar crescente espaço ao futebol, se comparado ao restante das capitais brasileiras.

Em 1914, a Seleção Brasileira foi oficialmente criada, mas anteriormente já houvera uma espécie de seleção nacional formada por equipes combinadas de clubes regionais, que enfrentavam os países vizinhos. O primeiro jogo oficial foi em julho de 1914, contra o Exeter City, da Inglaterra, com vitória de 2 a 0 para o Brasil (SANTOS NETO, 2002).

Em agosto de 1916, surgiu a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), criada para regulamentar e promover o desenvolvimento desportivo no país. Visando a uma maior profissionalização do futebol, a instituição foi peça imprescindível para o atraso do desenvolvimento do futebol feminino em solo verde e amarelo, como visto antes.

A primeira transmissão de um jogo de futebol, por uma emissora de rádio brasileira, ocorreu em 19 de julho de 1931, em partida disputada entre as seleções de

São Paulo e do Paraná. O encontro entre as duas seleções estaduais foi narrado por Nicolau Tuma, o precursor da narração de um jogo de futebol, lance por lance, ou seja, continuamente, durante os 90 minutos, criando o estilo de narração que passou a integrar a programação esportiva de rádio (SOARES, 1994). Como alerta Soares (1994), é até possível que outras transmissões tenham sido feitas em data anterior, por outros locutores, sem que, contudo, tenham sido realizadas, lance por lance, ou seja, de forma contínua, durante o tempo total do jogo. Apesar de ser a precursora, a narração não foi feita para todo o Brasil. Isso aconteceu apenas em 1938, quando a rádio brasileira transmitiu, pela primeira vez, uma Copa do Mundo de Futebol, desde a França (POLETTTO *et al*, 2015).

Para Costa e Götz (2020), a primeira transmissão radiofônica de uma partida de futebol, em Porto Alegre, ocorreu em 19 de novembro de 1931, quando, de forma improvisada, Ernani Ruschel realizou a transmissão, pela Rádio Sociedade Gaúcha, da vitória do Grêmio por 3 a 1 sobre a Seleção Paranaense.

Esse olhar retrospectivo, que remete ao ano de 1931, indica que a primeira transmissão de uma partida de futebol ocorreu antes da profissionalização desse esporte (GUIMARÃES, 2018). A profissionalização do futebol, ao menos oficialmente, se verificou somente em 1933, muito embora o pagamento de benefícios a jogadores, em um *amadorismo de fachada*, já permitia, bem antes, a inclusão de pobres e negros nos clubes da época (MACKEDANZ *et al*, p. 149). Como refere Malaia (2008):

[...] oficialmente, antes de 1933, não havia profissionalismo. Mas isso apenas oficialmente, pois a realidade apresentava-se muito diferente. Desde 1919 o time do Vasco vinha bancando praticamente todos os seus jogadores com prêmios em dinheiro por vitória (MALAIA, 2008, p. 131).

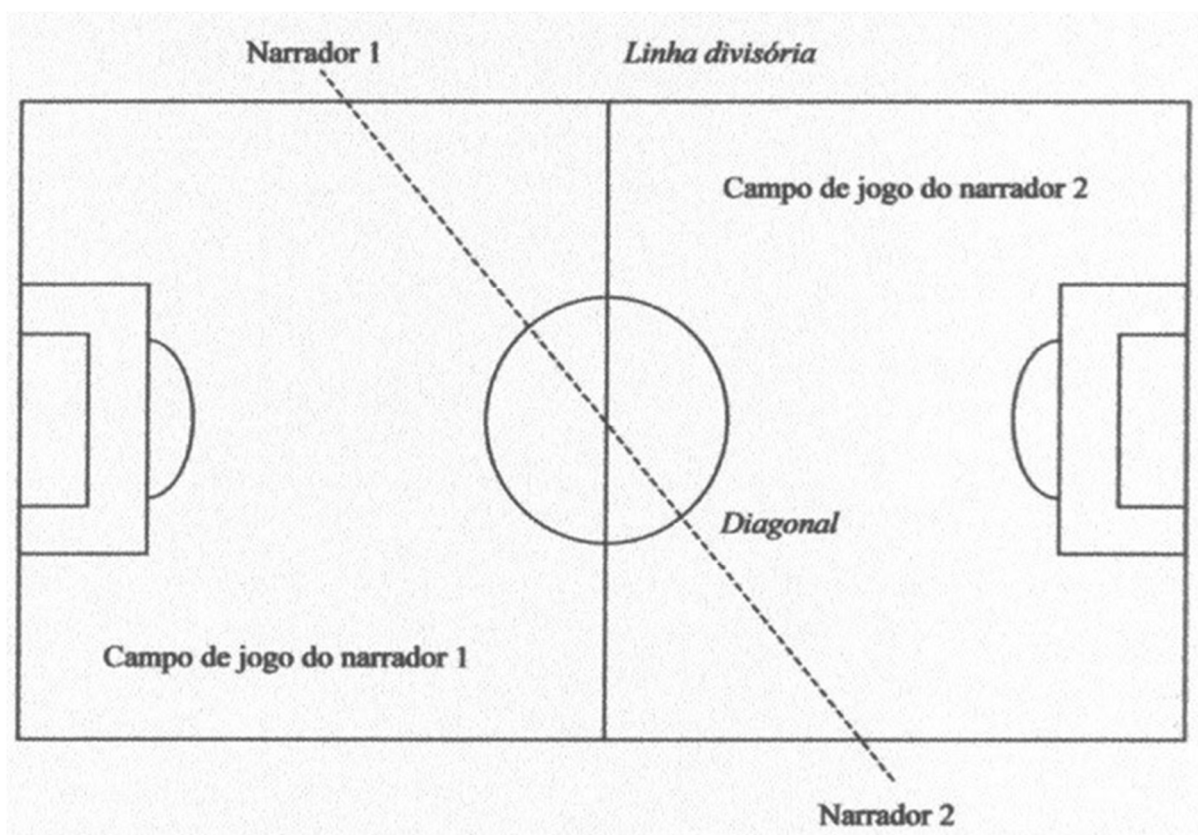
O primeiro comentarista esportivo de rádio surgiu em 1936, na Rádio Clube Brasil, de maneira não planejada, durante a transmissão do Campeonato Sul-Americano. Dois anos depois, em 1938, é feita a primeira narração esportiva de rádio para todo o país, no jogo Brasil x Polônia, pela Copa do Mundo da França, quando o Brasil ganhou de 6 a 5 (POLETTTO *et al*, 2015).

Conforme Soares (1994, p. 22), “no início dos anos 30, o rádio e o futebol brasileiros passavam por uma fase semelhante. Ambos tentavam se profissionalizar e se livrar de vez do elitismo que caracterizou sua introdução no país”.

As primeiras transmissões de partidas de futebol, como refere Guimarães (2018), eram marcadas pela precariedade, tanto pelas dificuldades técnicas quanto pelas modestas estruturas dos estádios, que não dispunham de cabines de transmissão. Conforme o autor, “as narrações eram lineares e, em muitas vezes, com o locutor limitando-se apenas a descrever quem estava com a bola” (GUIMARÃES, 2018, *e-book* não paginado).

Essa situação de precariedade passou a se transformar a partir da Copa do Mundo de 1950, quando foram construídos novos estádios e outros foram reformados, oportunizando aos narradores a transmissão das partidas a partir de uma visão integral do campo de jogo. Naquela época, era comum a denominada *narração em diagonal* (representada na figura abaixo), na qual dois narradores ficavam postados, em diagonal, nas metades opostas do gramado, cada um deles responsável por descrever o que ocorria na sua metade (GUIMARÃES, 2018).

Figura 1 – Narração em diagonal



Fonte: Guimarães (2018, *e-book* não paginado).

Foi apenas em 1950 que, como aponta Guimarães (2018), ao lado de outras transformações que foram se sucedendo na transmissão esportiva de rádio, “o narrador *subiu para a cabine*”. Além disso, como explica o autor:

[...] o comentarista passou a ser uma figura cotidiana nas transmissões. Os repórteres desenvolveram suas práticas, que perduram até hoje. E, por fim, introduziu-se a função de plantão esportivo. Em algumas emissoras, há outros papéis, como o de repórter de torcida, plantão auxiliar ou repórter de jornalismo geral. As novas atribuições e a incorporação de novos profissionais deram às transmissões uma forma que é hegemônica até hoje. Outro ponto importante é quanto ao formato adotado numa jornada, que atende a um roteiro prévio por onde se desenha o campo de atuação dos profissionais envolvidos. Um outro aspecto a ser ressaltado é quanto ao planejamento de uma transmissão, que envolve um aparato diferenciado em relação a uma cobertura ordinária dos fatos cotidianos (GUIMARÃES, 2018, *e-book* não paginado).

O jornalismo esportivo foi um dos primeiros tipos de programa a se estabelecer nas rádios e, assim, continua atualmente, ocupando considerável espaço nas grandes emissoras, com notícias e comentários durante a semana, bem como com a jornada esportiva, nos dias de jogos (SOARES, 1994).

Os meios de comunicação exerceram papel fundamental na popularização do futebol. Segundo Dantas (2014), o rádio, conhecido por ser um meio de baixo custo e, dessa maneira, acessível às classes mais pobres, foi determinante para essa expansão do alcance do esporte. A partir de 1930, ele contribuiu para que o futebol se tornasse disponível e presente no cotidiano dos menos privilegiados. As transmissões esportivas fizeram do rádio o grande companheiro dos trabalhadores brasileiros (GUTERMAN, 2009).

Mostaro, Amaro e Helal (2014, p. 64-65) sustentam que, “ao se unir às transmissões esportivas radiofônicas, o futebol se consolida como atividade popular e mobilizador das massas”. Para Guterman (2009), mediante a inovação dos locutores e a próspera abrangência das emissoras de rádio, o futebol atingiu um novo patamar, ampliando sua popularidade e tornando-se algo vivo, um esporte que palpita no coração dos brasileiros e que mexe com a emoção de cada um.

A primeira transmissão de televisão de um jogo de futebol no mundo aconteceu em novembro de 1936, realizada por uma emissora alemã, que exibiu o empate por 2 x 2 entre Itália e Alemanha. No Brasil, só viria a acontecer quase 19 anos depois. O primeiro jogo exibido, ao vivo, no país, ocorreu em setembro de 1955. O clássico Santos 3 x 1 Palmeiras, na Vila Belmiro, foi transmitido pela Record. A televisão

ganhou cores apenas em 1970, com a Copa do México, mas, no Brasil, a tecnologia não permitia a visualização além do preto e branco:

A Copa do México inaugurou a transmissão via satélite, em cores para todo o planeta. No Brasil, muitos dizem ter visto a Copa em cores, mas provavelmente é para contar vantagem, já que o sinal captado e os aparelhos de TV do país eram em preto e branco – as cores eram privilégio de alguns poucos. A primeira transmissão de um jogo em cores só ocorreu em 1972 e envolvia a Seleção de Caxias do Sul (RS) contra o Grêmio. Outra novidade seria o *replay* instantâneo dos principais lances, poucos instantes depois após eles acontecerem (RIBAS, 2010, p. 159).

O primeiro diário totalmente dedicado aos esportes, no Brasil, foi o Jornal dos Sports, criado nos anos 1930, no Rio de Janeiro (COELHO, 2004). Coelho afirma, no entanto, que os jornais passaram a contar com os extensos cadernos de esportes apenas no fim da década de 1960. Na segunda metade da mesma década, o país passou a integrar o conjunto de nações que possuía uma vasta imprensa esportiva, trazendo cadernos esportivos maiores e cada vez mais presentes nas folhas dos periódicos brasileiros (COELHO, 2004).

No fim da década de 1960, o torcedor brasileiro pôde assistir às partidas de futebol pela televisão, período em que a transmissão era executada com apenas duas câmeras (PEREIRA, 2005). Pereira (2005) constata que, nas transmissões mais recentes, é possível observar até 28 câmeras em uma mesma partida, com tendência de crescimento, com a descoberta de novos ângulos e possibilidades midiáticas. Isso se dá devido à evolução dos equipamentos necessários para colocar um evento desse porte na tela de milhões de torcedores, além do aumento dos investimentos no produto, que se tornou extremamente lucrativo para as emissoras. Em 1970, com o uso de recursos como *slow motion* e *replay*, o Brasil assistiu a uma copa do mundo ao vivo, pela primeira vez.

As transmissões esportivas, no Brasil, ganharam força e periodicidade na segunda metade dos anos 1980, solidificando-se a partir de 1994, quando as emissoras a cabo começaram a surgir. Mais recentemente, em 2015, o YouTube transmitiu um evento futebolístico pela primeira vez para o Brasil. Tratou-se da Copa do Rei, principal competição disputada em *formato mata-mata*, da Espanha.

O *streaming* surgiu em 2006, nos Estados Unidos; chegou ao Brasil em 2011, com a Netflix, e começou sua consolidação no mercado nacional a partir de 2018. Esse desenvolvimento recente foi impulsionado pela necessidade de a população se

manter isolada em suas casas, devido ao surgimento da covid-19. Primeiramente, como serviço sob demanda, de séries e filmes, os *streamings* expandiram sua atuação também para transmissões de partidas ao vivo, de diversos esportes.

Pode-se notar, com o levantamento histórico apresentado acima, que as histórias do futebol e do jornalismo esportivo no Brasil se misturam, pois, na medida em que surgiam as tecnologias, como o rádio e a televisão, o esporte crescia e se consolidava como paixão nacional. Com a Internet, muitos processos foram facilitados e custos diminuídos. Do rádio à televisão aberta e paga, soma-se, agora, a entrada de serviços de *streaming* e plataformas digitais, como HBO Max, Star+, YouTube, Facebook Watch, dentre outros, que ampliam as possibilidades e a variedade de conteúdos para os espectadores.

Os comentaristas esportivos são uma evidência da proximidade entre esporte e mídia, uma vez que ídolos que construíram carreira, em campos e quadras, ao se aposentarem, mantiveram a proximidade com o esporte, movidos pela paixão, tornando-se técnicos ou, ainda, comentaristas de rádio ou televisão. Vendite, Vendite e Palombo (2007) sustentam que, atualmente, é difícil encontrar um jornalista exercendo a função de comentarista. O fenômeno ocorreu primeiramente no futebol e, na sequência, expandiu-se para os demais esportes. A cobertura realizada em 16 canais, pelo SporTV, durante os Jogos Olímpicos Rio 2016, exemplifica esse fato, uma vez que teve seus comentários realizados por ex-atletas de ginástica, natação, basquete, salto em altura, boxe, maratona aquática e nado sincronizado, entre outros (SPORTV.COM, 2016).

Para Coelho (2004), o mercado é determinante para o surgimento de ex-atletas como comentaristas esportivos, uma vez que a emissora exige que os jornalistas cubram diversos esportes, com a possibilidade de especialização apenas no futebol, por ser o carro chefe de audiência. De maneira geral, os repórteres se enquadram como jornalistas esportivos, ou seja, cobrem uma variedade de esportes e, dessa forma, não é possível que se dediquem ao aprofundamento de nenhum deles.

A maneira como as informações esportivas circulam também mudou em decorrência da globalização e das novas tecnologias (SARAIVA JÚNIOR, 2007). A Internet e os demais meios de comunicação acompanharam o interesse do público por esportes. Cada meio de comunicação possui características próprias de propagação e formato de conteúdo. O grande diferencial da Internet é a instantaneidade, que possibilita a divulgação de informações em tempo real. Saraiva

Júnior (2007, p. 151) argumenta que “tecnologia e comunicação andam lado a lado”. Sendo assim, a Internet se torna ferramenta fundamental para informar os fãs de esporte.

Dada a quantidade e variedade de informações disponíveis simultaneamente, o consumidor migra para o meio on-line, que permite que se busquem conteúdos de acordo com seus interesses, sendo possível encontrar uma ampla variedade de informações em múltiplos formatos (SARAIVA JÚNIOR, 2007). A velocidade e a facilidade de acesso fazem da Internet um recurso eficaz de distribuição de assuntos relacionados ao esporte, pois possibilita ao fã que acesse, através de seu smartphone, tablet ou outros dispositivos móveis, de qualquer lugar com conexão à Internet, tudo sobre seu time ou seu atleta favorito, podendo, inclusive, assistir a transmissões de partidas ao vivo.

Assim como a mídia, o esporte também se modernizou e se profissionalizou, ajustando-se aos tempos atuais. Deve-se observar que o grande alcance do esporte, hoje, se dá através dos meios de comunicação de massa e da Internet, que fazem uso da tecnologia para proporcionar uma experiência de consumo muito mais interativa e completa. Segundo Dantas (2014), o futebol está cada vez mais próximo de se tornar um grande espetáculo, unindo o conforto do lar com as novas possibilidades agregadas pela tecnologia e permitindo ao consumidor vivenciar sensações únicas.

Dessa maneira, o sofá de casa possibilita uma variedade maior de detalhes e oportunidades de consumo de informações do que as arquibancadas dos estádios. Através da televisão, as transmissões esportivas se enriquecem com recursos que agregam uma visão mais ampla e que engloba diversos olhares sobre uma mesma partida, como, por exemplo, câmeras nos mais diferentes ângulos, replay de lances importantes, comentários e análises, narração, entrevistas com jogadores e treinadores. Já no estádio, a experiência do torcedor se limita ao campo de visão do setor para o qual adquiriu seu ingresso, podendo, na melhor das hipóteses, recorrer ao rádio como aliado para complementar a experiência com a descrição dos lances por meio da narração, dos comentários e das reportagens.

Além disso, é importante observar que a televisão e o esporte estão fortemente ligados e mantêm uma relação de interdependência, por meio de programas específicos de esporte, como o “Donos da Bola”, da Band, e o “Bem, Amigos!”, da Globo, de canais dedicados inteiramente aos esportes, tal qual o SporTV e a ESPN,

e dos grandes telejornais informativos, como o “Fantástico” e o “Jornal Nacional”. São esses que realçam e concedem espaço para que as principais notícias relacionadas ao mundo dos esportes alcancem o público.

A definição dos horários dos jogos dos times da Série A e dos grandes times da Série B, como Vasco e Grêmio, em 2022, por exemplo, é pautada pelo público que consumirá a partida pela televisão, conforme defendem Vendite, Vendite e Palombo (2007). Esses clubes apresentam significativa quantidade de torcedores e geram audiência para as emissoras. Dessa maneira, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o canal de televisão, detentor dos direitos de transmissão do campeonato, trabalham em conjunto, de acordo com os interesses comerciais, para a definição da grade de horários das partidas. No Campeonato Brasileiro masculino, é a Rede Globo que detém esses direitos, desde 1995 (COELHO, 2004). Dessa maneira, esporte e mídia se pautam mutuamente e trabalham juntos para a construção do espetáculo televisivo que é, hoje, o futebol moderno.

Bourdieu (1997) defende que o campeão é puramente o sujeito visível do espetáculo televisivo, uma vez que esse é fabricado duas vezes. A primeira, mediante os envolvidos diretamente com o andamento da competição no local, ou seja, atletas, treinadores, árbitros, comissão técnica, entre outros; já a segunda, é produzida pelos profissionais da imagem, encarregados de criar o discurso do espetáculo e expostos à pressão do sistema midiático no qual estão inseridos (BOURDIEU, 1997).

Um dos motivos para a conexão entre futebol e televisão, conforme colocam Vendite, Vendite e Palombo (2007), é o lucro que o primeiro gera para o segundo. Logo, as emissoras buscam desenvolver uma transmissão atrativa para o torcedor que não consegue ou opta por não estar presencialmente no estádio. Dessa forma, as transmissões se tornam cada vez mais completas e buscam trazer ao espectador todo o contexto das partidas.

Rangel (2012) acredita que os atributos que fazem do esporte um espetáculo, como, por exemplo, a contaminação da linguagem jornalística pela publicitária, a especulação de notícias do mercado da bola, a espetacularização dos profissionais de rádio e TV que lidam com o esporte, são os responsáveis pelo desenvolvimento da mercantilização deste. São esses fatores, aliados aos meios de comunicação, os encarregados de converter o esporte em entretenimento. Também a profissionalização dos atletas foi impulsionada pela verba investida pela televisão no

esporte e, principalmente, no futebol, por intermédio dos patrocinadores (VENDITE; VENDITE; PALOMBO, 2007).

Para Rangel (2012), é a questão econômica que dita o espaço dado ao esporte na mídia. Sua influência é notável, podendo ser observada nas capas dos jornais impressos, na página inicial dos *sites* de veículos de comunicação, no rádio e na televisão. São muitos os espaços dominados pelo esporte: as matérias disponíveis sobre os mais diversos times e campeonatos; os programas que tratam de esporte em horário nobre; as jornadas esportivas com pré e pós-jogo; os programas de debate, dentre tantos outros conteúdos que levam todos os ângulos e desdobramentos do esporte aos brasileiros.

Marques e Rocco Júnior (2014) defendem que o surgimento de novos produtos midiáticos, focados no esporte, é possibilitado pela necessidade dos veículos de comunicação de preencherem suas programações com conteúdos esportivos. A Rádio Grenal (FM 95,5), fundada em 2012, é um exemplo da forte presença do esporte no radiojornalismo, uma vez que é direcionada para um segmento específico de público, que engloba consumidores de futebol e, mais especificamente, torcedores de Grêmio e Internacional. Sendo a única com proposta de transmitir futebol ao vivo durante 24 horas, todos os dias, conforme consta de seu *site* oficial, a existência da emissora comprova a demanda do público gaúcho por informações futebolísticas do seu estado, a qualquer hora do dia e durante toda a semana.

Para Maluly (2012, p. 18), “o torcedor fica atento ao universo da mídia. A proposta é a integração pela notícia”. As rodas de conversa são alimentadas pelas informações esportivas provenientes da mídia, que permitem aos fãs de esporte estarem sempre a par dos novos acontecimentos daquele universo. Também de acordo com o autor, o interesse do público é renovado através dos detalhes contidos nos conteúdos esportivos. A cobertura de jogos e demais acontecimentos esportivos, com viés de espetáculo, cativa o público, que é atraído pelas transmissões, principalmente as televisivas e radiofônicas.

3.2 TRANSMISSÕES DE FUTEBOL FEMININO NO BRASIL

O início de uma caminhada a passos largos rumo à valorização do futebol feminino nacional ocorreu em 2017, com uma decisão tomada pela CONMEBOL e referendada pela CBF. Todos os clubes masculinos, para disputar a Libertadores e a

Sul-Americana, competições organizadas pela confederação, precisariam, necessariamente, ter um time feminino em atividade, a partir do ano de 2019. A mesma decisão se aplicou ao Campeonato Brasileiro Série A. Alguns clubes se anteciparam e, ainda em 2017, anunciaram o retorno ou a criação de suas equipes femininas. Aproveitando a menor competitividade, as equipes utilizaram os dois anos de vantagem para construir seus caminhos até a elite do futebol feminino nacional e a consolidação de seus departamentos.

Para abordar questões relacionadas à história das transmissões de futebol feminino no Brasil, é importante observar que são poucos os registros documentados sobre o tema, principalmente nos anos iniciais. Dessa forma, este capítulo leva em consideração, também, as memórias e experiência da autora durante sua atividade profissional, como repórter e assessora de imprensa do futebol feminino do Sport Club Internacional, de 2015 a 2021.

Durante o referido período, em que foi reativado e consolidado o departamento de futebol feminino do clube, a autora presenciou e ajudou na construção do dia a dia da comunicação das Gurias Coloradas com o público, estando presente em transmissões de jogos pela TV Inter, reportagens para site, televisão e redes sociais, além da cobertura de jogos em Porto Alegre e como visitante, bem como o relacionamento com a imprensa e veículos que realizam a cobertura da modalidade.

De 2013 a 2017, com o patrocínio da Caixa Econômica Federal, o Campeonato Brasileiro destinava sua verba à agência Sport Promotion, detentora dos direitos de transmissão e responsável por captar e disponibilizar as imagens do torneio. Os direitos chegaram a ser revendidos à TV Brasil, do Governo Federal, que passou a realizar as transmissões em canal aberto. Em 2018, porém, o patrocínio chegou ao fim e o torneio deixou de ser exibido (NUNES, 2019).

Nos anos de 2018 e parte de 2019, a grande maioria das partidas oficiais pela elite do campeonato nacional não eram transmitidas de nenhuma maneira, nem por vídeo, nem por áudio; não existiam interessados pela principal competição de futebol feminino do país e as emissoras não pensavam em abrir espaço em suas grades para a narração desses jogos. Até aquele ano, eram os clubes que, caso possuíssem a estrutura necessária e considerassem possível e válido realizá-la, respondiam pelas transmissões das partidas, através de suas redes sociais. Com a parceria do Twitter, como se vê adiante, o contrato de exclusividade limitou a atuação dos clubes, e o campeonato passou a contar com a transmissão de unicamente uma partida por

rodada, até a chegada da Band TV, na sétima etapa do Brasileirão, quando passaram a ser transmitidos dois jogos, um de responsabilidade de cada veículo.

Foi nessa época, também, que as rádios web independentes começaram a voltar sua atenção, ainda de início timidamente, para as possibilidades midiáticas do futebol feminino, uma vez que os acessos a partidas, jogadoras e bastidores era simplificado em relação ao futebol masculino.

Entra-se, agora, em um passado recente, no ano mais importante para a transformação da modalidade no Brasil: 2019. A obrigatoriedade imposta pela CONMEBOL e CBF (GLOBOESPORTE.COM, 2019) foi o empurrão que faltava para movimentar as engrenagens da visibilidade do futebol feminino. Surge uma nova realidade no futebol feminino: novos times, maior estruturação das competições, criação de um calendário para o futebol de base e expansão de oportunidades para clubes e atletas. Dentro desse cenário, a Copa do Mundo de Futebol Feminino da França, com os jogos da seleção feminina sendo transmitidos na televisão aberta, pela primeira vez, em uma edição dessa competição, fez com que a modalidade atraísse olhares curiosos e efetivasse novos fãs.

No futebol feminino, ao contrário do masculino, o Campeonato Brasileiro ocorre antes dos regionais, no calendário nacional. A primeira grande ação de transmissão de partidas oficiais do futebol feminino se deu em 2019, quando a Band TV comprou os direitos de transmissão do Brasileirão Feminino A1 e passou a transmitir uma partida por rodada. A CBF, observando o crescimento da modalidade, que a partir daquele ano passou a ter, obrigatoriamente, os times de camisa, criou a CBF TV, uma emissora oficial e totalmente on-line, em parceria com a plataforma MyCujoo, hoje Eleven Sports, para realizar as transmissões dos demais confrontos.

Foi nesse ano, também, que a CBF firmou parceria com o Twitter para a transmissão, com exclusividade, de partidas da fase de grupos, quartas de final e semifinal, além de se somar aos veículos que realizavam a transmissão das partidas da final (TWITTER..., 2019). Conforme Pitter Rodriguez, diretor de parcerias de esportes do Twitter, para a América Latina:

[...] com essa parceria, levamos à nossa audiência e anunciantes a possibilidade de ver e valorizar o esporte feminino. Mais do que isso, estamos muito felizes em apoiar a modalidade, como uma plataforma que dá ao futebol das mulheres o espaço que ele merece (TWITTER..., 2019).

Em 2020, a Band TV renovou o seu contrato com a CBF e seguiu transmitindo um confronto por rodada, enquanto a parceria entre CBF TV e MyCujoo transmitia os demais jogos. A ESPN assumiu as transmissões na televisão fechada, exibindo as semifinais e finais de 2020, ao vivo. Em 2021, o Desimpedidos, canal no YouTube com mais de nove milhões de inscritos, apostou no futebol feminino como porta de entrada para o universo das transmissões esportivas, passando a transmitir um jogo por rodada. Após renovar seu contrato pelo terceiro ano consecutivo, a Band TV se manteve transmitindo também um confronto por rodada, tendo a preferência pela escolha do jogo e o direito exclusivo de transmissão.

No caso do Desimpedidos, o jogo escolhido pelo canal é, simultaneamente, transmitido também pela CBF TV, tendo cada canal a sua captação de imagens e profissionais independentes. O restante das partidas teve suas transmissões realizadas pela parceria entre o canal oficial da Confederação Brasileira de Futebol e MyCujoo. A partir das quartas de final, o SporTV passou a também transmitir os jogos, com a CBF TV saindo de cena. Além do canal de TV por assinatura, o TikTok firmou uma parceria com CBF e Desimpedidos, transmitindo pela rede todos os 14 jogos da fase de *mata-mata* da competição, pelas contas do Brasileirão feminino e Desimpedidos.

As duas partidas da final do Campeonato Brasileiro 2021 foram transmitidas pela Band TV, em canal aberto, SporTV, em canal por assinatura, e pelos perfis oficiais do Desimpedidos e Brasileirão feminino, no TikTok. Em 2022, o Brasileirão feminino foi transmitido por Band, SporTV e CBF TV, através da plataforma Eleven Sports.

Já a Libertadores feminina teve 100% dos seus jogos transmitidos para o Brasil, pela primeira vez, em 2021, com os direitos de transmissão sendo adquiridos pelo grupo Disney, composto por ESPN Brasil, FOX Sports Brasil e Star+. Nos anos anteriores, era muito difícil ter acesso a todos os jogos e acompanhar a competição, do início ao fim. Cabia à CONMEBOL organizar a única cobertura ao vivo. Ainda em 2021, o Facebook Watch assinou uma parceria com a CONMEBOL e transmitiu, pela plataforma, todos os jogos dessa edição da competição. Além disso, o canal de televisão por assinatura da confederação também realizou a transmissão de todas as partidas.

Em 2021, as partidas da principal competição nacional de futebol feminino seguiram sendo transmitidas pela Band TV (na televisão aberta, com um jogo por

rodada), SporTV (na fechada, com dois jogos por rodada) e Eleven Sports (na Internet, com o restante das partidas). Os dois confrontos das finais foram transmitidos pelos três veículos, cada um com sua própria geração de imagens e equipe de jornalistas. Já a Libertadores foi apresentada apenas em televisão fechada, através do SporTV.

Recentemente, nos dias 24 e 25 de setembro de 2022, a ESPN destacou a jornalista Mariana Spinelli para a cobertura, *in loco*, do campeonato feminino inglês, a Woman Soccer League (WSL), que reúne algumas das melhores jogadoras do mundo na atualidade. Os jogos cobertos pela repórter foram Arsenal x Tottenham e Chelsea x Manchester City, com transmissão ao vivo pela ESPN e Star+. O dia 24 de setembro, assim, é mais um marco importante na história das transmissões do futebol feminino brasileiro, sendo a primeira vez em que uma jornalista efetuou a cobertura de uma partida da liga inglesa feminina presencialmente (PADIGLIONI, 2022a).

É importante destacar que a ESPN, em 2020, já transmitira as semifinais da Champions League feminina, assim como os jogos do Brasileiro feminino, das finais entre Corinthians e Avaí Kindermann, em TV fechada, alcançando, nos dois casos, uma grande repercussão no Twitter, transformando-se em um dos assuntos mais comentados nessa rede social (DIBRADORAS, 2021).

A Copa do Mundo Feminina, realizada em 2019, alcançou, já em seu início, bons números em relação à quantidade de telespectadores. Na França, as duas primeiras partidas da Seleção Francesa, que sediou o torneio, chegaram a um total de 10 milhões de espectadores televisivos, uma marca sem precedentes em se tratando de transmissões de futebol feminino. Na Inglaterra, a vitória das “Leas”, como é conhecido o selecionado feminino inglês, diante da Escócia, teve uma audiência de mais de 6 milhões de telespectadores e *share* de 38% dentre os televisores ligados, nível que até então nunca fora alcançado (NEVES, 2019).

Naquela mesma competição, a partida do Brasil contra a Jamaica, realizada em um domingo, alcançou, considerados índices da Globo e da SporTV, um total de 19,7 milhões de assistentes (NEVES, 2019). Embora a Seleção Brasileira tenha sido eliminada do certame, deixando de se classificar para as quartas de final, a audiência alcançada pela Globo foi de 101,1 milhões de pessoas, abrangendo os quatro jogos do Brasil e o jogo final, disputado entre Estados Unidos e Holanda (PADIGLIONI, 2019).

Segundo Padiglioni (2019), no jogo contra a França, que correspondeu à despedida da seleção do torneio, a Globo ganhou mais de 53 milhões de

telespectadores, havendo crescimento de público em todas as faixas etárias. As expectativas, para o ano de 2020, após os recordes históricos na transmissão da Copa do Mundo feminina, em 2019, apontavam para uma importante amplificação na visibilidade das mulheres em campo (DIBRADORAS, 2021).

O mundo parou, em 2020, por conta da pandemia do Coronavírus, gerando incertezas até mesmo quanto à realização dos campeonatos brasileiro e estaduais, mas, ainda assim, novos recordes foram estabelecidos na transmissão do futebol feminino, abrangendo, não apenas a transmissão televisiva, como, também, a pelas redes sociais (DIBRADORAS, 2021).

Na transmissão do Brasileiro feminino, no horário nobre de domingo, ou seja, entre 20h e 22h, a Band TV alcançou picos de audiência de 5 pontos, o que, segundo Gabriel Vaquer, colunista de televisão do UOL Esporte, somente fora registrada até então, nesse horário, pelo “Pânico na TV” (DIBRADORAS, 2021).

A transmissão, via redes sociais, do Brasileiro feminino, também revelou resultados importantes. No Twitter, houve um acréscimo no público de três vezes em relação ao ano precedente, saltando de 1,5 milhão de pessoas, em 2019, para mais de 5 milhões, em 2020, o que veio acompanhado de um acréscimo de 40% no engajamento das conversas sobre o tema (DIBRADORAS, 2021).

Os campeonatos estaduais igualmente ganharam espaço e avançaram na conquista do público. No Paulista, o Facebook entrou em cena, transmitindo todos os jogos do campeonato, com picos de dezenas de milhares de pessoas vendo os jogos simultaneamente. Na fase final do certame, as transmissões também foram realizadas pela TV Cultura e pelo SporTV, que igualmente alcançaram bons números (DIBRADORAS, 2021).

No Rio Grande do Sul, a final do estadual feminino, um Gre-Nal, foi transmitida pela RBS TV, que triplicou a audiência usualmente registrada no mesmo horário; enquanto, em Minas Gerais, a final disputada entre Atlético Mineiro e Cruzeiro, com transmissão em TV aberta, igualmente alcançou grande repercussão, por corresponder à primeira vez em que as mulheres disputaram um título no Mineirão reformado (DIBRADORAS, 2021).

O ano de 2020, assim, mesmo sem os Jogos Olímpicos, adiados por conta da pandemia do Coronavírus, deixou um saldo positivo para o futebol feminino. No caso, ao contrário do que costuma acontecer após os megaeventos, o futebol feminino não caiu no esquecimento, provocando um considerável interesse nas mídias, em

decorrência da repercussão da Copa do Mundo transmitida pela Globo, que gerou maior interesse pelos jogos femininos e maior visibilidade às mulheres (DIBRADORAS, 2021).

O espaço conquistado pelas mulheres não se restringiu ao campo de jogo, passando a ser igualmente ocupado, no jornalismo esportivo, por mulheres, narradoras, comentaristas, comentaristas de arbitragem e repórteres, o que, até então vinha ocorrendo de forma muito tímida, mas que se estendeu, também, à cobertura do futebol masculino. Assim ocorreu, por exemplo, com a Bandeirantes, que montou uma equipe 100% feminina para o televisionamento dos jogos femininos, composta por Alline Calandrini, Milene Domingues e Isabelly Morais (DIBRADORAS, 2021), as duas primeiras ex-jogadoras (atualmente, comentaristas) e, a última, narradora.

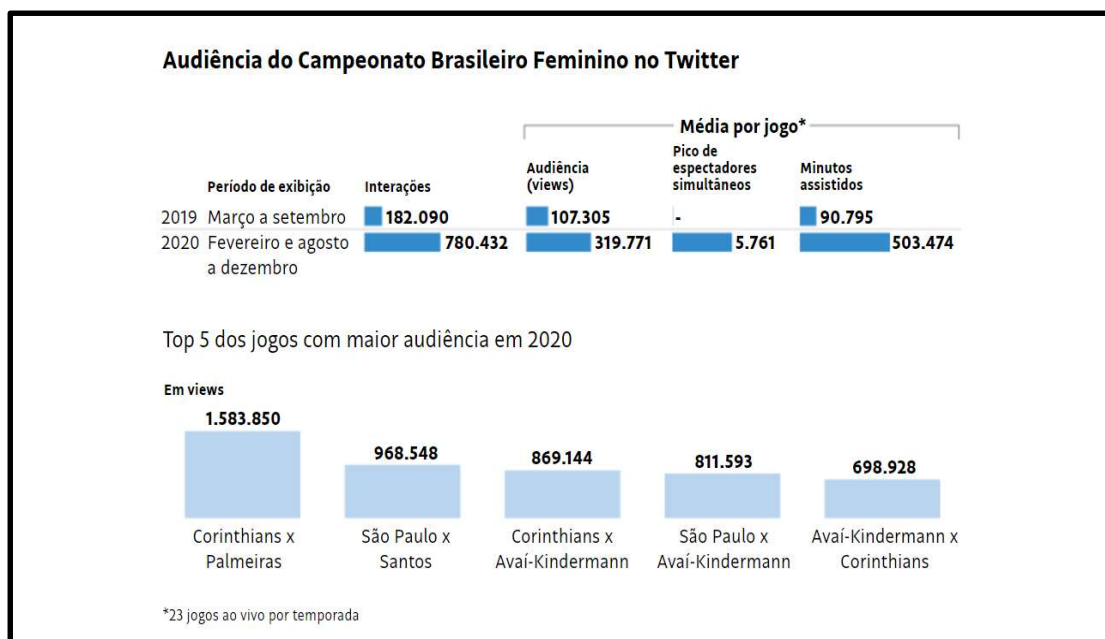
Para as jornalistas do Dibradoras (2021):

[...] é como sempre dissemos aqui. Não adianta dizer que "*ninguém quer ver futebol feminino*" se as pessoas nunca tiveram sequer a chance de querer, já que os jogos não eram exibidos. Com os campeonatos na TV, temos uma boa amostra de que há bastante gente interessada em assistir às mulheres em campo. E quem não gosta sempre terá a opção de mudar de canal (DIBRADORAS, 2021).

Conforme reportagem de Luciano Trindade (2020), a audiência do Campeonato Brasileiro feminino, no Twitter, em 2020, triplicou, se comparada ao ano de 2019, tendo atingido uma média de 320 mil visualizações, por jogo. O jornalista explica que, a exemplo do ano de 2019, foram feitas 23 transmissões; sendo que a média, naquele ano, foi de 107.305 visualizações por partida, o que, segundo dados da CBF, repassados à Folha de São Paulo, fez com que as visualizações passassem de 2.468.015 para 7.354.733, em 2020. Além disso, conforme informado pelo Twitter, "o número de usuários únicos, que assistiram a pelo menos uma partida ao longo do torneio, também triplicou, indo de 1,5 milhão em 2019 para cerca de 5 milhões em 2020" (TRINDADE, 2020).

A esse respeito, confira a figura abaixo:

Figura 2 – Audiência do Campeonato Feminino Brasileiro no Twitter



Fonte: Trindade (2020).

Em 2021, a final do Brasileiro feminino rendeu à Band TV, na noite de domingo, 26 de setembro de 2021, a sua melhor média noturna, conforme a Kantar Ibope, durante esse dia da semana no ano. A média alcançada, durante a partida, na Grande São Paulo, foi de 5,2 pontos, com um pico de 6,1, sendo que cada ponto representa 76.577 domicílios, com uma estimativa de 205.377 pessoas, o que indica que, em dado momento, quase 500 mil casas da área metropolitana estavam acompanhando o clássico entre Corinthians e Palmeiras (FINAL..., 2021).

A semifinal da Supercopa Feminina, vencida pelo Grêmio, após a disputa de pênaltis contra o Flamengo, partida que representou o debut de Renata Silveira como narradora na TV Globo, deu à emissora 9 pontos de audiência em São Paulo (PADIGLIONI, 2022b). O jogo, transmitido entre 15h30 e 17h42, alcançou o mesmo índice obtido pela Band TV na região, ao transmitir, um pouco mais cedo (das 13h30

às 15h21), a disputa entre Chelsea e Al Hilal, que definiu, no Mundial de Clubes masculino, o adversário do Palmeiras (PADIGLIONI, 2022b).

Já no Rio de Janeiro, a média foi de 14 pontos, liderando a audiência na faixa, o que significou o dobro da audiência da Record e mais do que o triplo da Band TV, ao transmitir o mesmo jogo que passou para a praça de São Paulo (PADIGLIONI, 2022b).

Naquela mesma competição, quando o Corinthians bateu o Grêmio, no jogo final, conquistando a Supercopa Feminina, a audiência da TV Globo, em São Paulo, ao transmitir a partida, representou um aumento de 38% na audiência do horário, o que significou, para a emissora, a maior audiência em um domingo, desde agosto de 2021, com 11 pontos, colocando-se 3 acima da média dos quatro domingos anteriores, na mesma faixa horária (ROSA, 2022).

3.3 CAMPEONATO BRASILEIRO FEMININO A1

Como visto, o Campeonato Brasileiro de futebol feminino surgiu oficialmente, com chancela da CBF, no ano de 2013, quando a instituição se uniu à Caixa Econômica Federal, que destinou patrocínio de R\$ 10 milhões para viabilizar sua realização. À época, disputaram o torneio as 20 melhores equipes do *ranking* da CBF de futebol feminino. Desde então, o torneio passou por adaptações, em seu formato, para melhor comportar as necessidades da modalidade e das equipes envolvidas.

Em 2017, a fórmula de disputa foi alterada, passando de 20 equipes para 16 e sendo estabelecida uma nova divisão, nomeada Série A2, também com 16 equipes. Inicialmente, eram duas as equipes rebaixadas e duas as classificadas para disputar a elite do futebol nacional no ano seguinte, sendo, atualmente, quatro em cada categoria. O formato de disputa previa dois grupos, de oito times cada, com turno e retorno, avançando para as semifinais os quatro melhores de cada grupo. As vagas para o novo modelo foram definidas da seguinte maneira, conforme consta no portal oficial da CBF:

Uma vaga será para o campeão da Copa do Brasil de Futebol Feminino 2016, o Audax/Corinthians; outra para o vencedor do Brasileirão deste ano, o Flamengo/Marinha; além de oito para os oito primeiros colocados do Ranking Nacional de Clubes de Futebol Feminino de 2017 e seis para os seis primeiros da classificação final do Campeonato Brasileiro Masculino da Série A 2016. Se ainda houver vagas, serão preenchidas pela sequência da classificação

da Série A e depois da Série B do Brasileiro Masculino 2016. Caso necessário ainda assim, o Ranking Nacional de Clubes de Futebol Feminino de 2017 voltará a ser utilizado como critério (ASSESSORIA CBF, 2016).

A premiação foi definida em R\$ 15 mil para os classificados à competição; R\$ 20 mil para os que avançassem às quartas; R\$ 30 mil aos que chegassem às semis; R\$ 60 mil para o vice-campeão e R\$ 120 mil para o campeão (ASSESSORIA CBF, 2016). A CBF também passou a custear todas as despesas do campeonato, com passagens aéreas ou de ônibus, de acordo com a distância prevista no regulamento, alimentação e hospedagem, além de dar R\$ 10 mil aos clubes mandantes e R\$ 5 mil aos visitantes por jogo, para gastos com a partida.

Em maio de 2021, foi anunciada a criação da Série A3, com 32 clubes, sendo eles os 27 campeões estaduais, os quatro mais bem colocados do Ranking Nacional de Clubes do futebol masculino e um clube da federação mais bem ranqueada no futebol feminino. Caso o campeão estadual já esteja em uma das divisões superiores, a vaga passa para o vice-campeão e, assim, sucessivamente (REDAÇÃO DO GLOBO ESPORTE, 2021). Em 16 partidas de *mata-mata*, com ida e volta, havia a possibilidade da classificação ser garantida já na partida de ida, eliminando a necessidade do segundo confronto. Isso era possível caso uma das equipes vencesse por três ou mais gols de diferença. Das oitavas até a final, os confrontos foram também disputados em duas partidas.

As dez edições da Série A1, até aqui, tiveram como vencedores equipes do eixo Rio-São Paulo, sendo eles Centro Olímpico (em 2013), Ferroviária (em 2014 e 2019) Rio Preto (em 2015), Flamengo (em 2016), Santos (em 2017) e Corinthians (em 2018, 2020, 2021 e 2022). A classificação para a Libertadores feminina é definida pelo desempenho das equipes na primeira divisão do Brasileirão, garantindo aos dois times finalistas uma vaga para a competição continental, no ano seguinte.

As finais da competição se tornaram um lucrativo produto, a partir de 2019, com a grande virada de chave que chegou ao futebol feminino, com a Copa do Mundo feminina daquele ano, uma vez que a modalidade passou a atrair um maior interesse do público. Agora, então, olha-se para como se estabeleceram as configurações e transmissões dessas partidas, em específico nos anos de 2019, 2020, 2021 e 2022.

Em 2019, a final, disputada entre Corinthians e Ferroviária, teve sua partida de ida em 22 de setembro (domingo), às 14h, na Fonte Luminosa, em Araraquara, interior de São Paulo, e a de volta em 29 de setembro (domingo), no mesmo horário, no

Parque São Jorge, em São Paulo, capital. Ambas as partidas foram transmitidas pelo Twitter oficial da competição e pela Band TV, sendo a primeira um empate em 1 a 1 e a segunda um empate em 0 a 0, na qual a equipe do interior paulista levou a melhor nos pênaltis, batendo as rivais por 4 a 2.

A ida da decisão rendeu à Band uma média de 3 pontos de audiência no Ibope, com 5,3% de participação entre os televisores ligados no horário da partida, e chegando a picos de 4,2 pontos (MEU TIMÃO, 2019). A transmissão da segunda partida da final, pela Band, atingiu média de 4,2 pontos de audiência no Ibope, com 8,5% de participação entre os aparelhos de televisão ligados no horário, chegando a atingir picos de 6,4 pontos. Até então, esse fora o melhor resultado da emissora, desde que passou a transmitir o Brasileirão feminino, chegando ao terceiro lugar no Ibope. Ao todo, foram 3,8 milhões de espectadores acompanhando a partida (REDAÇÃO MÁQUINA DO ESPORTE, 2019).

Em 2020, a decisão, disputada entre Corinthians e Avaí Kindermann, com a partida de ida ocorrendo em 22 de novembro (domingo), às 20h, na Ressacada, em Florianópolis, e a volta em 6 de dezembro (domingo), às 20h, na Neo Química Arena, em São Paulo. As partidas foram transmitidas pela Band (na televisão aberta), pela ESPN (nos canais por assinatura) e no Twitter oficial da competição. Os resultados foram um empate em 0 a 0 e uma vitória do Corinthians por 4 a 2 em casa, garantindo o título.

Sem público presente nos estádios, devido à pandemia da covid-19, as transmissões do Brasileirão feminino bateram recordes de audiência, triplicando os números das transmissões feitas pela página oficial da competição no Twitter, se comparados a 2019. A partida de ida, da decisão, contou com 698.928 espectadores e foi o quinto jogo mais assistido do ano, enquanto o jogo de volta, terceiro mais visto da temporada, recebeu 869.144 visualizações (ASSESSORIA CBF, 2021d).

Em 2021, Corinthians e Palmeiras se enfrentaram na final realizada nas datas de 12 de setembro (domingo), às 21h, no Allianz Parque, em São Paulo, e de 26 de setembro (domingo), às 20h, na Neo Química Arena, também em São Paulo. O *derby* pôde ser acompanhado pela Band (na TV aberta), SporTV (na fechada) e nas contas do TikTok de Desimpedidos e Brasileirão (na Internet). Os dois confrontos foram vencidos pelo Corinthians, sendo o primeiro por 1 a 0 e o segundo por 3 a 1.

No jogo de ida, a Band alcançou média de 3,6 pontos de audiência, na Grande São Paulo, com picos de 4,5. Já o jogo de volta do clássico fez com que a Band

alcançasse o terceiro lugar de audiência na Grande São Paulo. A Kantar Ibope Media registrou uma média de 5,2 pontos de audiência para a partida, com picos de 6,1, durante o jogo, tornando-se a melhor noite de domingo na Band durante o ano de 2021 (ASSESSORIA CBF, 2021b). No TikTok, a final foi transmitida nas contas do Brasileirão Feminino e do Desimpedidos. Juntas, as duas transmissões atingiram mais de 300 mil espectadores únicos, durante o jogo.

Em 2022, foi a vez de Corinthians e Internacional entrarem em campo em busca da taça, em 18 de setembro (domingo), às 11h, no Beira-Rio, em Porto Alegre, e em 24 de setembro (sábado), às 14h, na Neo Química Arena, em São Paulo. Os dois confrontos tiveram transmissões de Band (em canal aberto), SporTV (em canal fechado) e Eleven Sports (na Internet). O Corinthians foi mais uma vez campeão, com um empate no primeiro jogo e uma goleada de 4 a 1 no segundo.

Vale destacar, também, que as finais de 2022 bateram recorde de público. No jogo de ida, o Beira-Rio recebeu 36.330 torcedores, quebrando o recorde de público para um jogo feminino de clubes no Brasil. A marca durou apenas uma semana, já que o Corinthians reuniu 41.070 pessoas na Neo Química Arena para a partida de volta, registrando também um recorde sul-americano de público. Fora de campo, a premiação aos finalistas aumentou cinco vezes em relação à temporada anterior. O campeão recebeu R\$ 1 milhão, enquanto o vice ficou com R\$ 500 mil (ASSESSORIA CBF, 2022).

Os resultados de audiência foram expressivos na decisão entre Corinthians e Inter, jogo de volta, com a Band conquistando a vice-liderança na Grande São Paulo, com 3,8 pontos de audiência em média, segundo o Kantar Ibope Media, com cerca de 9,1% de *share* (proporção pelo número de televisões ligadas). Com o duelo alcançando pico de 5,8 pontos de audiência, foram mais de um milhão de espectadores acompanhando a grande final de futebol feminino (ASSESSORIA CBF, 2022). A Assessoria CBF (2020) registra ainda que, ao todo, foram 379 profissionais de mídia envolvidos na cobertura da partida, lotando as tribunas de imprensa.

3.4 LIBERTADORES FEMININA

A maior competição continental do futebol masculino também se coloca dessa maneira no futebol feminino. Hoje, a Libertadores feminina conta com 16 clubes,

sendo disputada em fase classificatória de quatro grupos, com quatro equipes cada, seguida de fase eliminatória em jogos únicos, a partir das quartas de final.

A competição surgiu em 2009, chancelada pela CONMEBOL, mas organizada pelo Santos. Isso porque foi o clube paulista que pressionou a CBF, que, no que lhe concerne, pressionou a CONMEBOL, para que houvesse a disputa sul-americana. Na época, o Santos era o principal clube feminino nacional, tendo conquistado, com tranquilidade, a única competição do futebol brasileiro, em 2008 e 2009, a Copa do Brasil, e tendo um time recheado de estrelas, como Marta, Cristiane e Maurine (QUE HISTÓRIA!, 2021).

O torneio, disputado entre 3 e 14 de outubro, contou com as dez equipes sul-americanas campeãs das divisões nacionais de seus países e teve transmissão da Band, em canal aberto, e também por assinatura. A hegemonia das “Sereias da Vila”, como é chamado o time feminino do Santos, foi confirmada também na América do Sul, quando a equipe aplicou uma goleada de 9 a 0 sobre a Universidad Autónoma do Paraguai e conquistou a primeira edição da Libertadores feminina. No ano seguinte, em edição mais equilibrada, o Santos venceu o Everton, do Chile, por 1 a 0, e alcançou o bicampeonato (QUE HISTÓRIA!, 2021).

Já em 2011, a CONMEBOL optou por ampliar a quantidade de equipes participantes da competição e, além das dez campeãs nacionais, destinou uma vaga para as atuais campeãs e outra, como convite, para as campeãs japonesas. Com a ausência dessas, a instituição repassou a vaga ao São José, equipe de São José dos Campos, interior de São Paulo, que sediaria a competição. Com Formiga no elenco, foi justamente a equipe da casa que conseguiu a façanha de desbancar o Santos e, após bater o Colo-Colo, conquistou o título inédito (QUE HISTÓRIA!, 2021).

Em 2012, chegou a vez de um time de fora do Brasil levantar a taça pela primeira vez. O Colo-Colo superou o Foz Cataratas, que havia derrotado o São José, nas semifinais, nos pênaltis, e garantiu a conquista da Libertadores feminina. As edições de 2012 e 2013 voltaram a ser conquistadas pelo São José. Com Rosana, Formiga e outros grandes nomes no plantel, a equipe bateu o Forças Íntimas, da Colômbia, e, no ano seguinte, goleou o Caracas, da Venezuela (QUE HISTÓRIA!, 2021).

Durante seus cinco primeiros anos de existência, a Libertadores feminina foi disputada no Brasil, sendo a primeira vez em Santos, São Paulo e Guarujá; a segunda em Barueri; a terceira, em São José dos Campos; a quarta, em Recife, Caruaru e

Vitória de Santo Antão; e a quinta, em Foz do Iguaçu. Em 2015, a competição expandiu seus horizontes territoriais e foi sediada na Colômbia. O ano marcou também o fim da supremacia do São José, eliminado pela Ferroviária, futura campeã diante do Colo-Colo (QUE HISTÓRIA!, 2021).

Em 2016, em disputa realizada no Uruguai, ocorreu a primeira final sem equipes brasileiras, em que o Sportivo Limpeño, do Paraguai, superou o Estudiantes de Guárico, da Venezuela, conquistando o título e permitindo que seu país sediasse a edição seguinte do torneio. Em 2017, pela primeira vez, a união entre dois times esteve presente na competição: foi o caso de Audax, que possuía a vaga, e Corinthians. A parceria entre as equipes viria a conquistar o título diante do Colo-Colo. A prática tornar-se-ia popularizada no Brasil, devido à obrigatoriedade exigida pela CONMEBOL e pela CBF de que os times do futebol masculino possuíssem também times de futebol feminino (QUE HISTÓRIA!, 2021).

Em 2018, a Libertadores feminina voltou a ser disputada no Brasil, dessa vez em Manaus. O Santos reapareceu como favorito, mas acabou perdendo a final para o Atlético Huila, da Colômbia, nos pênaltis. Em 2019, surgia o Corinthians como a grande potência do futebol feminino que se conhece hoje, vencendo a edição, com sobras, em uma revanche da final do Brasileirão contra a Ferroviária (QUE HISTÓRIA!, 2021). Nessa edição, a competição passou a contar com 16 equipes, quatro a mais que as edições anteriores. Sendo assim, classificaram-se uma equipe por associação membro, uma equipe adicional do país anfitrião, uma equipe do país campeão da última edição e quatro equipes equivalentes aos quatro primeiros países no *ranking* sul-americano feminino. A premiação foi de U\$ 85 mil para o campeão, U\$ 50 mil para o vice e U\$ 30 mil para o terceiro lugar. Todos os times participantes do torneio receberam uma quantia de U\$ 7,5 mil (VEM..., 2019).

Na edição de 2020, disputada no ano seguinte, devido à pandemia do Coronavírus, foi a Ferroviária que conquistou, diante do América de Cali, o bicampeonato (QUE HISTÓRIA!, 2021). Em 2021, em Montevideu, o Corinthians chegou ao tricampeonato da competição, ao derrotar o Santa Fe, da Colômbia, por 2 a 0. Já em 2022, em Quito, foi ano de uma conquista inédita. O Palmeiras, estreante na competição, recebeu a taça, após golear o Boca Juniors, por 4 a 1, na grande final.

Mais uma vez, aqui se propõe atenção às transmissões das finais da competição, a partir do ano de 2019, em que ocorreu importante mudança no cenário do futebol feminino, após a Copa do Mundo da França, e também mudanças

provocadas pela CONMEBOL, no formato de disputa do torneio. Em 2019, a final entre Corinthians e Ferroviária ocorreu em 29 de outubro, uma segunda-feira, às 21h30, no estádio Olímpico de Atahualpa, no Equador, sendo transmitida com exclusividade no *streaming*, pela DAZN. Embora matérias mencionem que foi um sucesso, não foi possível encontrar dados sobre a audiência do evento.

Na edição de 2020, a final, disputada entre Ferroviária e América de Cali, ocorreu em 21 de março de 2021 (domingo), às 19h45, no Estádio José Amalfitani, em Buenos Aires, na Argentina. A partida foi transmitida pela Band (em canal aberto), pela BandSports (na TV fechada), pela CONMEBOL TV (em serviço de assinatura *pay-per-view*) e pelo Facebook oficial da competição. Na Band, a partida marcou 2 pontos de média, com pico de 3. Já no Facebook, a partida bateu o recorde mundial em transmissões de futebol feminino na rede, com pico de 98 mil pessoas simultâneas.

Em 2021, a final, disputada no estádio Parque Central, em Montevidéu, no Uruguai, entre Corinthians e Santa Fe, ocorreu em 21 de novembro (domingo), às 20h. A transmissão ficou por conta da Fox Sports e CONMEBOL TV (na televisão fechada), Star+ (no *streaming*) e no Facebook oficial da competição (na Internet). A partida liderou a audiência esportiva na TV fechada, com a Fox Sports, com equipe totalmente feminina, marcando pontuação de 0,8, com picos de 1,3 no Ibope. A transmissão ficou atrás apenas da GloboNews, que marcou 0,9, mas, se forem considerados apenas os canais esportivos, a Fox Sports obteve o dobro de pontos de audiência do SporTV, segundo colocado, que transmitiu Náutico e Avaí, pela Série B do Brasileirão masculino.

Em 28 de outubro de 2022, uma sexta-feira, às 21h, Palmeiras e Boca Juniors se enfrentaram no estádio Rodrigo Paz Delgado, em Quito, no Equador. A transmissão ficou por conta do SporTV (na televisão fechada) e Pluto TV (uma parceria entre CONMEBOL e Paramount, no *streaming*), de maneira gratuita. Não foi possível encontrar dados sobre a audiência do evento.

4 ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES ESPORTIVAS DAS FINAIS DO BRASILEIRO E LIBERTADORES

Em função dos objetivos estabelecidos neste estudo, são adotadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental, além da Análise de Conteúdo. A escolha do método de pesquisa bibliográfica se justifica pela necessidade de conceituação do tema desta pesquisa, abordando as transformações da televisão na era multiplataforma, a relação entre esporte, mídia e gênero e as transmissões ao vivo, entre outros. O método proposto consiste em:

[...] um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário (STUMPF, 2005, p. 54).

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa documental realizada para este estudo contribui para a análise das transmissões esportivas da final única da Libertadores feminina 2021, realizadas por FOX Sports Brasil, CONMEBOL TV e Facebook Watch da CONMEBOL Libertadores. O método compreende "a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim" (MOREIRA, 2005, p.271). A categoria das fontes é o que diferencia as pesquisas bibliográfica e documental (GIL, 2008). A pesquisa documental faz uso de materiais que ainda não foram analisados detalhadamente ou que podem ser pensados de acordo com o tema proposto pelo trabalho. Sendo assim, sua utilização auxilia na identificação e escolha dos critérios utilizados para a análise das transmissões.

Analisar as transmissões significa lançar um olhar, não apenas para o aparente que está contido em determinado discurso, mas, principalmente, para o não aparente, ou seja, para aquilo que não se apresenta ostensivo, pois, como explica Bardin (2011, p. 20), "por detrás do discurso aparente geralmente simbólico e polissêmico esconde-se um sentido que convém desvendar".

Para realizar a análise do objeto de estudo proposto neste trabalho utiliza-se a Análise de Conteúdo. Essa metodologia, de acordo com Krippendorff (1990), é própria das ciências humanas e sociais e é destinada à investigação de fenômenos simbólicos

através de diversas técnicas de pesquisa. Vem sendo utilizada desde o século XVIII, mas sua adoção regular se deu no início do século XX, vindo a ser utilizada por diferentes áreas de conhecimento.

Existem diversas metodologias de análise como a Análise Categrorial, Análise de Avaliação, Análise de Enunciação, Análise de Expressão, Análise de Contingência, Análise Estrutural e Análise do Discurso, sendo, esta última, a de maior semelhança com a Análise de Conteúdo. Sendo assim, Fonseca Júnior (2005) estabelece o diferencial entre elas:

No contexto dos métodos de pesquisa em comunicação de massa, a análise de conteúdo ocupa-se basicamente com a análise de mensagens, o mesmo ocorrendo com a análise semiológica ou análise de discurso. As principais diferenças entre essas modalidades são que apenas a análise de conteúdo cumpre com os requisitos de *sistematicidade e confiabilidade* (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 286).

Já Bardin coloca que a análise de conteúdo é:

[...] um *conjunto de técnicas da análise das comunicações*. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (BARDIN, 2011, p. 37).

Segundo Krippendorff (1990), a adoção da análise de conteúdo requer que o pesquisador leve em consideração os seguintes marcos de referência: os dados, de maneira que se deixe claro que dados estão sendo analisados, como eles foram definidos e de onde foram extraídos, o contexto desses dados, os interesses e conhecimento do pesquisador sobre o assunto a ser estudado, o objetivo da Análise de Conteúdo, a relação dos dados obtidos com o contexto em que está inserido, ou algum aspecto deste, e os critérios para que os resultados possam ser validados.

O recurso à Análise de Conteúdo tem por propósito tanto a superação da incerteza, ou seja, permitir aferir se a leitura que se faz é válida e generalizável, quanto o enriquecimento da leitura, neste caso possibilitando que sejam descobertos conteúdos e estruturas que permitam confirmar ou infirmar o que se pretende demonstrar (Bardin, 2011).

Conforme Bardin (2011) e Fonseca Júnior (2005), a Análise de Conteúdo possui três fases, que consistem na pré-análise, exploração do material e tratamento e interpretação dos resultados obtidos.

A primeira é a *fase da organização*, com a escolha do material que será analisado, a formulação de hipóteses, a definição de objetivos e a elaboração de indicadores que possibilitem a interpretação final dos dados coletados. A segunda é a *fase da análise* em si e a terceira consiste em *pensar sobre os dados e interpretá-los*. De acordo com Chizzotti:

[...] a análise de conteúdo visa decompor as unidades léxicas ou temáticas de um texto, codificadas sobre algumas categorias, composta por indicadores que permitam uma enumeração das unidades e, a partir disso, estabelecer inferências generalizadoras (CHIZZOTTI, 2014, p. 113).

Na *pré-análise*, que corresponde à fase da organização propriamente dita, e na qual se inserem três missões, “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação final” (Bardin, 2011, p. 125, grifos no original), foi estabelecido o *corpus* de pesquisa.

A *escolha dos documentos*, ou seja, das transmissões televisivas, deu-se devido a serem as finais das duas principais competições disputadas por equipes brasileiras de futebol feminino, o Campeonato Brasileiro e a Copa Libertadores da América. Ambas as partidas datam de 2021, sendo a primeira transmitida pelo SporTV, e a segunda, pela Fox Sports Brasil (atualmente ESPN). Leva-se em consideração aqui, também, as regras da homogeneidade e da pertinência, tais como sugeridas por Bardin (2011); aquela, porque foram considerados critérios precisos de escolha (transmissões realizadas por meio televisivo, em partidas de futebol disputadas por atletas femininas); esta, porque os documentos se revelam adequados, enquanto fonte de informação, possibilitando a análise a ser procedida. Mediante a decupagem das transmissões, tratou-se de preparar o material de pesquisa para a realização das etapas seguintes da análise de conteúdo.

Avançando para a etapa seguinte, que corresponde ao *tratamento do material*, o que significa a sua codificação (BARDIN, 2011), optou-se, por se tratarem de eventos televisivos distintos, nos quais atuaram diferentes atores, por *categorizar as falas* em duas unidades distintas, ou seja, uma para cada transmissão, até mesmo como modo de possibilitar a comparação entre ambas. Além disso, em cada uma dessas unidades, foi individualizada a fala de cada um dos atores, tornando possível

observar a diferença de papéis entre narradores, comentaristas e repórteres, além da alteridade entre homens e mulheres.

Porque a identidade das jogadoras é construída pela fala de todos os atores que intervêm no evento televisivo, a escolha aqui realizada foi considerar, não apenas a/o narrador e a/o comentarista, mas, igualmente, os repórteres de campo e comentaristas de arbitragem, aproveitando, desse modo, todos os achados contidos no material relacionado ao objeto desta pesquisa.

O passo seguinte, considerando que “o critério fundamental da análise de conteúdo é o fragmento do texto: a *palavra, termo ou lexema*” (CHIZZOTTI, 2014, p. 117, grifos no original), consistiu na *categorização*, na qual se tratou de estabelecer as unidades de registro e categorias, utilizando, para tanto, palavras (unidade textual), quando dotadas de sentido relevante, isoladamente, ou conjunto de palavras, quando estas, em conjunto, é que traduziam determinado significado. Nesse procedimento, como indicado por Bardin (2011), foi realizado o inventário e a classificação, ou seja, foram isolados e repartidos os elementos, como forma de impor certa organização à mensagem.

Assim, desse processo, resultaram as seguintes categorias: 1) *características físicas*; 2) *qualidade técnica e tática*; 3) *força mental*; 4) *extracampo*; 5) *identificação das atletas*; e 6) *ficha da jogadora/treinador/árbitra*, em que se tratou de especificar, separadamente, em relação às duas transmissões e a seus atores (possibilitando a comparação), suas semelhanças, dessemelhanças, presenças e ausências, estabelecendo-se, assim, as suas correlações e as inferências generalizadoras.

Essa, portanto, é a base, é o *corpus*, decomposto em categorias e reunido por unidades de significado, sobre a qual se assenta esta investigação acerca dos sentidos que se pode atribuir às narrações, comentários e reportagens, ou seja, sobre como elas contribuem para construir a identidade das jogadoras de futebol brasileiras.

4.2 ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES

Como visto anteriormente, para a composição deste trabalho, foram utilizadas duas transmissões televisivas, sendo uma a da partida de volta da final do Campeonato Brasileiro feminino de 2021, do SporTV, e outra, da final única da Copa Libertadores da América feminina, de 2021, da Fox Sports Brasil. Nesta análise, foram

utilizadas seis categorias, que possibilitam a análise e a compreensão do papel desses profissionais na construção das identidades das atletas em questão.

Para a partida do Brasileirão feminino de 2021, foram identificados seis atores participando da cobertura da partida pelo SporTV, são eles: Milton Leite, narrador; Renata Mendonça e Ricardinho, comentaristas; Sálvio Spindola, comentarista de arbitragem; Lívia Laranjeira e Gabriela Ribeiro, repórteres.

Inicia-se, então, pela primeira categoria, sobre as *características físicas*. O narrador Milton Leite é o único da equipe a ter falas que se enquadram nessa divisão. O profissional, por duas vezes em sequência, utiliza o termo “perninha” para se referir ao corpo da jogadora. Mais especificamente, ele diz: “para bater de perninha esquerda” e “traz de novo pra perninha esquerda”.

O corpo das mulheres, no futebol, sempre esteve em evidência. Primeiramente, como algo frágil e não adequado à prática esportiva e, posteriormente, como algo sexualizado, para consumo do público masculino. Sendo assim, a fala do narrador, utilizando o diminutivo para se referir a uma parte do corpo da atleta, carrega uma conotação de fragilidade e delicadeza, mas também de desqualificação.

Na segunda categoria, *qualidade técnica e tática*, foram notadas falas de todos os atores, exceto as duas repórteres. Milton Leite tem doze falas vinculadas ao tema. Destas, são destacadas as mais pertinentes para o objetivo desta análise. O narrador coloca que “todo mundo foi surpreendido ali, né, ninguém imaginou que a Victória resolveria o lance desse jeito”, quando Vic Albuquerque executa uma meia-bicicleta que resulta no terceiro gol do Corinthians. A fala demonstra a surpresa do profissional com a execução da jogada pela atacante, indiretamente revelando que ele não tem conhecimento da carreira e histórico de gols da atleta, que soma diversos tentos em jogadas de extrema habilidade, como a mencionada.

Na sequência, referindo-se ao mesmo lance, Milton faz uma espécie de *mea culpa*, valorizando o gol marcado pela atleta do Corinthians. O narrador refere uma percepção popular e preconceituosa sobre o futebol feminino para provar, com o lance do gol, que as pessoas que propagam esse pensamento retrógrado estão erradas: “Depois o povo fala: ‘ah não, feminino não tem muita técnica, elas são meio devagar’. É, sim, vai fazer um gol desses pra você ver se é fácil, tenta dar uma puxada, quase uma bicicleta dessas”.

Outra fala importante de Milton Leite se encontra nos minutos finais do segundo tempo da partida: “a essa altura também, né, com o cansaço, com o estresse do jogo,

é difícil acertar um chute aí dessa distância". Nessa manifestação, pode-se constatar que o narrador busca, ao observar o desgaste físico das jogadoras, suavizar possíveis críticas às jogadoras ou ao futebol feminino que possam vir a ocorrer por parte do público, como se ele estivesse buscando encontrar uma forma de justificar o porquê de a jogada ter sido concluída daquela maneira.

Com a confirmação do título do Corinthians, Milton Leite faz uso do apelido popular do time feminino do Timão: "as brabas", colaborando para a disseminação dessa característica da identidade do time, já adotada internamente por jogadoras e demais funcionários da instituição. O narrador declara: "Brabas demais estas mulheres!"

Já a comentarista Renata Mendonça traz falas que se enquadram nessa categoria de maneira mais direta e sempre positiva, elogiando jogadas e citando velocidade, qualidade do movimento e do chute, chegada na área, dribles e postura defensiva em seus comentários. O outro comentarista, Ricardinho, também tece análises positivas, focadas tanto no coletivo do time quanto nas atletas, individualmente. O lado mais forte, o desempenho no campeonato, a velocidade, a qualidade das jogadas e a ofensividade são abordadas por ele durante o período do jogo.

Sálvio Spindola, responsável pelas análises de arbitragem, tem apenas uma fala que se enquadra no critério em questão. Ao focar na árbitra da partida, ele elogia a dinâmica dada ao jogo e seu "estilo" de apitar o confronto.

Na terceira categoria, *força mental*, Sálvio Spindola é o único dos atores a não ter falas que se enquadrem nesse tema. Milton Leite apresenta apenas uma, identificando o time como "brigador". Já Renata Mendonça se refere, na maioria de suas falas enquadradas nessa categoria, ao coletivo das equipes, e não individualmente. "Afobação" é mencionada duas vezes, e "desconcentração", três. A comentarista aborda também o fato de o Corinthians ser um time vencedor e a inteligência da visão de jogo da ex-Palmeiras Bia Zaneratto, além de reconhecer que a atleta "fazia a diferença" para a equipe, quando ainda atuava no futebol brasileiro.

Ricardinho também cita na grande maioria de suas manifestações sobre o coletivo das equipes. "Equilíbrio" e seu antônimo, "desequilíbrio", aparecem em oito das dez falas do comentarista nessa categoria, como nos exemplos "time mais equilibrado" e "desequilíbrio o time". Ele ainda menciona o emocional abalado da

equipe do Palmeiras, após o gol, e elogia Camilinha como um dos destaques do time alviverde, por sua persistência.

Lívia Laranjeira aborda o ânimo das atletas, em duas de suas falas, usando o termo “cabisbaixa”, em uma delas. Nas outras duas, coloca que a equipe do Palmeiras ficou “perdida” após sofrer o gol. Já Gabriela Ribeiro reporta os dizeres de Ricardo Belli, técnico do Palmeiras: “pediu calma, pra não baixar o ânimo”.

Na quarta categoria, *extracampo*, todos os envolvidos na transmissão da partida apresentam falas que se enquadram no assunto. Milton Leite é o que tem mais manifestações. O narrador faz uso de dados e informações sobre o contexto das equipes, abordando sequência de vitórias, primeira fase do Campeonato Brasileiro, número de finais disputadas, história do Campeonato em suas edições anteriores, Série A2, Libertadores Feminina e categorias de base.

Essas falas trazem sempre estatísticas ou listas, como o número de gols de uma jogadora, no campeonato, ou os times que estariam presentes na próxima edição da Libertadores Feminina, o que leva a acreditar que existia algum material de apoio, contendo esses dados, sendo lido pelo profissional durante a transmissão. Para além disso, Milton utilizou essas informações de apoio para, em diferentes momentos, não narrar a partida, visto que são sentenças mais longas, que englobam uma explicação.

Um consumidor assíduo de futebol feminino poderia saber, sem consultar, boa parte dessas informações, porém, é importante destacar a seguinte fala do narrador: “Renata, você, que até acompanha muito mais de perto do que a gente o futebol feminino...”. Ao se dirigir à comentarista Renata Mendonça, ele deixa claro que não é um consumidor da modalidade e, portanto, estava apenas fazendo uso de um compilado de informações, muitas vezes sem conexão com o jogo em si.

Outra fala a ser destacada é proferida em relação à árbitra auxiliar. Milton responde a um comentário de Sálvio Spindola e afirma:

E, na verdade, assim, quando ele diz que ela hesitou um pouco, quem tá fazendo o trabalho de arbitragem tem todo o direito de pensar durante um segundo, de refletir, de ver a imagem na cabeça, porque não é fácil, né, mesmo a gente na câmera achando que foi mole, que a bola entrou mais de um metro, mas você está lá do outro lado, ainda tem a rede na sua frente, né, que tira um pouco da sua percepção. Então não foi, não chegou a ser uma crítica em cima da Fabrini, foi apenas uma constatação. Mas ela foi bem demais, tanto que a gente vê quando ela levanta a bandeira e corre para o meio para validar o gol.

O narrador ainda apresenta uma fala errônea sobre as categorias de base do Corinthians, baseando-se apenas nos resultados recentemente obtidos: "E tá investindo na base, né. O Corinthians é Campeão Brasileiro Sub-16 e está na final do Brasileiro Sub-18, né, Renata?". Logo, é corrigido pela comentarista, que enfatiza a palavra "recentemente", ao abordar o investimento realizado pelo clube nas categorias de base femininas.

Além dessa, Renata Mendonça também tem outras falas enquadradas dentro da quarta categoria, *extracampo*. A comentarista traz contextos importantes para a partida, estabelecendo ligações com o primeiro jogo da final, recortes que englobam a atuação de atletas e time durante toda a temporada e dados importantes inseridos no contexto da fala. No gol contra, sofrido pelo Palmeiras, a comentarista, que possui vivência no ambiente da modalidade, antecipa os possíveis comentários maldosos que poderiam surgir por parte do público, em relação ao lance e ao futebol feminino em geral, sendo estes comuns quando erros acontecem em partidas jogadas por mulheres.

Renata sai em defesa da zagueira do Palmeiras, buscando minimizar a culpa em cima da atleta e ressaltando que a atacante do Corinthians estava na jogada e poderia também marcar o gol: "Em defesa da Agustina, né, Milton? Mesmo que ela não tivesse colocado para dentro da rede, a Vic estava chegando logo em seguida".

Já Ricardinho apresenta apenas uma fala que se enquadra na categoria citada, em que ressalta o trabalho recente do Palmeiras com o futebol feminino e destaca a iniciativa consolidada do Corinthians na modalidade. Sálvio Spindola também se manifesta uma única vez dentro da categoria. O comentarista de arbitragem faz um comentário sobre a atuação da árbitra assistente e busca referência no futebol masculino, dando a entender que "até" um homem errou; então Fabrini ter hesitado era aceitável:

Ô, Milton, a concentração da assistente Fabrini Bevilaqua, né, hesitou um pouco, mas era possível ver esse tipo de gol, né, sem o VAR, sem a utilização da tecnologia. E se em 2010, na Copa do Mundo, não foi visto o gol do Lampard, né, Milton, aqui na Arena Corinthians a assistente viu o gol da Camilinha.

A repórter Lívia Laranjeira traz duas falas dentro da categoria *extracampo*, sendo uma sobre a comemoração do gol de Adriana, em que Vic Albuquerque cai no chão, sentindo dores, e as demais atletas vão até ela para abraçá-la e comemorarem

juntas. A informação trazida pela repórter mostra a força do coletivo do Corinthians e reforça o fato de o futebol feminino ser considerado um ambiente de acolhimento.

A segunda fala diz respeito a uma interação entre Arthur Elias, técnico do Corinthians, e a árbitra Neuza Inês Back, em que a repórter ressalta o clima descontraído entre os dois, mas a fala dá, também, margem para questionar se a mesma interação existiria caso o árbitro fosse um homem: "E o clima tá tão leve aqui, no banco do Corinthians, que o Arthur Elias, agora, chegou perto da Neuza Inês Back e falou 'mas tava impedido mesmo?'. Deu aquela brincadinha, né? Ela mandou ele de volta pro banco".

Já a repórter Gabriela Ribeiro apresenta quatro falas que se enquadram na categoria. Ela menciona o desgaste das jogadoras do Corinthians e os poucos dias de treino da equipe, cita a fala que fazem algumas jogadoras que passaram pelo Palmeiras, recentemente, e brinca com a quantidade de gols marcados pelo Corinthians no Campeonato Brasileiro: "Haja gol, hein!".

Na quinta categoria, *identificação das atletas*, Milton Leite e Ricardinho são os únicos a apresentar falas que se enquadram no assunto. O narrador comete falhas que mostram sua falta de familiaridade com o futebol feminino e o desconhecimento das atletas. Erros de pronúncia são observados nos nomes de Kemelli, Katiuscia, Portilho e Gabi Zanotti. Além disso, há erros ou atrasos no reconhecimento das atletas envolvidas na jogada a ser narrada, sendo nove do primeiro tipo e três do segundo. Inclusive, existe demora em identificar o nome das atletas em duas jogadas de gol: "Gol do Corinthians! Um gol que acaba sendo contra da zagueira do Palmeiras" e "Olha só a sobra, tentativa de toque para trás, golaço! Gol do Corinthians! Victória! Vic Albuquerque, na marca dos 37 minutos".

Os erros na identificação das atletas podem ser exemplificados pelos trechos: "Boa antecipação ali na marcação da Ta... ãnn... Do, do Palmeiras" e "Não teve domínio a Tai... A Tamires". Na primeira manifestação, pode-se observar a falha na identificação, que acabou sendo substituída pelo nome da equipe. Já na segunda, Tamires estava sendo confundida, provavelmente, pela pronúncia, com Tainara, do Palmeiras. Ainda, é importante destacar a troca que o narrador faz entre o gênero masculino e feminino, no seguinte trecho: "juízo... a juíza disse que tá valendo tudo isso aí", em que, de maneira aparentemente automática, ele assume que o gênero do futebol é o masculino.

Já o comentarista Ricardinho apresenta duas falas dentro da categoria em questão, sendo a primeira um erro de gênero e a segunda um erro de pronúncia do nome, ambas envolvendo a atleta Gabi Zanotti, do Corinthians: "principalmente jogador de meio-campo, a Zanotti, né, que distribui esse jogo" – aqui, percebe-se que ele usa a palavra “jogador”, no masculino, para se referir à atleta do sexo feminino, em mais uma fala que perpetua o senso comum de que o futebol é um ambiente masculino.

Na sexta categoria, *ficha da jogadora/treinador/árbitra*, em que se enquadram trechos em que são trazidos dados sobre os personagens (como idade, carreira, cidade natal e feitos relevantes no esporte), Milton Leite, Renata Mendonça e Gabriela Ribeiro proferem falas. O narrador parece ler uma folha que contém informações de cada uma das atletas relacionadas para a partida, seja por Palmeiras ou Corinthians. Durante a partida, ele traz, em momentos muitas vezes fora do contexto de jogo, fichas técnicas das atletas, desvinculadas do fato de elas estarem com a bola nos pés naquele momento. São 13 falas que trazem esse histórico, muitas vezes ocupando o tempo que seria destinado à narração das jogadas.

“Katrine da Silva Costa, cearense de Fortaleza. Ela, que atuava pelo Minas Brasília, lá do Distrito Federal e este ano foi contratada pelo Palmeiras. Ela, em 2017, foi campeã da Libertadores”, diz o narrador, em uma das inserções. As falas sempre constam a idade, cidade natal, equipes anteriores e algum título recente ou passagem pela seleção do país.

A repórter Gabriela Ribeiro traz dados mais diretos, recuperando a informação de que Jheniffer, do Corinthians, era a vice-artilheira do Brasileirão 2021, com oito gols. A comentarista Renata Mendonça traz uma fala sobre Grazi, do Corinthians, destacando sua trajetória e evolução, juntamente com o crescimento da modalidade no Brasil, adicionando a informação sobre a aposentadoria da atleta:

Ela é o símbolo, um dos símbolos, da luta do futebol feminino. 40 anos, é uma jogadora que passou por muito do que a Aline Pellegrino, que a gente conversou no início da transmissão, passou, né, foi de Seleção Brasileira, e agora tá conseguindo viver um pouquinho, né, desses tempos maravilhosos do futebol feminino. Ela que se aposenta esse ano, já anunciou.

Para a final da Libertadores, foram identificados cinco atores na cobertura da partida pela Fox Sports. São eles: Luciana Mariano, narradora; Mariana Spinelli e

Mariana Pereira, comentaristas; Renata Ruel, comentarista de arbitragem; e Bruno Éder, repórter.

Na primeira categoria desta análise, *características físicas*, as comentaristas Mariana Spinelli e Mariana Pereira são as que apresentam falas que se enquadram nesse tema. Spinelli fala duas vezes sobre a força das atletas, usando os termos “muito forte” e “jogo mais físico”. Já Pereira também apresenta duas falas, sendo a primeira sobre a altura das atletas, “tem que tomar um certo cuidado com essa formação de hoje por conta da estatura”, e a segunda sobre o físico e disputa um contra um.

Na segunda categoria, *qualidade técnica e tática*, a comentarista de arbitragem Renata Ruel é a única dos atores a não ter falas que se enquadrem na categoria. A narradora Luciana Mariano apresenta 23 falas, todas exaltando a qualidade das jogadoras de ambas as equipes. Isso mostra a preocupação da profissional em valorizar as atletas e, conseqüentemente, a modalidade, como mostra o exemplo: “imensa, grandiosa Tamires”.

Mariana Spinelli apresenta sete falas conforme a categoria, em que destaca a qualidade das atletas e, além disso, a construção do coletivo. Abordando velocidade, qualidade do passe, inteligência e força, a comentarista destaca também a adaptação das atletas dentro do todo, deixando clara a importância do coletivo para a modalidade: “perder um pouquinho da melhor característica de algumas jogadoras pra poder organizar essa formação”.

Já Mariana Pereira tem onze falas nessa categoria, todas, também, valorizando as atletas e suas qualidades dentro do esporte. A comentarista busca exaltar as características individuais, abordando visão de jogo, velocidade, ímpeto, presença na área, finalização e participação no jogo. Bruno Éder traz apenas uma fala, em que define Kemelli, goleira do Corinthians, como uma “grande goleira”.

Os mesmos profissionais também são os que proferem falas dentro da terceira categoria, *força mental*. O repórter Bruno Éder traz duas manifestações, sendo uma delas de extrema relevância, levantando, durante a transmissão, o tema de saúde mental, ao trazer um relato sobre o que viveu Kemelli:

Ela confessou, né, que ela teve alguns episódios com depressão e que o time do Corinthians foi muito importante pra ela poder superar isso. E ela falou abertamente, o que é bacana, que ajuda a motivar as pessoas ou outras atletas, inclusive, que podem passar por isso.

Luciana Mariano apresenta 17 falas nessa categoria, abordando experiência, segurança, tranquilidade, psicológico, inteligência, eficiência, representatividade e luta. Dentre as falas da narradora, destaca-se o uso do apelido adotado pelo time feminino do Corinthians, “as brabas”, e a manifestação que aborda a saúde mental das atletas, em que ela aborda, também, a importância do tratamento:

São as doenças contemporâneas né, inclusive a depressão, síndrome do pânico, quantos atletas de alto nível, de alto rendimento, famosos, vêm falando a respeito disso nesses últimos anos e o quanto isso é importante pra que nós mortais possamos nos ver né nessas situações e especialmente conseguir tratamento.

Mariana Spinelli profere sete falas, sendo duas delas sobre saúde mental e as demais sobre preparação das atletas, importância, segurança e tamanho simbólico para a modalidade. Ela é a única a manifestar algo de caráter negativo, ao mencionar que a Yasmim, do Corinthians “não está tão segura na posição”. Já Mariana Pereira apresenta cinco falas, abordando inteligência, consciência, crescimento e imposição.

Luciana Mariano, Mariana Spinelli e Mariana Pereira apresentam falas que se enquadram na quarta categoria, *extracampo*. A narradora traz seis falas, em que aborda o momento histórico da equipe do Corinthians e da representatividade do futebol feminino do clube, a força da torcida corintiana que “joga junto”, o papel social da equipe do Corinthians, quando cita a faixa “onde ela quiser”, exposta pela torcida, que faz referência à famosa frase feminista “lugar de mulher é onde ela quiser”.

Mariano ainda aborda a questão financeira da modalidade, pedindo que as atletas recebam o devido reconhecimento, também, em salários justos: “que o retorno não seja só em forma de reconhecimento e palavras. A grana tem que vir também”. Acrescenta o fato de Grazi ter se tornado maior que o Corinthians, no futebol feminino, por toda a luta que vivenciou pelo lugar das mulheres no esporte, e define o técnico Arthur Elias como “multicampeão”.

Mariana Spinelli apresenta cinco falas. Destas, destaca-se a manifestação da comentarista sobre a premiação financeira para as três equipes mais bem colocadas na Libertadores feminina e sua análise sobre os valores e a evolução recente da modalidade. Spinelli traz um contexto de extrema importância para os valores pagos pela CONMEBOL:

O campeão leva 85 mil dólares, o vice-campeão 50 mil dólares e a Ferroviária, que ficou em terceiro, faturou 30 mil dólares. Ainda é muito pouco, a gente sabe, e é uma evolução e a gente espera que logo essas atletas que estão dando retorno, uma audiência fenomenal, pelo menos aqui na nossa transmissão no Brasil no Fox Sports e no Star+. E que essas jogadoras tenham reconhecimento, com conquistas, com taças, e, claro, também financeiramente, com a torcida apoiando.

Mariana Pereira profere oito falas que se enquadram na categoria. Ela aborda a falta que fazem algumas jogadoras, o trabalho de Arthur Elias e as estatísticas e informações das carreiras de algumas das atletas pertinentes àquele momento da transmissão. Dentre as manifestações, destaca-se a que a comentarista aborda a importância do exemplo e o sonho que vive dentro de muitas meninas, de se tornarem jogadoras de futebol: "isso faz parte do desenvolvimento do futebol feminino, você ter um grande espetáculo pra apresentar pras nossas crianças".

Na quinta categoria, *identificação das atletas*, Luciana Mariano e Bruno Éder apresentam falas que se enquadram nesse tema. Os dois profissionais, sendo a narradora cinco vezes e o repórter três, fazem uso das palavras "meninas" e "garotas" para se referirem às atletas. Uma ação que, em um primeiro momento, pode soar inofensiva e até carinhosa, mas que, quando observada mais a fundo, carrega uma problemática de gênero, de certo modo minimizando essas mulheres como profissionais. Quando em comparação com o futebol masculino, não se vê esse tipo de tratamento com a mesma frequência.

Luciana Mariano é a única a apresentar falas que se enquadram na última e sexta categoria, *ficha da jogadora/treinador*. São oito manifestações, abordando idade e carreira das atletas, além da trajetória e feitos de Arthur Elias. Destaca-se a seguinte fala, em que a narradora valoriza, não só a dedicação do treinador à modalidade, mas, também, seu papel na formação e desenvolvimento das mulheres que estão em campo: "um profissional incrível o Artur Elias, com a sua trajetória toda voltada pro futebol feminino, ajudando a desenvolver o talento dessas atletas que hoje você vê no gramado".

4.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE

De acordo com as categorias e falas analisadas acima, pode-se concluir que, apesar das duas transmissões terem sido observadas através dos mesmos critérios e

se tratarem de partidas do futebol feminino, elas apresentam qualidades e problemáticas distintas sob a ótica da construção da identidade das jogadoras.

Na transmissão do SporTV, pode-se observar a falta de cuidado com a modalidade, por parte dos homens envolvidos: há o uso de diminutivos; expressões de surpresa, com a execução correta de uma jogada mais elaborada; a presença de palavras típicas do futebol no masculino; desconhecimento das atletas e de suas realidades; e, em alguns momentos, erros de identificação dos nomes das jogadoras. Os profissionais não se mostram preparados para a transmissão, cabendo à mulher de maior relevância, ou seja, a comentarista, o peso de trazer informações pertinentes e adicionar contextos.

Vê-se, constantemente, a única comentarista mulher tendo que fazer correções ou adicionar contexto às falas do narrador. Ele, inclusive, admite não acompanhar com proximidade o futebol feminino. Além disso, Renata é a única profissional envolvida na transmissão que traz análises que englobam, não apenas o jogo em si, mas também a realidade dos times e das atletas, os bastidores e o cenário do futebol feminino nacional.

Em diversos momentos, parece existir uma necessidade de apresentar quem são as atletas, por onde passaram em sua carreira, local de nascimento e idade. A partida deixa de ter lances narrados para dar espaço a um engessado modelo de ficha técnica sobre as jogadoras. Tal formato, quando analisado mais a fundo, parece sugerir que ninguém consome o futebol feminino e, dessa forma, as atletas seriam desconhecidas do público, sendo necessário que o narrador as apresentasse a todo momento.

Os homens envolvidos na transmissão agem com cautela e diplomacia, buscando evitar proferir falas que possam ser consideradas machistas ou preconceituosas. Isso transparece, por exemplo, quando Milton Leite responde ao comentário de Sálvio Spindola sobre a árbitra auxiliar da partida, defendendo que ela tem o direito de refletir, antes de sinalizar uma marcação em campo. Algo que, apesar de um tanto evidente, é feito para evitar que pareça que o profissionalismo de Fabrini Bevilaqua esteja sendo atacado.

Ainda, estabelecem-se momentos de comparação entre o futebol masculino e o feminino, fato que não é recíproco quando são os homens que estão em campo. Como se viu, ao longo deste trabalho, existe uma extensa luta pelo reconhecimento e valorização do futebol praticado pelas mulheres e, ao se estabelecer uma comparação

com os feitos dos homens, não se leva em consideração os anos de proibição da modalidade para as mulheres, nem considera a evolução própria da modalidade.

Já a transmissão feita pela Fox Sports e Star+, com equipe majoritariamente de mulheres, traz uma proximidade para a causa, levanta debates importantes de visibilidade e reconhecimento e foge do senso comum na hora de abordar informações sobre o futebol feminino. Porém, é nessa proximidade e no desejo de humanizar o esporte e dividir com o público as lutas e dores das atletas, durante suas trajetórias, que se acaba cruzando a linha tênue entre o tratamento carinhoso e a pessoa profissional das atletas. Observa-se a utilização do termo “meninas”, que infantiliza e diminui o lado profissional das atletas, além de afetar a forma pela qual as mulheres são vistas, bem como a maneira como se veem perante a sociedade.

As mulheres atoras dessa transmissão buscam valorizar os atributos físicos e mentais das atletas, suas características técnicas e táticas e sua relevância para as conquistas diárias da modalidade. Pode-se notar a naturalidade com que críticas também são apresentadas, mas se limitam a uma ação ou uma construção específica da partida ou ao momento de determinada jogadora.

Há um momento de extrema relevância durante a transmissão, trazido pelo repórter Bruno Éder, em que os profissionais abordam a questão da saúde mental no esporte a partir do caso de depressão da goleira Kemelli. Esse momento contribui para a humanização da figura das jogadoras de futebol, mostrando que elas também são pessoas, além das profissionais vistas em campo. Os profissionais da televisão não consideram a doença como uma fraqueza, observando a questão livres de preconceito e a trazendo como um problema de saúde. Muito se fala sobre a história de luta e dificuldades que o futebol feminino passou em seus anos iniciais, mas pouco se aborda sobre outras questões mais pertinentes dos dias atuais, como a depressão, a ansiedade e as demais doenças.

Outro assunto pertinente para a modalidade é abordado durante a transmissão: os salários e as premiações. Há a necessidade de compartilhar esses valores e a discrepância das quantias pagas no futebol masculino com o público, para que as atletas sejam cobradas pelo seu trabalho proporcionalmente às condições que lhes são fornecidas para que o exerçam. Essas falas também contribuem para que as atletas sejam vistas como guerreiras, através da socialização das dificuldades atuais que o futebol feminino ainda enfrenta para obter visibilidade e reconhecimento.

Por fim, o fato de serem várias mulheres realizando a transmissão também traz o fator de identificação das profissionais com as atletas, e levanta a importância do exemplo. Em dado momento, é abordada a importância da mídia e do televisionamento do futebol feminino para que as meninas jovens possam se inspirar e sentir que jogar futebol também é algo que elas podem sonhar em fazer.

Nas falas de todas as profissionais, durante a partida, principalmente da narradora e das comentaristas, fica nítido o estudo e o conhecimento adquirido sobre a modalidade, que é repassado aos telespectadores em momentos oportunos, através de comentários bem construídos que levam em consideração momentos e feitos anteriores ao jogo.

Desse modo, ao se olhar comparativamente para as duas transmissões, observa-se que a realizada pelo SporTV coloca, em Renata Mendonça, toda a responsabilidade pelo conhecimento a respeito do futebol feminino, enquanto Milton Leite admite, sem nenhum pudor, que não acompanha de perto a modalidade. Já na transmissão realizada pela Fox Sports e Star+, a presença de mulheres, como maioria das profissionais, coloca-as em uma posição de compartilhar a responsabilidade por esse conhecimento, podendo cada uma contribuir com suas vivências e aprendizados durante os anos em que acompanham o futebol feminino.

Também é possível notar a diferença entre as duas transmissões quando a primeira aborda apenas dados superficiais da ficha técnica de cada atleta, enquanto a segunda traz temas como saúde mental, salários e premiações e o reconhecimento através da valorização e do apoio da torcida. Ainda, é nítida a diferença de sintonia entre os profissionais do SporTV e os de Fox Sports e Star+, uma vez que o canal de televisão do grupo Globo precisa da constante presença da comentarista mulher contextualizando e fazendo correções pontuais a respeito do que é apresentado pelos demais sobre o futebol feminino, enquanto o canal de televisão fechada e *streaming* mostra uma harmonia entre seus profissionais, que conseguem construir, juntos, debates relevantes para a modalidade.

As constatações relativas ao papel dos atores masculinos, na transmissão do primeiro evento, remetem, assim, à compreensão histórica e socialmente construída de que o futebol foi concebido, originariamente, como um espaço eminentemente masculino. Dessa forma, a entrada das mulheres, nesse campo, representa, como aponta Franzini (2020), em uma relação de gênero, uma subversão da ordem ou da

lógica atribuída a esse esporte, acarretando, quanto mais sexista ou machista se mostrar a sociedade, as réplicas correspondentes.

Consciente ou inconscientemente, o discurso masculino sobre o futebol feminino acaba por reproduzir, não apenas uma divisão binária de gênero, entre o masculino e o feminino, traduzindo-se naquilo que Butler (2018), denomina como um discurso cultural hegemônico, como acaba por colocar de lado qualquer alteridade de gênero.

Em contrapartida, o discurso feminino traduz, duplamente, uma transgressão a esse mundo masculino, seja porque outrora a mídia esportiva não era um local para mulheres jornalistas, seja porque a sua inserção nesse meio permite a construção de um discurso *transgressor* que foca na capacidade e na habilidade das jogadoras.

Esses discursos, contrapostos, acabam por demonstrar, adotada uma abordagem bourdieusiana, que o futebol, no Brasil, constitui um subcampo no qual o espaço e, conseqüentemente, a própria identidade das mulheres jogadoras, está em permanente disputa.

Assim, de um lado, é reproduzido um discurso misógino, no sentido de que o corpo das mulheres, biologicamente, porque lhes falta força e habilidade e, porque carregam o destino natural de gerar outras vidas, não foi feito para a prática do futebol. De outro lado, contudo, as novas integrantes desse campo, não muito distantes no tempo da proibição de nele ingressar, afirmam, a partir das vozes de outras mulheres e, também, de suas habilidades e capacidades no campo de jogo, que esse espaço pode igualmente lhes pertencer.

É essa a disputa de poder que, atualmente, está colocada nesse campo, no qual é necessário suplantar a força simbólica a que se refere Bourdieu (2012), que é exercida sobre os corpos, que acaba por naturalizar a crença de que o futebol não é um esporte para mulheres.

Nesse ponto, a identidade das mulheres, no futebol, a partir da construção da mídia, é algo que ainda se encontra em disputa, ora trazendo resquícios dos preconceitos que sempre acompanharam esse esporte em nosso país, ora acrescentando narrativas capazes de indicar que esse espaço pode ser, igualmente, das mulheres, bem como de qualquer outro gênero, para além de uma visão exclusivamente binária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o presente estudo, foram estabelecidos objetivos a fim de compreender de que maneira os veículos de televisão SporTV e Fox Sports transmitem e ajudam a construir a identidade das atletas de futebol feminino brasileiras em suas transmissões das finais do Brasileirão e da Libertadores femininos, de 2021, respectivamente. Dessa maneira, buscou-se abordar os conceitos de identidade e de gênero, estabelecendo uma relação entre estes, o povo brasileiro e o futebol. Procurou-se, ainda, revisitar a história do futebol feminino, no Brasil, desde seus anos iniciais, até seu papel atual no esporte brasileiro. Também foi abordada a escassez das transmissões esportivas de futebol feminino, durante os anos recentes, e foi estabelecido um comparativo com a evolução do futebol masculino.

Este trabalho buscou contribuir para a área de estudo sobre o futebol feminino e também do jornalismo esportivo, por meio da análise de partidas esportivas protagonizadas por mulheres e transmitidas por canais de televisão fechada de ampla relevância. Compreendendo como se dá a construção da imagem das atletas pela mídia, buscou-se colaborar para o entendimento do papel dos meios de comunicação na construção de identidades públicas, como as das jogadoras de futebol brasileiro.

Dessa forma, conforme o estudo apresentado ao longo deste trabalho, é importante voltar o olhar ao subcapítulo “Transmissões de Futebol Feminino no Brasil”, que revela o grande descaso praticado pela mídia com o futebol feminino. As transmissões, de histórico recente e pouco investimento, mostram que ainda existe um longo caminho a ser percorrido na luta pela visibilidade, uma vez que não há uma constância nas transmissões das partidas, ano após ano, trocando com frequência os detentores de direito de cada competição, ou, até mesmo, não sendo transmitidas.

É preciso entender que tal atitude da mídia também interfere na criação de uma identificação do público para com o futebol feminino, pois é necessário fazer um esforço de busca nas plataformas digitais para encontrar informações sobre onde será transmitido determinado jogo ou competição. Esse afastamento, gerado pela mídia, limita o crescimento dos consumidores da modalidade, que passam a ser apenas aquelas pessoas que já a consumiam antes e têm conhecimento sobre a dificuldade do acesso à informação.

Também por não existir uma continuidade de edições junto à emissora que detém os direitos de transmissão de determinado campeonato, não há uma

preparação a longo prazo dos profissionais envolvidos e, dessa maneira, muitos veículos de mídia acabam apresentando uma cobertura rasa ou trazendo informações e estatísticas sem o contexto necessário, colaborando para o empobrecimento das informações sobre o futebol feminino.

O cenário apresentado acima prejudica, também, a construção da imagem das jogadoras de futebol brasileiras de forma assertiva, permitindo que ruídos ocorram entre o que essas atletas realmente são e jogam e o que é difundido sobre elas, através dos meios de comunicação. Dessa maneira, há margem para problemáticas como a replicação de definições machistas e sexistas, além de vitimizar as atletas como se a história de vida difícil, que a grande maioria teve de passar, para chegar aos gramados, fosse a única coisa capaz de defini-las.

Com base nos materiais analisados neste trabalho, conclui-se que a transmissão da partida de volta da final do Brasileirão feminino realizada pelo SporTV constrói uma imagem superficial das atletas, demonstrando uma falta de cuidado com as informações abordadas, além da ausência de conhecimento sobre o tema. Torna-se papel da única mulher entre comentaristas e narrador, Renata Mendonça, adicionar contexto e precisar informações. A emissora, por meio de seus profissionais, dissemina uma imagem de que as atletas são desconhecidas do público, delicadas, passíveis de comparação com o futebol masculino, que precisam de validação e de proteção.

Já a transmissão da final da Libertadores feminina, em jogo único, realizada pela Fox Sports, traz uma proposta efetiva de construção de identidade das jogadoras, uma vez que aborda temas relevantes, como doenças mentais, salários e visibilidade, estabelecendo um debate inserido em um contexto de proximidade com a causa. Há uma demonstração do desejo de humanizar o esporte e aproximar a essência das atletas do grande público. É formada uma imagem que valoriza os atributos individuais de cada atleta, reconhecendo-as como diferentes entre si. As características pessoais e profissionais são destacadas e apreciadas pelos profissionais, que também conseguem tecer críticas quando necessário, sem haver uma preocupação com o fato de serem mulheres. A imagem das atletas como guerreiras é disseminada, mas sem romantizar as dificuldades reais da atualidade, como a depressão.

Comparativamente, nota-se um maior cuidado com o que está sendo passado ao público, em relação à identidade das atletas, na transmissão da Fox Sports. A emissora demonstra maior sensibilidade na maneira como lida com as informações

passadas ao público, além de maior conhecimento do contexto das equipes, atletas e futebol feminino no geral. A presença majoritária de mulheres é um ponto a favor da Fox Sports, porque agrega no conhecimento da causa e na identificação com a modalidade. Nota-se um apoio e um desejo por parte da equipe de ver o futebol feminino em constante evolução, transparecendo o apoio à causa.

O SporTV, com base na transmissão analisada, precisa investir na profissionalização de sua equipe, buscando que adquiram conhecimento sobre o futebol feminino, modalidade que tem recebido cada vez mais espaço na grade do canal. Faz-se necessário um aprofundamento em relação às informações que são transmitidas ao público, para que os dados superficiais apresentados ganhem um contexto em que possam ser facilmente compreendidos como informação relevante pela audiência.

Sendo assim, a partir da pesquisa e da análise apresentadas nesta dissertação, e com base no material analisado, é possível concluir que as jogadoras de futebol feminino, ao longo das transmissões das finais do Brasileirão e da Libertadores de 2021, têm a sua identidade construída pela mídia mediante narrativa de que são guerreiras, de que têm suas carreiras construídas no Brasil, de que são parte de uma família dentro de seus elencos e, mais amplamente, dentro do futebol feminino brasileiro. Mais: que têm qualidade técnica e tática, mas que, quando erram, são protegidas para não terem que lidar com as consequências desse erro, em uma forma de antecipar e tentar evitar toda a desqualificação propagada sobre o futebol feminino nas redes sociais, em que até a menor das falhas vira o estopim para que a modalidade seja criticada, na totalidade, com a justificativa de que as mulheres não sabem jogar futebol.

Ao mesmo tempo que a mídia constrói uma imagem positiva, com base na luta que as atletas travam pela modalidade, também se apresenta uma construção preconceituosa, em alguns momentos, com o uso de termos no diminutivo, com a alcunha de “meninas”, com o descaso em compreender mais o esporte que está sendo transmitido, para contribuir com análises mais profundas para o consumo do público.

Para que o público conheça, apoie e valorize o futebol feminino, é necessário, acima de tudo, que os profissionais envolvidos nas transmissões esportivas dessas partidas abracem a modalidade e se proponham a estudá-la e entendê-la, pois só é possível levar ao público, com qualidade, aquilo que foi primeiramente internalizado pelos responsáveis por fazê-lo.

Sendo assim, é preciso que a mídia passe a dedicar, à modalidade, e a transmitir, ao público, um olhar mais amplo sobre o que essas mulheres representam para o esporte do nosso país, sendo muito mais do que guerreiras, mas também exemplos para as mais jovens, profissionais, disciplinadas, cada uma com seus atributos. O futebol feminino faz parte de uma mudança ampla na sociedade sobre o papel que a mulher ocupa. Essas problemáticas precisam, também, ser abordadas no esporte e na maneira como a imagem dessas profissionais é difundida para os espectadores.

É preciso enxergar as atletas como profissionais e saber elogiar suas qualidades, mas também apontar seus erros, quando estes ocorrem. O futebol feminino está vivendo um período de grande evolução e não necessita mais da proteção exacerbada por parte dos profissionais da mídia de possíveis críticas, mas, sim, de uma maior profissionalização e estruturação para que essas críticas possam ocorrer de maneira justa e pontual, dentro do escopo do jogo, sendo trazidas como algo construtivo, e não um ataque às profissionais e à modalidade, assim como são feitas no futebol praticado por homens.

Percebe-se como necessário, para a mídia, que se trabalhe uma visão mais crítica para quebrar os padrões de gênero enraizados em nossa sociedade, pois, somente assim, será possível atingir a igualdade. O esporte, como um meio predominantemente masculino, precisa ainda mais desse empenho para mudar a realidade atual.

Durante esse processo, o futebol feminino deve ter suas particularidades respeitadas, porque seu contexto de proibições e estrutura escassa faz com que a modalidade ainda esteja se desenvolvendo, sem estar próxima de atingir seu auge. Dessa maneira, as comparações com o futebol masculino são incabíveis e injustas, pois tratam de realidades completamente distintas no contexto do esporte, uma vez que, ao olhar para a história, vê-se que os homens sempre receberam apoio e estrutura para a prática do futebol, o que as mulheres não tiveram.

A presença das mulheres dentro dos grupos de mídia e das coberturas esportivas do futebol feminino mostrou-se fundamental. São elas que trazem uma nova narrativa sobre o futebol feminino, conseguindo se aprofundar no tema, por meio de suas vivências, do estudo e do conhecimento da causa, colaborando na construção de uma imagem justa de cada uma das atletas. Este mesmo nível de preparação e

conhecimento é apresentado por elas nas coberturas do futebol masculino e de outras modalidades esportivas.

Também, é necessário contar com os homens como aliados desta mudança necessária no cenário do futebol feminino, pois, se em uma sociedade machista como a atual, os homens só escutam outros homens, é através deles que precisamos ampliar a nossa voz para que a causa seja cada vez mais ouvida. Ainda, cabe aos jornalistas presentes na cobertura da modalidade que demonstrem profissionalismo, se preparando, adquirindo conhecimento e indo atrás de informações para entregar um trabalho de excelência, sem distinções de gênero.

Quando voltamos nosso olhar para as crescentes conquistas do futebol feminino, como aumento da audiência e do público nos estádios, a ampliação da quantidade e qualidade das partidas transmitidas em canais de televisão e internet, o reforço do investimento financeiro por parte de clubes e patrocinadores, o aumento de valores nas premiações das competições estaduais, nacionais e internacionais, o investimento em categorias de base e a profissionalização das equipes, se torna injustificável dizer que “ninguém quer ver futebol feminino”.

O presente avanço do futebol feminino traz esperanças de um futuro repleto de boas perspectivas, tanto em questão de visibilidade quanto de evolução, dentro e fora de campo, mas é preciso um olhar atento dos profissionais de mídia para usarem seu poder de maneira a contribuir para a disseminação de uma imagem precisa das profissionais que trabalham por esse esporte, em todos os âmbitos.

REFERÊNCIAS

A COPA da visibilidade para o futebol feminino. **El País**, 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/deportes/1559859959_673773.html>. Acesso em: 10 out. 2022.

A HISTÓRIA do futebol feminino no Brasil. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2021.

ASSESSORIA CBF. Novidades do Brasileiro Feminino 2017. **CBF**, 2016. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/brasileiro-feminino-2017#.WBi9AfrLIU>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ASSESSORIA CBF. Avaí/Kindermann e Corinthians abrem final do Brasileirão Feminino A-1. **CBF**, 2020. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/avai-kindermann-e-corinthians-abrem-final-do-brasileirao-feminino-a-1>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ASSESSORIA CBF. Brasileirão Feminino Neoenergia contará com transmissão exclusiva do TikTok nas redes sociais. **CBF**, 2021a. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/brasileirao-feminino-neoenergia-tik-tok>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

ASSESSORIA CBF. Final do Brasileirão Feminino Neoenergia é sucesso de audiência e repetirá horário no jogo de volta. **CBF**, 2021b. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/final-do-brasileirao-feminino-e-sucesso-de-audiencia-e-repetira-horari>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

ASSESSORIA CBF. Final histórica do Brasileirão Feminino Neoenergia consolida evolução do futebol feminino no Brasil. **CBF**, 2021c. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/final-historica-do-brasileirao-feminino-neoenergia-consolida-evolucao>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

ASSESSORIA CBF. No Twitter, Brasileiro Feminino triplica audiência e quebra recordes em 2020. **CBF**, 2021d. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/brasileiro-feminino-bate-recordes-de-audiencia-em-2020>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

ASSESSORIA CBF. Recordes de público e premiação marcam fim da décima edição do Brasileirão Feminino Neoenergia. **CBF**, 2022. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/noticias/campeonato-brasileiro-feminino/recordes-de-publico-premiacao-e-grandes-jogos-marcam-fim-da?csrf=5540073536265462239>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 246-270, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de “A influência do jornalismo” e “Os Jogos Olímpicos”. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-18, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e *performance* no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.

CAMPOS, Ana Cristina. Dia Mundial do Rádio: Unesco destaca relação do meio com o esporte. **EBC**, 13 fev. 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-02/dia-mundial-do-radio-unesco-destaca-relacao-do-meio-com-o-esporte>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

CAPELO, Rodrigo. Copa do Mundo feminina mais do que dobra audiência de edição anterior e bate recorde no Brasil. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/blog-do-rodrico-capelo/post/2019/07/05/copa-do-mundo-feminina-mais-do-que-dobra-audiencia-de-edicao-anterior-e-bate-recorde-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 17 out. 2020.

CARVALHO, Marcelo Medeiros. José Antônio. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**. Sem data. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/entrevistas/com-jose-antoni>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. Entre vira-latas e heróis, o racismo no futebol brasileiro. **Captura Críptica**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 224-248, 2023.

COSTA, Cristiane Finger; GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. Narradores de futebol do rádio de Porto Alegre, dos desbravadores aos contemporâneos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.l.], v. 17, n. 2, jul./dez. 2020.

DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo x drama de justiça social. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 54-60, nov. 1982.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 30 ago. 1994.

DAMATTA, Roberto, **Explorações**: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

DANTAS, José. Espetáculo para além das quatro linhas: as interfaces entre futebol, propaganda e autoritarismo nas copas do mundo de 34 e 78. *In*: ROCCO JÚNIOR, Ary José (Org.). **Comunicação e Esporte**: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014.

DIBRADORAS. Após recordes de audiência em 2020, futebol feminino vira aposta para TVs. **Uol**, 2021. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2021/01/04/apos-recordes-de-audiencia-em-2020-futebol-feminino-vira-aposta-para-tvs>>. Acesso em: 4 nov. 2022.

FINAL do Brasileiro feminino dá à Band sua melhor noite de domingo em 2021: emissora comemora audiência obtida com título do Corinthians sobre o Palmeiras. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/09/final-do-brasileiro-feminino-da-a-band-sua-melhor-noite-de-domingo-em-2021.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2022.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise do conteúdo. *In*: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *In*: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariani da Silva (Org.) **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: UFSM, 2020, e-book não paginado.

GEBARA, Ademir. Esporte e identidade nacional: reflexões sobre o caso brasileiro. *In*: GEBARA, Ademir; PILATTI, Luiz Alberto (Org.). **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBOESPORTE.COM. Clubes precisarão manter equipes femininas para jogar Libertadores. **Globo Esporte**, 2019. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2016/09/clubes-terao-quer-times-femininos-partir-de-2019-para-jogar-libertadores.html>>. Acesso em: 7 out. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GRANDELLE, Renato. Negros formaram ligas de futebol informais no início do século XX. **O Globo**, 28 set. 2013. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/historia/negros-formaram-ligas-de-futebol-informais-no-inicio-do-seculo-xx-10185713>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. **O comentarista esportivo contemporâneo: novas práticas no rádio de Porto Alegre**. Curitiba: Appris, 2018.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro (Org.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. Copas do Mundo: o que elas nos ensinam sobre o Brasil. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro (Org.). **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014a.

HORA, Geovanna Dourado. O racismo no futebol brasileiro: o negro limitado as quatro linhas do campo. **Revista Avesso: pensamento, memória e sociedade**, v. 3, n. 2, p. 1-18, 2022.

JOURDAIN, Anne; NAULIN, Sidonie. **A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido**. Barcelona: Paidós, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEAL, Ubiratan. Quem será o próximo Vasco, Bangu ou Ponte Preta? **Trivela**, 2013. Disponível em: <<https://trivela.com.br/brasil/quem-sera-o-proximo-vasco-bangu-ou-ponte-preta>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MACKEDANZ, Christian Ferreira *et al.* O negro no futebol brasileiro: uma revisão sistemática a partir de periódicos nacionais da EF. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, jun. 2021.

MALAIA, João Manoel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). **Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 13, p. 125-155, jan./jul. 2008.

MALULY, Luciano. Jornalismo esportivo – desafios e propostas. *In*: GURGEL, Anderson; ROCCO JÚNIOR., Ary José; MARQUES, José Carlos; GUERRA, Márcio de Oliveira (Org.). **Comunicação e Esporte**: reflexões. São Paulo: Intercom, 2012.

MARQUES, José Carlos; ROCCO JÚNIOR, Ary José. A dança das bolinhas nos potes da FIFA: análise comparativa da cobertura realizada pela mídia impressa de Brasil e Portugal a respeito do sorteio da Copa do Mundo de 2014. *In*: ROCCO JÚNIOR, Ary José (Org.). **Comunicação e Esporte**: Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014.

MARTA ganha menos de 1% do salário de Neymar; Bolsonaro diz que é o mercado, mas não é verdade; entenda. **O Globo**, 28 jun. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/celina/marta-ganha-menos-de-1-do-salario-de-neymar-bolsonaro-diz-que-o-mercado-mas-nao-verdade-entenda-24843971>>. Acesso em: 29 jul. 2023.

MARTINS, Carlos Benedito. O estruturalismo genético de Pierre Bourdieu: uma breve introdução. *In*: SELL, Carlos Eduardo; MARTINS, Carlos Benedito (Org.). **Teoria sociológica contemporânea**: autores e perspectivas. Petrópolis: Vozes, 2022, p. 237-257.

MEU TIMÃO. Final entre Corinthians e Ferroviária rende segunda maior audiência do Brasileirão feminino. **Meu Timão**, 2019. Disponível em: <<https://www.meutimao.com.br/noticias-do-corinthians/328339/final-entre-corinthians-e-ferroviaria-rende-segunda-maior-audiencia-do-brasileirao-feminino>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

MILLS, John. **Charles Miller**: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2014.

MONTEIRO, Igor Chagas; HARTMANN, Andressa; KESSLER, Cláudia Samuel. Na marca do pênalti: as trajetórias de árbitras no futebol e futsal. *In*: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariani da Silva (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: UFSM, 2020, e-book não paginado.

MOREIRA, Maria de Fátima Salum; PRADO, Vagner Matias do; CAVALEIRO, Maria Cristina. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia/MG, v. 26, n. 2, p. 524-546, maio/ago. 2019.

MOREIRA, Sonia. Análise documental. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

MOSTARO, Filipe; AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo. “A camisa pesa”: a construção da identidade do uniforme amarelo da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo. *In*: ROCCO JÚNIOR, Ary José (Org.). **Comunicação e Esporte: Copa do Mundo de 2014**. São Paulo: Intercom, 2014.

MOURA, Eriberto Lessa. As relações entre futebol, lazer e gênero. Orientadora: Heloisa Helena Baldy dos Reis. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURÃO, Ludmila; NOVAIS, Mariana. Quando o ataque é a melhor defesa: desafios e resistências na trajetória de mulheres treinadoras de futebol. *In*: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariani da Silva (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: UFSM, 2020, e-book não paginado.

MURRAY, William J. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

NEVES, Lucas. Sucesso na TV, Copa do Mundo feminina não consegue encher estádios: evento de futebol na França teve jogos com metade da taxa de ocupação. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/06/sucesso-na-tv-copa-do-mundo-feminina-nao-consegue-encher-estadios.shtml>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

NUNES, Maíra. Brasileiro feminino volta a ter transmissão na TV após dois anos em branco. **Correio Braziliense**, 2019. Disponível em: <<https://blogs.correiobraziliense.com.br/elasnoataque/brasileiro-feminino-transmissao-tv-band>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2021**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2022.

PADIGLIONI, Cristina. Mesmo tímida, transmissão da Copa feminina fez bem à Globo: emissora atingiu mais de 100 milhões de pessoas e ganhou audiência com apenas 5 jogos. **Folha de São Paulo**, 2019. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2019/07/mesmo-timida-transmissao-da-copa-feminina-fez-bem-a-g.shtml>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

PADIGLIONI, Cristina. A bola está com elas: ESPN escala mulher para futebol feminino inglês. **Folha de São Paulo**, 2022a. Disponível em: <<https://telepadi.folha.uol.com.br/a-bola-esta-com-elas-espn-envia-mulheres-a-inglaterra-para-cobrir-futebol-feminino>>. Acesso em: 4 nov. 2022.

PADIGLIONI, Cristina. Futebol feminino na Globo tem mesmo ibope que mundial masculino na Band: Semifinais: Supercopa registra índices similares aos da vitória do Chelsea. **Folha de São Paulo**, 2022b. Disponível em

<<https://f5.folha.uol.com.br/columnistas/cristina-padiglione/2022/02/futebol-feminino-na-globo-tem-mesmo-ibope-que-mundial-masculino-na-band.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2022.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, Ricardo. O esporte na televisão. In: RODRIGUES, Ernesto (Org.). **No próximo bloco...** O jornalismo brasileiro na TV e na Internet. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 296, jan./abr. 2009.

PISANI, Mariane da Silva. Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariani da Silva (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: UFSM, 2020, e-book não paginado.

POLETTI, Renata *et al.* **A transmissão esportiva no rádio**. 2015. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/analsevinci/article/download/998/97>>. Acesso em: 27 nov. 2021.

QUE HISTÓRIA! Resiste uma Libertadores feminina. **Ludopédio**, 2021. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/resiste-uma-libertadores-feminina>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

RANGEL, Patrícia. Jornalistas ou artistas? Uma reflexão crítica sobre o fazer jornalístico esportivo nos meios eletrônicos. In: GURGEL, Anderson; ROCCO JÚNIOR, Ary José; MARQUES, José Carlos; GUERRA, Márcio de Oliveira (Org.). **Comunicação e Esporte: reflexões**. São Paulo: Intercom, 2012.

REDAÇÃO DO GLOBO ESPORTE. CBF confirma para 2022 a Série A3 do Brasileiro de Futebol Feminino. **Globo Esporte**, 2021. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/pb/futebol/noticia/cbf-confirma-para-2022-a-serie-a3-do-brasileiro-de-futebol-feminino.ghtml>>. Acesso em: 7 nov. 2022.

REDAÇÃO MÁQUINA DO ESPORTE. Título da Ferroviária sobre o Corinthians gera recorde à Band. **Máquina do Esporte**, 2019. Disponível em: <<https://maquinadoesporte.com.br/noticia/titulo-da-ferroviaria-sobre-o-corinthians-gera-recorde-band>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

RIBAS, Lúcio Vellozo. **O mundo das copas**. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

RIBEIRO, Hércion. **A identidade do brasileiro: capado, sangrado e festeiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. **Efdeportes.com**, Buenos Aires, ano 8, n. 56, jan. 2002.

RODRIGUES, Bruno. Proibido 80 anos atrás, futebol feminino no Brasil evolui e busca recuperar atraso. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/04/proibido-ha-80-anos-futebol-feminino-no-brasil-evolui-e-busca-recuperar-atraso.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2022.

ROSA, Paola Ferreira. Futebol feminino rende melhor audiência às manhãs de domingo da Globo em 6 meses: Vitória do Corinthians sobre o Grêmio aumenta em 38% índices do horário em São Paulo. **Folha de São Paulo**, 2022. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2022/02/futebol-feminino-rende-melhor-audiencia-as-manhas-de-domingo-da-globo-em-6-meses.shtml>>. Acesso em: 6 nov. 2022.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SARAIVA JÚNIOR, Silvio. A interatividade esportiva na Internet: uma avaliação de como o Youtube e o Orkut transmitem as informações do esporte. *In*: MARQUES, José Carlos (Org). **Comunicação e Esporte**: diálogos possíveis. São Paulo: Artcolor, 2007.

SCHUBERT, J. Daniel. Sofrimento / violência simbólica. *In*: GRENFELL, Michael (Ed.). **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Vozes, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017.

SILVA, Giovanna Capucim e. Jogar é resistir: práticas do futebol por mulheres durante sua proibição. *In*: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariani da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: UFSM, 2020, *e-book* não paginado.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol de mulheres**: a batalha de todos os campos. Paulínia: AutorEsporte, 2018.

SPORTV.COM. SporTV entrega a maior cobertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. **SporTV**, 2016. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/07/sportv-entrega-maior-cobertura-dos-jogos-olimpicos-rio-2016.html>>. Acesso em: 13 set. 2017.

STEIN, Leandro. Como futebol e sociedade se uniram para integrar os negros. **Trivela**, 2013. Disponível em: <<https://trivela.com.br/brasil/como-futebol-e-sociedade-se-uniram-na-abertura-aos-negros-no-brasil>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

STUMPF, Ida. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista da Administração Pública**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 27-55, 2006.

THOMSON, Patrícia. Campo. *In*: GRENFELL, Michael (Ed.). **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 95-114.

TOLEDO, Luiz Henrique. Pode uma relação identitária encolher? Futebol e cultura em tempos de Olimpíadas. *In*: MARQUES, José Carlos (Org). **A Copa das Copas? Reflexões sobre o Mundial de Futebol de 2014 no Brasil**. São Paulo: Ludens, 2015.

TRINDADE, Luciano. Audiência do Brasileiro Feminino triplica nas redes sociais: partidas do campeonato tiveram média de 320 mil visualizações no Twitter. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/12/audiencia-do-brasileiro-feminino-triplica-nas-redes-sociais.shtml>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

TWITTER e CBF fecham acordo para transmissão do Brasileiro Feminino.

Marketing Twitter, 2019. Disponível em:

<https://marketing.twitter.com/pt/insights/twitter_e_cbf_fecham_acordo_para_transmissao_do_brasileiro_feminino>. Acesso em: 7 nov. 2022.

VEM aí uma renovada CONMEBOL Libertadores Feminina 2019. **CONMEBOL**, 2019. Disponível em: <<https://www.conmebol.com/pt-br/noticias/vem-ai-uma-renovada-conmebol-libertadores-feminina-2019>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

VENDITE, Caroline; VENDITE, Laércio; PALOMBO, Alan. A mídia e os recursos aplicados às transmissões de futebol. *In*: MARQUES, José Carlos (Org).

Comunicação e esporte: diálogos possíveis. São Paulo: Artcolor, 2007.

WALBY, Sylvia. Gênero. *In*: OUTHWAITE, Willian *et al.* **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 332-335.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br